Cinelândia

N.º 65 — JULHO DE 1955

2.ª Quinzena — Cr$ 7,00

BIBLIOTECA NACIONAL

RIO GRAFICA EDITORA

Algum dia
alguém que muito a quer
ofertar-lhe-á o relógio
com que V. sonha

Ω

Dois modelos exclusivos criados pelas renomadas oficinas Omega, de Genebra, centro mundial da arte relojoeira.

E aquêle venturoso instante não será esquecido por muitos e muitos anos... Seu relógio Omega será também sempre um motivo de satisfação para V., tanto pela alta precisão de seu mecanismo, como pela requintada elegância de suas linhas primorosas, do mais delicado lavor artístico.

OMEGA

RELÓGIOS FINOS PARA DAMAS DE ESCOL

OMEGA - Produto da Société Suisse pour L'Industrie Horlogère - Genebra - Suíça - Tissot

AOS LEITORES

COM a capa que apresentamos neste número, e na qual se destaca a suave figura da estrêla católica Pier Angeli, é nosso intuito render também uma homenagem ao XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, a realizar-se no Rio de Janeiro de 17 a 24 do corrente, o qual vem merecendo não só as atenções de todo o mundo cristão, como ainda a presença de milhares de peregrinos que acorrem à nossa capital para assistir ao glorioso conclave espiritual.

*

A brasileira Vera Clouzot, filha do Embaixador Gilberto Amado, e espôsa do diretor francês de "O Salário do Mêdo", surge em uma das inesquecíveis reportagens a côres que ora apresentamos como um dos assuntos de maior oportunidade no cinema internacional. Ali, contamos um pouco da bela e aventurosa vida dessa artista que, vencendo todos os obstáculos (inclusive a fragilidade do seu coração), soube chegar até ao estrelato com o seu último filme, em Paris...

*

Além dessa, temos mais as seguintes reportagens coloridas, tôdas naturalmente do máximo interêsse para vocês: sôbre Debra Paget, Jean Simmons, Shelley Winters e Ben Cooper. Como se vê, é um lote magnífico de atrações...

*

Outros artistas, igualmente queridos e de projeção, aparecem nas demais reportagens, a exemplo de Van Johnson, Audie Murphy, Barbara Stanwyck, Dan Dailey, Eva Marie Saint, etc.

Dentre essas reportagens há uma que, decerto, emocionará bastante os leitores. Trata-se daquela que se refere à veterana Barbara Stanwyck e que se intitula "Nunca tive uma boneca". Realmente, a ex-espôsa de Bob Taylor teve uma infância paupérrima, nos cortiços de Nova York, e, se triunfou depois, espetacularmente, em Hollywood, isso se deve apenas à sua formidável fôrça de vontade, que superou tôdas as dificuldades encontradas no início da sua vida e até à mocidade.

*

Prossegue brilhantemente o concurso para "Miss Cinelândia 1955", com muitas e novas adesões diárias de candidatas de todos os Estados. Leiam a reportagem que damos habitualmente sôbre o certame, e vejam com que sucesso se vai desenvolvendo o prélio entre as mais formosas jovens do Brasil que aspiram à carreira cinematográfica...

*

No próximo número teremos reportagens a côres com as artistas Ava Gardner, Audrey Hepburn, Marilyn Monroe, Debbie Reynolds, Grace Kelly, e outras reportagens com: Greta Garbo ("A Divindade Relutante"), Marlon Brando, Bing Crosby etc.

*

Não percam o próximo número de CINELÂNDIA, e jaçam com que tôdas as pessoas das suas relações conheçam essa nossa revista, que é sem dúvida uma das melhores do mundo no seu gênero, de divulgação de coisas do cinema.

Cinelândia

N.º 65 — JULHO DE 1955 — ANO IV

(2.ª QUINZENA)

★ Reportagens COLORIDAS

POR QUE FIQUEI RUIVA (Debra Paget) 26
A FÔRÇA DA FRAGILIDADE (Vera Clouzot) 30
A VIDA DE UMA ESPÔSA SAUDOSA (Jean Simmons) 34
LOURA EXPLOSIVA (Shelley Winters) 38
OS DOIS AMORES DE BEN COOPER 42

★ REPORTAGENS Especiais

SOB A APARÊNCIA FRÍVOLA DO GLAMOR 11
HISTÓRIAS DE UM SOLDADO NANICO (Audie Murphy) 20
É UM HORROR MINHA GENTE! (Van Johnson) 28
NUNCA TIVE UMA BONECA (Barbara Stanwyck) 32
LUA-DE-MEL A CAVALO (Dan Dailey) 36
EVA DISSE NÃO! (Eva Marie Saint) 40

★ Atualidades

OS ESPIÕES DE "CINELÂNDIA" EM HOLLYWOOD, por Louella Parsons 12
O QUE HÁ DE NOVO 16
MISS CINELÂNDIA — 1955 18
ACONTECEU NA EUROPA 22
FILMES NOVOS 24
ACONTECEU NO BRASIL 44
O QUE EU VI NOS ESTÚDIOS, por Zenaide Andréa 46

★ Seções DIVERSAS

INDISCRIÇÕES DE "CINELÂNDIA" 4
POEIRA DE ESTRÊLAS 5
DISCOS NOVOS 50
PARA A SUA BELEZA 61
CANTANDO NO CHUVEIRO 63
PALAVRAS CRUZADAS 65

★ CAPA

ANA MARIA PIER ANGELI, estrêla da M. G. M.

Diretor — ROBERTO MARINHO
Secretário — DJALMA SAMPAIO
Gerente — RUBENS DE OLIVEIRA

Preço para todo o Brasil, Cr$ 7,00
Número atrasado, Cr$ 8,00
Assinatura Anual Sob Registro: Cr$ 180,00

Correspondentes especiais em Hollywood e na Europa. Acordos exclusivos com Dell Publishing Company e Fawcett Publications, Inc., dos Estados Unidos.

Propriedade da RIO GRÁFICA E EDITÔRA LTDA. — Redação e Administração: Rua Itapiru, 1209 — Rio de Janeiro, Brasil. — Telefone: 34-2000 (rêde interna). Caixa Postal N.º 4.602 — Assinaturas e Publicidade: Avenida Rio Branco, 277 — 13.º andar - Sala 1.301 — Telefone 42-1046. Sucursal de S. Paulo: Avenida Ipiranga, 1071 - 2.º andar - Salas: 211 e 212 — Telefone: 35-2399. Distribuidores em S. Paulo: Agência Siciliano — Rua Dom José de Barros n.º 323, tel.: 34-7866. Representantes em Portugal e Colônias: Livraria Latina Editôra — Pôrto.

6 BELAS CÔRES FASCINANTES:

- ★ Tangerine
- ★ Capricorne
- ★ Rose du Matin
- ★ Rouge d'Avignon
- ★ Bósforo
- ★ Equatorial Red

Baton margareth duncan

vive mais: em seus lábios e na sua lembrança.

TAMBÉM NOVO!

PÓ FACIAL
margareth duncan

Leve e impalpável, lembra uma caricia fragrante.

CREME ROUGE
margareth duncan

dará mais vivacidade e realce à expressão de seu rosto.

INDISCRIÇÕES DE ★ Cinelândia

Eis a verdade sôbre a gente do cinema, tal como vocês querem saber. Desejam apurar algum boato? Querem alguma informação? Escrevam para "Indiscrições de CINELÂNDIA", à rua Itapiru, 1209, e aguardem a resposta.

P — Qual a idade de Gary Merril, o marido de Bette Davis, e onde nasceu êle? (J. F. — Lins).

R — Tem 40 anos de idade e nasceu em Hartford, nos Estados Unidos.

P — Que coisas são necessárias para uma pessoa ser artista de cinema? (M. A. P. — Pelotas).

R — Para uma mulher ser artista de cinema precisa talento, beleza, uma boa cultura geral, persistência, coragem e muita sorte.

P — Qual a idade do ator do cinema francês Jean Gabin? (R. S. — Uberaba).

R — Nasceu a 17 de maio de 1904.

P — Qual a idade de Philip Carey? Êle é casado? Tem filhos? (L. N. — Rio).

R — Nasceu a 15 de julho de 1925, é casado e tem dois filhos: um rapaz e uma menina.

P — Mari Aldon é americana? (G. C. — Taubaté).

R — E' canadense. Nasceu em Toronto.

P — Que música toca o pianista no filme "Rapsódia", da M.G.M.? (W. A. — S. Paulo).

R — O 2.º Concerto para piano de Rachmaninoff.

P — Que altura tem o ator Randolph Scott? (R. N. — Rio).

R — Um metro e 88 centímetros, e pesa 86 quilos.

P — Quantas vêzes Linda Darnell já foi casada, e com quem? (S.M.P. — Santo Amaro).

R — Duas vêzes: com Peverill Marley, de quem se divorciou em 1951 e com Philip Liebmann, com quem se casou em fevereiro de 1954.

P — Que idade tem, e onde nasceu o ator Gino Cervi, do cinema italiano? (A. M. — São Paulo).

R — Nasceu na cidade de Bolonha, na Itália, a 3 de maio de 1901.

P — Quais foram os artistas principais do filme "Duas Semanas de Prazer"? (N. F. — São Paulo).

R — Bing Crosby, Debbie Reynolds e Fred Astaire.

P — Errol Flynn é casado ou solteiro? Qual a sua idade, e onde nasceu? Onde trabalha atualmente? (M. — Rio Formoso).

R — Nasceu em Hobart, na Tasmania (Austrália), a 20 de junho de 1909, e estudou na França e na Inglaterra. E' casado com a artista Patricia Wymore, e trabalha atualmente na Europa, sem muito sucesso.

P — Montgomery Clift tem mesmo 1,83 de altura, conforme CINELÂNDIA publicou? (M. — Porto Alegre).

R — Tem realmente 1,83 de altura e pesa 71 quilos.

P — Qual a idade e o estado civil do ator espanhol Jorge Mistral? (S. S. — Rio).

R — Nasceu em Valência, na Espanha, a 24 de novembro de 1920. Casou-se a 10 de dezembro de 1949 e tem dois filhos.

P — Montgomery Clift fala o português? Qual o seu enderêço particular? (M. E. L. — Campina Grande).

R — Não fala o português. Os artistas **nunca** fornecem aos fans os seus endereços particulares.

P — Qual a idade de Julia Adams? (A. C. M. — Ouro Fino).

R — Nasceu na localidade de Waterloo, nos Estados Unidos a 17 de outubro de 1926, e chama-se na realidade Betty May Adams.

PARA ESCREVER AOS ARTISTAS

Na maioria das vêzes as cartas chegarão às mãos dos artistas, se endereçadas aos cuidados do estúdio onde fizeram os seus filmes mais recentes. Se não conseguirem identificar êsse estúdio, escrevam então para: Screen Actores Guild — 7046 Hollywood Blvd — Hollywood, 28 — California — U.S.A.

Allied Artists, 4376 Sunset Drive, Hollywood — California — U.S.A.

Columbia Pictures, 1438 N. Gower St., Hollywood — California — U.S.A.

Goldwyn Studios, 1041 N. Formosa Ave., Los Angeles — California — U.S.A.

M.G.M., 10202 W. Washington Blvd., Culver City — California — U.S.A.

Paramount Pictures, 5451 Marathon St., Hollywood — California — U.S.A.

RKO Studios, 780 Gower St. Hollywood — California — U.S.A.

Republic Pictures, 4024 Radford Ave., N. Hollywood — California — U.S.A.

20th Century-Fox, 10201 W. Pico Blvd. Beverly Hills — California — U.S.A.

United Artists, 8272 Sunset Pico Blvd., Hollywood — California — U.S.A.

Universal-International, Universal City — California — U.S.A.

Warner Brothers Studios, 4000 W Olive Ave., Burbank — California — U.S.A.

Poeira de ESTRELAS

A robusta Silvana Pampanini, ao passar por Hollywood a caminho da Itália, de volta da sua viagem à América do Sul, convidou Humphrey Bogart e Clark Gable para uma recepção. Nem um nem o outro aceitaram, porém, o convite, coisa aliás muito natural, porque Silvana tinha declarado à imprensa que jamais representaria em Hollywood, "onde os Bogarts, os Gables e outros velhotes do gênero, parecem mais pais das estrêlas do que galãs dos filmes". Gable, bem educadamente, declarou que não aceitava porque tinha de embarcar para o México, mas Bogart justificou-se com simplicidade, alegando que a sua avançada idade o impedia de aceitar convites dêsse gênero e sugeriu que fôssem chamados em seu lugar Michael Ray e Tommy Retting, artistas meninos de doze anos cada um.

A pobre artista italiana Anna Maria Alberghetti estava um dia dêsses no estúdio, em Hollywood, com terríveis dores no pescoço e nas espáduas, vítima de um torcicolo. E' que ela no filme "Legionários do Texas" passou filmando três horas a fio uma cena de amor com Sterling Hayden, e distendeu vários músculos do pescoço! A pobrezinha tem apenas 1,62 de altura, enquanto Hayden mede 1,93...

Estão estudando em Hollywood a possibilidade de reunir num mesmo filme Ginger Rogers, Bette Davis e Joan Crawford. Levando-se em conta que as três estrêlas são vaidosíssimas, famosas e temperamentais, acredita-se que o estúdio tenha de publicar diàriamente um comunicado de guerra, anunciando a marcha das atividades bélicas no set de filmagens...

*

Quando foi rever o filme "Marguerite Gauthier, a Dama das Camélias", que havia feito ao lado de Greta Garbo, em princípios de sua carreira, Robert Taylor não conseguiu esconder o seu espanto: "Que extraordinária atriz!", exclamou êle. "E pensar que mal prestei atenção nela em 1936, quando assisti ao filme da primeira vez... Naturalmente porque naqueles bons tempos eu só tinha olhos para contemplar o meu próprio trabalho!"

Ao que parece, a estrêla do jovem ator Robert Wagner cresceu depressa demais... a ponto de explodir. E, não se sabe bem por que, o pobre rapaz está "na cêrca" do estúdio, há oito meses sem fazer um filme sequer, e roendo as unhas de desespero...

Popelinita

tôdas as vantagens da lonita e da popeline

Num NOVO e maravilhoso tecido

- Mercerizado e brilhante, em 10 cores modernas que não desbotam
- Macio, flexível, resistente e encorpadò
- Apresentado em dois tipos: ondulado, para toilette; liso, para trajes esportivos e passeio
- Feito com fio de algodão Seridó — o melhor do mundo!

À venda nas boas casas do ramo!

Um produto das Indústrias Gasparian S.A.

Adeus assaduras!

Apenas algumas gôtas do puro Óleo Johnson para Crianças, aplicadas sempre que trocar as fraldas, formam uma fina camada protetora. Isto evita que a urina entre em contato com a pele delicada do bebê e cause assaduras.

Ninon Sevilla

A irrequieta estrêla do cinema mexicano nasceu em Cuba, chamada "a pérola das Antilhas", há vinte e cinco anos, de acôrdo com os seus próprios cálculos e a ficha "oficial" dos estúdios em que trabalha...

Possui ela um temperamento super-dinâmico; está sempre em movimento, e o seu entusiasmo por tudo quanto a cerca é algo que espanta e contagia os mais indiferentes ou serenos dos seus amigos e simples conhecidos. Podemos nós, seus admiradores brasileiros, aquilatar bem dessa sua maneira de ser, não só pelos filmes em que tem atuado, como porque a conhecemos de perto, de quando aqui veio para estrelar o filme mexicano "Aventura no Rio" (no qual estreou a estrêla nacional Glauce Rocha, num pequeno papel) — e da sua presença no Festival de Cinema efetuado em São Paulo, em 1954. Adorável e buliçosa, Ninon, se apresta para retornar ao nosso convívio, desta vez para ser a estrêla de uma história tìpicamente brasileira ("Vasante", de José Mauro de Vasconcelos), numa co-produção da companhia "Artistas Associados".

Vejamos agora como foi "descoberta" essa atriz de tamanha repercussão, que a Pelmex já apresentou em tantos sucessos de bilheteria, por aqui. Músico, poeta e também ator de cinema, Agustin Lara logo percebeu que vedette cinematográfica seria a "rumbera" Ninon Sevilla, que então surgia espetacularmente no México, trazendo no corpo moreno e bem feito ritmos sensacionais e escaldantes. Lançou-a então no cinema, e a sua vitória foi instantânea. "Perdida" constituiu um dos maiores êxitos de bilheteria da nova estrêla, tendo sido superado, anos depois, por "Aventura no Rio", e, mais tarde, por outras películas. Dentre os seus primeiros filmes de sucesso, está também "Vítimas do Pecado", com Tito Junco, Rodolfo Acosta, Columba Dominguez e o garoto Poncianito. A célebre dupla mexicana Fernandez-Figueroa era a responsável por essa fita, que tanto firmou o prestígio de Ninon junto aos fans.

Dentre os seus últimos filmes podemos destacar "Mulheres Sacrificadas", com Roberto Cañedo, Victor Junco e Anita Blanch, sob a direção de Alberto Gout, e que é colorido; "Não Nego Meu Passado", também com R. Cañedo, e mais Luis Aldas e Cesar del Campo; e "Leva-me Em Teus Braços", realização de Júlio Bracho, com fotografia de Figueroa, e tendo no elenco Armando Silvestre, Rodolfo Acosta, Carlos Lopez Moctezuma e Andrés Soler, filme êste que fêz parte da seleção mexicana ao Festival de São Paulo.

Ninon Sevilla deverá ser companheira de Jean Gabin, num próximo filme francês, pois assinou vultoso contrato com um produtor de Paris, recentemente.

Um Talco qualquer? NUNCA!

Tôdas as mãezinhas sabem que a pele delicada do bebê exige um talco especial... um talco puro, suave, feito para o bebê.

É por isto que as mãezinhas do mundo inteiro compram mais Talco Johnson para Crianças do que qualquer outra marca.

Apresentamos

as novas geladeiras FRIGIDAIRE

MARCA REGISTRADA

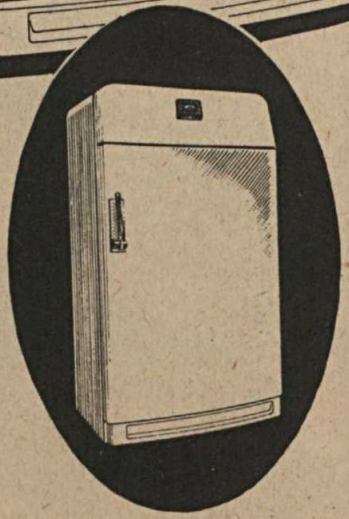
a última palavra em refrigeradores domésticos!

Mais espaço, é o que distingue desde logo os novos e belos modelos Frigidaire. Fabricados com matéria-prima e mão-de-obra nacionais, dentro dos mesmos padrões técnicos que distinguem o nome Frigidaire no mundo inteiro, as novas Frigidaire equiparam-se em qualidade e luxo aos melhores refrigeradores importados.

NOVAS CARACTERÍSTICAS

As novas Frigidaire oferecem a você maior espaço interno para armazenamento. Dotadas de três prateleiras na porta que permitem guardar de uma só vez uma dúzia e meia de ovos, bojões, mamadeiras etc., apresentam uma área útil muito maior que a dos refrigeradores comuns.

ODR 95 Luxo – Modêlo luxuosíssimo e de grande beleza, provido de prateleiras douradas e gavetas de gêlo em côres. Aparência idêntica aos modelos importados.



3 NOVOS MODELOS À SUA ESCOLHA

OMR 97 Master - 9,7 pés cúbicos de espaço útil, com dois hidratores e gaveta de carne. Ideal para famílias numerosas.

OMR 79 Master - 7,9 pés cúbicos de espaço útil, com um hidrator e gaveta de carne. Ideal para famílias de tipo médio.

A linha de refrigeradores Frigidaire, a maior já produzida no Brasil, oferece-lhe ampla variedade de modelos à sua escolha. Em todos os modelos dessa belíssima linha você encontra sempre a garantia de qualidade da famosa marca Frigidaire, o maior nome na indústria mundial de refrigeração.

V. adquire qualidade quando compra **FRIGIDAIRE**

Os Concessionários Frigidaire lhe oferecem assistência técnica permanente através de técnicos em refrigeração especialmente treinados nas Escolas mantidas pela General Motors do Brasil.

Produto da

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

CONCESSIONÁRIOS AUTORIZADOS EM TODO O PAÍS

Você Se Sente Melhor!

Sua aparência melhora... Você vive melhor!

APROVEITE seus dias com alegria e com aquela disposição que torna tudo mais belo... mais fácil! Tudo parece melhor e mais simples quando se dorme bem — quando se tem o sono reparador que só um colchão de molas cientificamente construído pode proporcionar. Adquira o colchão *certo* para o seu confôrto — escolha um dos três tipos de Divino — os melhores em suas classes.

DIVINO de Luxo — *o Colchão das Estrêlas.* Um legítimo colchão de luxo a preço popular! Com crina animal. Molas travadas com Flex-o-Loc, 100% silencioso. Moldura resistente em fita de aço. Garantido por 6 anos.

* **DIVINO Super** — *Calor e Frio.* Com 8 ventiladores laterais plásticos. Com faces especiais para calor e frio. Molas eletrônicamente temperadas. Armação de aço super-reforçada. Revestimento de grande resistência. Garantido por 5 anos.

DIVINO "Mola Mágica". Nenhum outro apresenta tantas qualidades por preço tão reduzido! Dotado da famosa "Mola Mágica" — indeformável e de grande resistência, oferece sempre o máximo confôrto! Garantido por 3 anos.

Visite seu Revendedor **Probel**

* Colchão de Molas Divino Super, colocado sobre um Estrado de Molas Estofado

Adquira o Seu DIVINO *e goze Novo Confôrto!*

ARMAÇÕES DE AÇO **PROBEL** S. A. — *Pioneira da industrialização do confôrto no País*

Fábrica: Rua Vilela, 307 (Tatuapé) — Tel. 9-0927 (PBX) — Caixa Postal 1.711 — São Paulo

COLECIONADOR DE ÁRVORES

O jardim parece uma floresta

Em vez de selos, Glenn Ford prefere as árvores

Glenn Ford coleciona árvores da mesma forma que outras pessoas colecionam selos. O terreno que rodeia a sua casa de Beverly Hills tem tudo quanto é árvore, arbusto, ou planta, capaz de dar-se bem no clima tropical da Califórnia.

Há dezesseis espécies diferentes de pessegueiros, uma bananeira (que não dá bananas, porque o calor não é suficiente), uma nogueira, avelaneiras, amendoeiras, e centenas de muitas outras árvores.

Glenn é um gênio para fazer crescer árvores. De uma feita, tendo plantado uma porção de mudas de abacateiro, inventou um modo de ligar um pequeno cano ao sistema de água quente da casa, a fim de que as mudas pudessem ser aquecidas com uma rega morna durante as noites frias. Eleanor passou semanas queixando-se da falta de água quente, mas, quando descobriu o motivo, os abacateiros já não precisavam mais de tais cuidados.

Aos seis anos, Pete Ford (que agora tem dez) cismou de não querer comer fruta. Glenn trouxe-lhe logo sementes de pessegueiros, laranjeira, "grapefruit", e figueira, e deixou que Pete as plantasse. Desde então, o garôto nunca mais fêz cara feia para comer fruta. Pelo contrário, está sempre perguntando quando é que as frutas "dêle" — as frutas das suas quatro árvores — vão amadurecer.

No momento, Glenn está às voltas com um grande problema: — "Quase que não há espaço para mais uma árvore sequer, e já me prometeram uma magnólia do Mississipi e duas figueiras anãs. Fora outras, que eu gostaria de ter também. O jeito vai ser plantar as figueiras à beira da piscina, mas depois disso...

Depois disso, Glenn provàvelmente tratará de comprar o terreno vizinho ao seu. Como todo o mundo sabe, colecionar é uma mania!

O EXAUSTOR

Contact

evita estas coisas que a senhora detesta:

NOVAS CARACTERÍSTICAS:

- Maior capacidade de aspiração.
- Mais fácil de limpar: ao retirar-se a grade frontal com o motor, desliga-se simultaneamente a tomada de corrente.
- Uma lâmpada piloto, vermelha, indica quando está ligado.
- Côr creme, combinando com qualquer ambiente.

Janelas engorduradas...

Paredes encardidas...

Cortinas pretas de gordura...

"Cheiro de cozinha" no interior da casa...

SOVIC

SOCIEDADE DE VENDAS E INSTALAÇÕES CONTACT LTDA.

SÃO PAULO: Rua Dr. Cesário Mota Junior, 383 - fone: 33-4725
RIO DE JANEIRO: Av. Churchill, 109 - fone: 22-1692

J.V.

"FASCINANTE: *apreciar a transformação da minha pele"*

Sua cútis aparentará o máximo de perfeição

"Nunca vi minha pele tão clara"

Não permita que poros dilatados lhe prejudiquem a aparência

Poros dilatados, pele macilenta... É preciso remover as impurezas que se acumulam e obstruem os poros. Use o Creme C Pond's: sua cútis ficará de uma aparência mais loução, mais fresca, mais suave.

"Uma sêda... que sensação maravilhosa"

"É impossivel não verificar a diferença em minha pele"

Pele áspera? Saiba-lhe as causas... e os meios de combatê-la

O calor, o vento, o sol, a fadiga, as preocupações absorvem o óleo e a umidade naturais de sua pele. Você precisa, *todos os dias*, compensar essa falta. O Creme C Pond's substitui à perfeição aquêle óleo e umidade que mantêm a cútis macia e juvenil.

O mais rápido, o mais fácil, o mais seguro tratamento de beleza!

1. Passe o Creme C Pond's firmemente, com movimentos circulares, para cima e para fora, do pescoço à testa. Retire-o.
2. Uma fricção com os dedos embebidos em Creme C Pond's. Deixe uma leve camada, para proteger a cútis. Adquira hoje mesmo o seu pote de Creme C Pond's.

Declara a **Marquesa de Queensberry**, da aristocracia britânica:

"Não poderia dispensar o Creme C Pond's. Torna a minha cútis tão suave e juvenil! É realmente maravilhoso".

O Creme C Pond's pode também ser encontrado agora nos potes *tamanho econômico* - que lhe oferecem o dôbro de creme por um pequeno acréscimo no preço.

Ann Blyth, Vic Damone e Pier Angeli mandaram dedicatórias especiais congratulando-se com os católicos brasileiros

SOB A APARÊNCIA FRÍVOLA DO GLAMOR

Irene Dunne, o bispo Fulton J. Sheen, Louella Parsons e o Cardeal-Arcebispo J. Francis A. McIntyre, durante uma festa

Anna Maria Alberghetti canta nas festas religiosas realizadas em Los Angeles

Hollywood, com a sua legenda dourada de divórcios e pecadilhos frívolos, ficou na imaginação da maioria dos fans como se fôsse a última cidadela pagã num mundo que mesmo correndo atrás do progresso material, jamais se esquece das leis da espiritualidade, e que procura, cada vez em maior escala, aproximar-se de Deus e guiar os seus próprios passos para o futuro de acôrdo com os preceitos cristãos, — conforme nos dá exemplo a realização do atual XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, no Rio de Janeiro, numa das mais imponentes demonstrações de fé universal de todos os tempos.

Para muita gente, que só conhece a vida dos artistas de cinema através da propaganda irreverente que é feita dos seus alardeados romances, dos seus parties e outros folguedos mundanos, da vaidade ou da impudicicia dos seus trajes — e até de alguns dos seus vícios! — os astros e as estrêlas devem ser, na realidade, criaturas sem sentimentos mais duradouros: pobres sêres humanos desprovidos da sua verdadeira humanidade e entregues apenas ao gôzo das coisas terrenas...

Em meio a essa regra geral, os menos pessimistas lembrarão, decerto, algumas exceções. E uma delas será, não há dúvida, a da doce Pier Angeli, cuja religiosidade tem sido focalizada com mais freqüência pela imprensa, em tôda parte. Fora daí — de alguns poucos casos isolados — Hollywood não terá salvação... E o mesmo acontecerá com outros centros cinematográficos, como os de Roma e de Paris — concluem êles — achando, porém, que está tudo certo, que ser artista é isso mesmo, que representar na tela confere a essas pessoas de carne e osso, como nós, o direito de não possuir uma alma própria, de não sentir nem o céu nem a terra como quase todos sentimos, de viver acima do bem e do mal, de sòmente amar o que é profano e o que morre conosco...

Não devemos culpar os que formulam tão errôneo juízo... As aparências, mais uma vez, enganam. Talvez Hollywood concorra, sem querer, para essa (Conclui na pág. 56)

os espiões de Cinelândia em Hollywood...

Chegou a primavera a Hollywood, com novas crianças,

Christopher Edward Wilding posa para a sua primeira foto, com Liz e Mike. Liz já se refez totalmente da doença que teve por ocasião do parto, e vai filmar "Giant", no Texas.

Janet Leigh levou seus simpáticos pais, o sr. e a sra. Fred Morrison, para jantar num restaurante. Os dois não pareciam preocupados com a filha, embora muita gente esteja.

Rosemarie Bowe e Robert Stack andam ultimamente sempre juntos, e fala-se num grande romance. Os dois formam um simpático casal e parecem gostar da companhia um do outro.

Estamos começando a reparar em Kim Novak sempre ao lado de Kerwin Matthews, o rapaz que representa José no filme "José e seus Irmãos". Mas Kim gosta é de Mack Krim.

louella parsons

nos informa:

RITA HAYWORTH deixa-se dominar completamente pelos homens que ama, e quanto a isso ninguém tem mais dúvidas. A escrita começou com o marido número um, Ed Judson, continuou com o número dois, Orson Welles, com Aly Khan, o terceiro e agora com Dick Haymes, o número quatro.

Na casa de Jerry Wald, chefe de produção da Columbia, teve lugar uma cena muito expressiva, poucos dias antes de Rita ter anunciado que não trabalharia em "Joseph An His Brethren" porque o filme estava demorando muito a começar.

Wald pedira a Rita que fôsse à sua casa passar os olhos no script do filme, e quando ela chegou, não estava sòzinha. Dick Haymes a acompanhava.

Um tanto irritado, Wald explicou a Dick que se tratava de um assunto comercial que só interessava a Rita, pedindo-lhe que esperasse até que êles acabassem a conversa.

— Não me retirarei — respondeu Haymes. — Os negócios de minha mulher me interessam também.

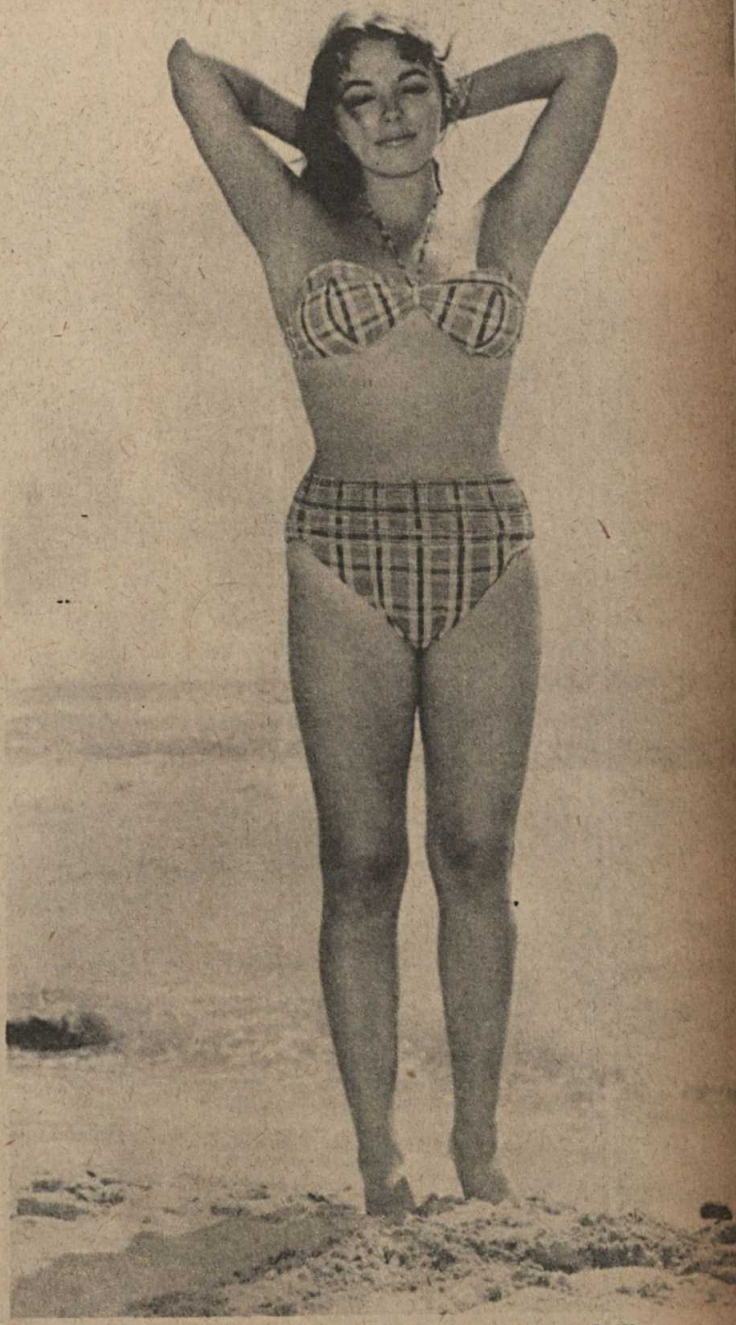
Ao que parece, não estando satisfeito com a marcha das filmagens, e talvez até com o script, Dick aconselhou Rita a desistir.

Que é que esta pequena, inegàvelmente uma estrêla de primeira, está fazendo à sua carreira?

JAMAIS ACREDITAREI que Susan Hayward tenha realmente querido suicidar, muito embora o fato tenha sido registrado na polícia como tentativa de suicídio. Para mim, Susan estava muito nervosa por causa das suas questões com Jess Barker, e tomou sedativo em excesso ao procurar conseguir um pouco de paz de espírito, antes de se ini-

Corinne Calvet e Jeffrey Stone tiveram complicações para poder casar! O passaporte da estrêla não estava em ordem, mas resolveram tudo no consulado americano de Tanger.

Jeffrey Hunter tem saído na companhia da bonita Peggy King, a moça que canta nos shows de George Gobel, com a voz e a aparência de Judy Garland. Jeff anda contente...



Se essa é a primeira vez que você está vendo Joan Collins, não será a última. Ela está fazendo sucesso em Hollywood, e "Land of the Pharaohs" vai colocá-la no rol das estrêlas.

ciarem as filmagens de seu novo filme, "I'll Cry Tomorrow".

Tenho levado muitos choques na minha longa vida de repórter, mas confesso que meu coração quase parou quando me disseram que Susan se achava internada no hospital, por haver ingerido sedativo em demasia.

Em 1939, Susan excursionou comigo pelos Estados Unidos, juntamente com Jane Wyman e Ronald Reagan, quando nenhum dos três sonhava ainda em atingir as glórias do estrelato. Susan era a moça mais alegre e feliz do grupo.

— Ainda serei uma grande estrêla, "mamãe" — dizia-me sempre.

Mas nem o êxito e nem o casamento trouxeram felicidade a Susan. Só no carinho dos seus filhos gêmeos, e no devotamento de sua mãe, encontrou ela forças para prosseguir na luta contra Jess.

Tenho a absoluta certeza de que a sua estupenda coragem só a abandonou naquela noite fatal em que a polícia a encontrou sem sentidos no chão de sua residência.

Conhecendo Susan como a conheço, só posso acreditar que isto tenha sido um trágico acidente em sua tentativa de procurar o repouso de que tanto necessitava.

DE BEATRICE FARRADAY, de Londres, recebemos uma carta muito elogiosa sôbre Debbie e Eddie:

"Fiquei por conta quando li um recorte de jornal, que me foi enviado por uma amiga de Nova York, sôbre a maneira como um crítico londrino "desancou o pau" em Eddie Fisher, quando êle se apresentou no teatro Palladium, aqui em Londres. Só tive conhecimento do fato por intermédio do recorte, porque nessa ocasião os jornais de Londres estavam em greve.

"Mas o tal crítico mandou para os jornais americanos uma reportagem que dá uma impressão totalmente falsa do maravilhoso Eddie Fisher, que nos encantou a todos, inclusive nossa formosa Rainha.

"Escreveu êle que Eddie perdeu a linha e desandou a contar piadas tolas por não ter sido aplaudido pelo público. Não ter sido aplaudido! A casa quase vinha abaixo quan-

do êle terminava um número. Sei disso porque compareci à estréia e ainda fui vê-lo em outras noites.

"Também esperei na rua que Eddie saisse do teatro com sua linda noiva, Debbie Reynolds. Ambos foram muito amáveis com o público, assinando uma infinidade de autógrafos e chegando até a trocar idéias sôbre os seus planos de casamento.

"Ficaria grata se a senhora publicasse a minha carta, a fim de que os fans americanos fiquem sabendo que nós, fans londrinos, gostamos tanto de Eddie e Debbie quanto vocês. Muito obrigada".

NÃO PERMITIREI mais que se continue a dizer que Grace Kelly é uma mulher fria, indiferente, e que não tem senso de humor.

Grace é responsável por uma das coisas mais agradáveis que já me aconteceram, ou melhor, talvez eu deva dizer que ela transformou uma noite memorável da minha vida num acontecimento ainda mais agradável.

O Variety Club de Las Vegas (um grupo internacional de artistas que se dedica a fazer a caridade às crianças) ia-me homenagear com um banquete, ocasião em que me seria conferido o "Prêmio do Reconhecimento".

Um dos rapazes promotores da festa achou que a coisa ficaria mais interessante se Grace, que conquistara o prêmio da Academia como a melhor atriz do ano, e passava as férias em Las Vegas em companhia do casal Cary Grant, fizesse a entrega do prêmio.

— Não creio que ela possa vir — declarei. — Grace e os Grants só ficarão aqui até domingo, e o jantar é na segunda-feira.

Mesmo assim o meu amigo foi falar com Grace.

— Ficarei com o maior prazer — respondeu ela. — Eu sei que coisa maravilhosa é a gente receber um prêmio dêsses, e estou muito contente por causa de Louella.

Cary Grant e sua espôsa também ficaram, e eu nunca vi uma criatura rir tanto quanto Grace Kelly no grande show que os artistas de Las Vegas organizaram para nós. Além disso, foi uma bonequinha perfeita, posando pacientemente para dezenas de fotógrafos.

Mas Grace conquistou realmente meu coração quando quase rolou pelo chão de tanto rir, depois que voltamos à nossa mesa e Betsy Drake, espôsa de Cary, não tendo ouvido o seu nome quando o mestre de cerimônias a apresentou ao público, pôs-se de pé e se aplaudiu com fervor, julgando naturalmente que se tratasse de outra pessoa.

Com os olhos rasos d'água de tanto rir de sua amiga, Grace disse:

— Nunca me diverti tanto em minha vida.

— E eu raramente tenho recebido um gesto tão amável de uma criatura tão encantadora, Grace.

DONALD O'CONNOR parece ser um Caso Perdido. Acho, pequenas, que vocês o terão que deixar de lado como boa prêsa matrimonial.

— Duvido que me torne a casar outra vez — disse-me êle. — Entre artistas, as possibilidades de sucesso no casamento são mínimas. Depois, há muita pequena bonita por aí dando sopa... **(Conclui na pág. 54)**

Eis as primeiras fotos de Jack Webb trabalhando no maior BLUES". Jack em ação é um espetáculo... trabalha como

No elenco estão incluídas crianças, que Jack adora. Êle gosta de tudo perfeito, e gasta horas cuidando dos mínimos detalhes. Mas é bem paciente.

Jack ficou contente de obter o concurso de Ella Fitzgerald para o filme. Ela não é só grande cantora como excelente pessoa. O filme é sôbre jazz.

A cantora Peggy Lee também representa. Jack sonhava com êsse filme há dez anos, e afinal conseguiu dinheiro bastante para fazê-lo como queria.

dos seus filmes, "PETE KELLY'S vinte, e está sempre bem humorado

Êle cuida pessoalmente de tudo, inclusive da produção e da fotografia do filme

Teddy Buckner e Matty Mattock ficaram assombrados com a arte de Jack

Jack Webb acaba cansado no fim do dia, e por isso Dorothy foi ao México

Mulher ou Camafeu ?

Marfim imaculado!

O encanto dos modelos... para você também!

1. Comece com a pele impecável. *Duas* limpezas, seguidas de refrescante loção tônica, são indispensáveis. Retire o creme de limpeza com lenço-papel YES. Aplique a base, incluindo colo e pescoço, distribuindo-a bem com os dedos. Compacta, líquida, creme – depende da sua compleição. Evite o artificialismo de máscara, removendo o excesso com YES.

2. Deixe a base assentar. Aplique o rouge, se quiser. Agora, com esponja limpa e macia, distribua uma rósea nuvem de pó. Use-o em vários matizes: mais claro, para esconder olheiras; mais escuro, para diminuir o queixo ou o nariz. Tire o excesso com escovinha macia. Comprima um lenço-papel YES, suavemente, sôbre tôda a cútis. É isto que dá aquêle acabamento suave de marfim antigo. No verão, uma fina camada de pó sôbre o baton evita aspecto gorduroso.

A aparência imaculada dos modelos, que tanta inveja nos causa, é o resultado do minucioso estudo dos detalhes. E um dêsses detalhes é o emprêgo constante do suave, porém forte lenço-papel YES. Indispensável para remover e aplicar maquilagem e baton, sem manchar delicados lenços e toalhas. E para resfriados, nada mais agradável do que o macio lenço-papel YES. É mais estético e higiênico também — porque cada lenço-papel é usado uma só vez.

Faça como os Modelos – use

LENÇO-PAPEL **yes**

O espelho
não mente:
é linda Ana Maria!

Ana Maria afirma:
como ajuda o Creme
de Beleza
ANTISARDINA!

Creme de Beleza
Antisardina

Indústrias Antisardina Ltda.
Curitiba — Paraná — Brasil

O que há de NOVO

Pouco cartaz na África

Processos contra Lanza

O VETERANO ATOR norte-americano do cinema, Douglas Fairbanks Jr., ora afastado da tela e residindo na Inglaterra, foi convidado pelo jornal londrino "Sunday Express" para dirigir a parte de noticiário referente à Rainha Elizabeth II, por julgar às vêzes confusa a ação do departamento de relações públicas do palácio de Buckingham.

DESDE QUE FOI apresentada no ano passado, em Hollywood, à estrêla Marilyn Monroe, e com ela manteve animada palestra, a grande poetisa inglesa Edith Sitwell (feissima e com 68 anos de idade) vem sendo constantemente interrogada a respeito pelos jornalistas. Recentemente, ao voltarem os repórteres ao assunto Miss Sitwell declarou: "Se eu ouvir de novo o nome daquela artista, acabarei gritando! Fui apenas bem educada e a convidei, quando viesse a Londres, a tomar chá comigo. Conversamos apenas isso... mas desde êsse dia a minha vida tornou-se um inferno por culpa da imprensa!"

Liberace ama os pianos

A ATRIZ DA BROADWAY ISABEL BONNER, de 47 anos de idade, morreu repentinamente ante os 900 espectadores que assistiam à representação da peça "The Shriek", de autoria de seu espôso, Joseph Kramm. O primeiro ato da peça desenrola-se num hospital Dana Clark, que na peça representava o papel de marido de Isabel Bonner, achava-se de cama, enfermo. A atriz apareceu em cena e, sentando-se a seu lado, disse: "Hoje estás muito

Marlon prefere não comentar

Bebe Daniel e Ben Lyon homenageados

Gina acha os outros maiores

melhor, querido", e caiu morta sôbre a cama. Dana Clark, afastando-se do que deveria dizer, de acôrdo com a peça, envolveu com um abraço os ombros da atriz e exclamou: "Ana, fala, estás sentindo alguma coisa? que há querida? eu te amo". Vendo que a artista não respondia, Dana fêz sinal para que descessem o pano e a assistência acreditou que assim terminava a cena.

NO IMENSO PARQUE de diversões que Walt Disney construiu em Anakeim, na Califórnia, e que se chama "Disneyland", foi montado um cinema com uma tela de 360 graus, em círculo fechado, o que representa o máximo possível no setor das telas panorâmicas. Os espectadores ficam num tablado circular ao centro, e segundo um crítico de cinema que assistiu a uma projeção experimental ali realizada: "A sensação é de que a gente está a bôrdo de um disco-voador".

A COLUNISTA DE HOLLYWOOD Hedda Hopper, ao entrevistar em Roma a estrêla do cinema italiano Gina Lollobrigida, perguntou-lhe se "os seus atrativos físicos acima da cintura são maiores e melhor contornados do que os da artista Sophia Loren."

Sem hesitar, Gina respondeu: "Posso garantir que os de Sophia Loren são maiores".

MORREU EM PARIS, vítima de um derrame cerebral, aos 52 anos de idade, o popular tocador de gaita Borrah Minevitch, que trabalhou em muitos filmes à frente do conjunto musical "Harmônica Rascals".

COMO PARTE DE UM TESTE apresentado aos candidatos às vagas na fôrça poli-

(Conclui na pág. 54)

Margaret O'Brien de maillot

A beleza do seu rosto

depende do "charme" de seus cabelos!

Adotando o notável

Shampoo **SCHAUMA**

seus cabelos obterão nova vida.... nova graça... nova sedução!

DE OVO

Não corra o risco de ver os seus cabelos perderem o brilho e a maciez, lavando-os com produtos à base de sabão. Adote agora o superior Shampoo Schauma, creme ou líquido, famoso produto da moderna ciência alemã. Deixando seus cabelos rigorosamente limpos, o notável Shampoo Schauma retira tôdas as impurezas do couro cabeludo... fortalece as raízes do cabelo... e impede a formação da caspa. Agora com preciosos extratos de ôvo, o perfumado Shampoo Schauma, seja creme ou líquido, é de aplicação faeílima, pois já vem pronto para usar. Com o Shampoo Schauma você terá seus cabelos exatamente como quer: bem fofos... fáceis de pentear... com aquêle "charme" que tôdas ambicionam!

Shampoo
SCHAUMA

Creme - em vistoso tubo
Líquido - em elegante frasco

DE OVO

- um produto da famosa marca alemã SILHUETA

.002 - Charles A. Ullmann

Bernardette e Celeneh, duas candidatas, em companhia do casal Arnaldo Duarte, no pitoresco Itatiaia Country Clube.

Miss Cinelândia 1955

Com um movimento de inscrições que ultrapassa qualquer expectativa, e realizado sob o patrocínio de CINELÂNDIA, do vespertino "O Globo" e da "Rádio Globo", em combinação com a Atlântida Cinematográfica, o atual concurso de Miss Cinelândia vai sendo já um acontecimento artístico e social que a todos empolga, por tôda parte.

Assim, teve a maior repercussão no Estado bandeirante o duplo lançamento que mereceu ali o nosso certame, sob os auspícios da "Folha da Noite" e de "A Tribuna" de Santos, para a escolha das duas futuras candidatas que representarão, respectivamente, São Paulo e Litoral Paulista nas provas do concurso. Uma grande comitiva, na qual se incluiam três candidatas cariocas, jornalistas, e cinematografistas, seguiu especialmente do Rio, para maior brilho das solenidades que tiveram lugar no Hotel Jaraguá, de São Paulo, e no Grande Hotel Guarujá, de Santos. Esteve também presente nessa delegação carioca o sr. Orêncio Tinoco, diretor-presidente do Clube de Cinema do Distrito Federal. Em nosso próximo número daremos maiores detalhes e fotos a respeito.

Contudo, queremos desde já registrar aqui mais um oferecimento entre os muitos que já foram feitos às finalistas de "Miss Cinelândia", por intermédio dos órgãos de imprensa que patrocinam essa iniciativa: o Grande Hotel Guarajá oferece a uma dessas concorrentes, a ser escolhida posteriormente, uma estada de 15 dias com todos os direitos e regalias da melhor hospedagem na linda e moderna praia santista.

Também o Itatiaia Country Clube, do Estado do Rio, vem de fazer idêntico oferecimento a uma das finalistas, através do seu diretor, o dr. Arnaldo Duarte. Aliás, a convite da diretoria dêsse luxuoso estabelecimento montanhês, duas candidatas cariocas ali já estiveram num dêstes fins-de-semana, conforme podemos ver pelos flagrantes que publicamos. O mesmo Clube organizará, em novembro, o "Baile das Rosas", em homenagem às jovens que concorrem ao ambicionado título de "Miss Cinelândia", o qual as levará certamente ao estrelato cinematográfico, nos estúdios da Atlântida, a exemplo do que se verificou já com Inalda Carvalho, a vitoriosa de 1953, e com Avany Maura, que já se prepara para entrar em filmagem, em "Colégio de Brotos".

Nos Estados, a escolha das representantes locais à seleção final será feita pelos seguintes órgãos de divulgação: Amazonas: "A Crítica". Pará: "Fôlha do Norte", "Fôlha Vespertina" e "Rádio Clube do Pará"; Ceará: "O Povo", "Rádio Iracema" e "Aba Filme"; Rio Grande do Norte: "A Tribuna" e "Rádio Nordeste"; Estado do Rio: "O Fluminense"; São Paulo, na Capital "Miss São Paulo", promovido pela "Fôlha da Noite" em colaboração com a "Rádio Record" e a "TV-Record"; em Santos, "Miss Litoral Paulista", promovido pela "A Tribuna". Rio Grande do Sul: a escolhida será proclamada "A Mais Bela Gaúcha", no concurso promovido pela "Fôlha da Tarde" e a "Fôlha da Tarde Esportiva".

CONDIÇÕES PARA O CONCURSO DE "MISS CINELÂNDIA DE 1955"

1 — No concurso "Miss Cinelândia", instituído pela revista CINELÂNDIA, poderão inscrever-se candidatas de todo o Brasil, entre 16 e 26 anos, desde que não tenham tido qualquer experiência cinematográfica anterior.

2 — A inscrição é feita por meio do cupom publicado em CINELÂNDIA, ou, nos Estados, nos jornais organizadores do concurso. As

(Conclui na pág. 57)

Ione Bezerra, estudante, candidata da capital do estado do Rio Grande do Norte

Eliene Dias de Medeiros, uma outra candidata apresentada pela cidade de Natal.

A candidata Celeneh Pastor da Costa, numa pose especial para CINELÂNDIA

PODE ACONTECER IGUALZINHO COM VOCÊ...

JOAN CRAWFORD ENSINOU E... DEU CERTO!

... êle chegou com aquela deliciosa surpresa. É verdade que Alfredo nunca se esqueceu da nossa grande data. Mas, francamente, eu não esperava uma nova lua de mel, já com passagens compradas e tudo...

Aquela viagem de avião - a primeira da minha vida - me deixou contentíssima. Depois de 15 anos íamos rever o local onde juntos começamos a viver... a sonhar...

Minha vida é um mundo de felicidade! Somos casados há 15 anos, mas para Alfredo sou uma eterna namorada. Voltando de uma viagem feliz, juntinha a êle, eu vou contar como tudo começou: foi numa tarde de aniversário de casamento que...

Como tudo era maravilhoso! O lago, com os velhos barcos, lembrava momentos alegres. Como eu era feliz ouvindo Alfredo dizer: "Você é linda. Cada dia gosto mais de você!"

Minha felicidade era completa. Durante os passeios eu o ouvia sempre dizer: "Querida, você continua moça como sempre. Sua pele está macia, como quando nos casamos!"

"Sabonete Lever torna a cútis suave e aveludada – realmente adorável. Eu nunca confio minha pele a outro cuidado qualquer!"

Diz a extraordinária

JOAN CRAWFORD

estrêla do filme - "JOHNNY GUITAR" da Republic (lançamento em breve)

Lever é o mais puro - Sua imaculada alvura o demonstra.

Lever é perfumadíssimo - Uma deliciosa fragrância permanece após o banho.

Lever suaviza a pele - Por isso foi escolhido pelas estrêlas.

Na loja de novidades um porta-retrato chamou nossa atenção. Ali estava Joan Crawford, a admirável estrêla a quem devo a minha felicidade. Foi ela quem me ensinou a usar o puro Sabonete Lever, para manter a cútis sempre suave e perfeita, e... meu marido cada vez mais enamorado de mim!

LINTAS LTS. 202

ÊLE FOI UM GRANDE HERÓI DA GUERRA... EMBORA FÔSSE O MENOR SOLDADO DE TODO O EXÉRCITO... MAS SE DIVERTE COM ISSO.

Audie é um bom pai para o filho mais velho, Terry, e são ótimos amigos.

Histórias de um SOLDADO NANICO

Por JANE WILKIE

✱ Audie Murphy é um sujeito muito engraçado. Quase ninguém suspeita disso, talvez porque, quando se ouve falar nele, sempre há referências à sua incrível bravura nesta última guerra mundial. Quem o conhece bem, entretanto, sabe que o rapaz é dotado de fino humor e, por vêzes, completamente inesperado.

Êsse humor se revela nas páginas do seu livro, "To Hell And Back", que contém recordações do campo de batalha. Audie reproduziu nele as conversas de seus companheiros, mas as piadas e situações que transcreve são sempre finamente humorísticas, e nunca obscenas, como na maioria dos livros de guerra. O responsável por essa depuração é, sem dúvida, o senso de humor do próprio Audie.

Mas é quando se fala com Audie que a gente se convence dessa sua qualidade. Principalmente quando, passando em revista os seus tempos de soldado, êle relembra apenas o lado cômico das coisas.

Antes de mais nada, Audie ri de si mesmo. Quando chegou ao Campo Wolters, no Texas, media apenas 1 metro e 65 de altura, e pesava sòmente cinquenta e quatro quilos e meio, mesmo depois do jantar. Além disso, tinha dezessete anos, mas parecia que tinha doze. Apresentou-se, deram-lhe o uniforme, e quando êle o vestiu achou-se um autêntico espantalho em cáqui — nem as mãos nem os pés eram visíveis. De entre as pregas do uniforme, o nosso recruta observou ao sargento de serviço que talvez fôsse melhor usar um outro de tamanho menor.

— "Que nada! Mais algum tempo aqui, e você vai caber nele direitinho!" — grunhiu o sargento. Mas o Soldado Murphy era mesmo "nanico", e o jeito foi cortar quinze centímetros das mangas e das pernas.

Com os sapatos a coisa foi ainda pior. Seu número era trinta e oito, mas deram-lhe um par de sapatos número quarenta, e os pés do recruta dançavam lá den- (Continua na pág. 48)

Os Sabonetes de MYRURGIA

MADERAS • MAJA • SUSPIRO • LAVANDA

"MAMBO" TEM DESTAS coisas espetaculares, como vemos na foto: Silvana Mangano rolando no chão enquanto, à sua volta, prossegue infernal o ritmo nativo a cargo da troupe de Katherine Dunham... Trata-se de um novo filme italiano, sob a direção de Robert Rossen, que situa uma história de amor em Veneza, valendo-se ainda, como se deduz pelo título da produção, de magníficos efeitos da dança folclórica latino-americana.

NÃO SE ESQUECEU do "índio" Emílio Fernandez, Rossana Podestá, que alcançou notoriedade internacional quando por êle dirigida no filme mexicano "La Red". Por isso, Rossana seguiu para a Espanha, onde foi ser a intérprete de "Nós dois", sob a direção de Fernandez. Dizem que o primeiro cuidado dêsse diretor consistiu em fazer com que a artista italiana voltasse ao seu natural, despindo-se da sofisticação que adquiriu.

CASADA COM O ex-toureiro e milionário Luis Dominguim, Lucia Bosé tornou-se também uma atração do cinema espanhol: o filme "Muerte de un ciclista", realização de Juan Antonio Bardem, ganhou o prêmio de Crítica Internacional em Cannes. Lucia começou no cinema substituindo Silvana Mangano no elenco de "Páscoa de Sangue". Depois apareceu em "Crimes da Alma", "Paris é sempre Paris", "Garôtas da Praça de Espanha" etc.

CINEPANORÂMICO é a fórmula francesa de cinemascópio, posta em ação recentemente e com o maior êxito. E aqui têm vocês uma cena do primeiro filme da França nessa modalidade: "Mademoiselle de Paris", rodado por Walter Kapps nos estúdios de Billancourt. Jacqueline François, que cantou no Rio há pouco; Giselle Pascal, a ex-namorada do Príncipe de Monaco, e Jean-Pierre Aumont, que aparecem na foto, são os protagonistas dessa fita que é, além do mais, um verdadeiro show de modas e da vida parisiense em geral.

ACONTECEU NA Europa

DE TÔDAS AS VEDETTES francesas que já nos visitaram, Lise Bourdin pareceu ser sempre a mais esportiva. Quando, no Festival de São Paulo, algumas de suas colegas se zangaram com os nossos fotógrafos que pretendiam focalizá-las de maillot, numa piscina elegante, Lise Bourdin atirou-se às águas, desafiando-os assim a um bom flagrante... Eis a artista agora gozando a primavera na Côte D'Azur: o mar de Cannes ainda estava bastante frio, e só por isso é que Lise não aparece na foto com o seu habitual biquini...

"MISS SWEATER" é como alguns fans estão já classificando a petulante Diana Dors, que aí surge com Joe Robinson num instante do tão mencionado filme inglês "A Rua da Esperança" (A Kid for Two Farthings), de Carol Reed. Sê êsses admiradores da loura inglesinha têm ou não razão, eis o que só mesmo vocês poderão dizer diante desta foto que a apresenta justamente de sweater...

TAMBÉM PINTA — Ludmilla Tcherina, não contente de dançar como dança e de já ter alcançado o estrelato cinematográfico através de vários filmes, resolveu dedicar-se também às artes plásticas. Acaba de apresentar em Paris uma exposição de 25 gouaches, que foram tôdas vendidas em benefício da Biblioteca e do Museu de Dança da Ópera da capital francesa. Que mais inventará, depois disso, a grande artista do ballet?...

COMO EVA NO PARAISO — Cansada talvez de usar os fabulosos trajes de época que apresenta em "La Belle Otero", Maria Felix já se exibe com menos roupa em "French-Cancan", conforme indica a foto. Depois disso, a estrêla mexicana resolveu ser ainda mais sumária na sua indumentária cinematográfica: e aceitou um papel em "Les héros sont fatigués" em que até nua aparece frente à câmera (e naturalmente, ao espectador).

COMO A LOLLO, Danielle Godet também teve o seu dia de "pose" para vários artistas do pincel e do crayon... Deu-se isso por ocasião do programa da Rádio Luxembourg, de Paris, intitulado "Surprise-Party". O microfone foi instalado no atelier do desenhista Hervé que, por solidariedade, convocou alguns colegas para a sessão. Além de Danielle serviu então de modelo para essa assembléia de artistas a encantadora Pascale Roberts.

Um "maquillage" espêsso pode fazê-la parecer **mais idosa**

Muitas vêzes a cútis necessita de cuidados mais cêdo do que se pensa. E muitas mulheres crêem que a solução está num "maquillage" espêsso, a fim de esconder os sinais do tempo ou pequenos defeitos. Nesses casos, quase sempre a pele, assim sufocada, se torna áspera, parece mais idosa.

Para evitar êsses males, as mais belas senhoras da sociedade usam, antes do "maquillage", uma base leve como o ar... o Creme V Pond's. Faça uma rápida aplicação e, horas depois, olhe-se num espelho. Não se verão manchas ou riscos: o Creme V Pond's não é gorduroso. Nem sombra daquela crosta endurecida, usual nas bases comuns: o Creme V Pond's não resseca. A carnação do rosto parece mais fina, o "maquillage" permanece horas e horas!

A Condessa de La Falaise

declara:

"Gosto do Creme V Pond's, de todos os pontos de vista: contextura, fragrância — e, acima de tudo, pelo bem que faz à minha cútis".

Sempre — antes de sair, glamorize as suas feições:

use a Máscara de 1 Minuto com o Creme V Pond's. Cubra o rosto, exceto os olhos, com uma espêssa camada do Creme V Pond's. Deixe por 60 segundos. Retire-o. Veja que novo brilho em sua cútis... como está mais leve... mais clara!

VEJA - *nas suas próprias mãos - a ação do Creme V Pond's! Os sulcos e estrias desaparecem!*

O Creme V Pond's pode também ser encontrado agora nos potes *tamanho econômico* — que lhe oferecem o dôbro de creme por um pequeno acréscimo no preço.

Loura como Marylin Monroe?
Morena como Miss Cinelândia de 1954?

Usem todas o
Rouge em Pó
Mystik
de
Mme Campos

á venda nas boas casas e nos salões de beleza e plásticas de Mme. Campos

A melhor limpeza de pele do Rio — Cabeleireiros modernos — Manicuras — Pedicuros.

RUA da ASSEMBLÉIA, 115-1.° and.

TELEFONES:
22 - 4685 22 - 8791
22 - 1184 22 - 1701

FILMES NOVOS

A Irlanda e mais Rock Hudson conseguem interessar em "Sangue Rebelde"

Glenn Ford e Cesar Romero, numa cena do complicado filme "O Americano"

O Americano
(The Americano) — RKO

Pode-se levar três touros do Texas para o interior do Brasil, mas é possível fazer com que êles falem? Se fôsse, talvez êles dissessem a Glenn Ford quem assassinou o homem que ia comprá-los. E é uma pena que os tais touros não possam falar porque ninguém mais quer conversa com o pobre do Glenn Batem-lhe a porta na cara, fogem com mêdo e o evitam até que Cesar Romero, um terrorista local, o leva à presença do fazendeiro Frank Lovejoy. Tudo se resolve, e Lovejoy compra os touros, mas o diabo é que alguém ataca Glenn pelas costas e lhe rouba o dinheiro. Há uma mulher muito bonita (Ursula Thiess) que vive a chamar Glenn de covarde porque êle não quer ficar para resolver os problemas dela. (O rapaz deseja apenas voltar o quanto antes para o seu Texas). Lovejoy é um louco, diz-lhe Ursula, pois quer o Brasil todo para si, e aquilo que não pode comprar, incendeia, inclusive fazendas. Glenn não acredita porque acha Lovejoy um perfeito cavalheiro. Para êle, o culpado de tudo é Cesar Romero. No elenco há também Abbe Lane.

Sangue Rebelde
(Captain Lightfoot) — Universal

Em 1815, todo irlandês de fibra conspirava contra o domínio inglês. Rock Hudson era muito estimado na aldeia onde vivia, mas teve de fugir para Dublin após um audacioso roubo em prol da causa. Em Dublin, conhece o capitão Thunderbolt (Jeff Morrow), o maior rebelde da Irlanda e, a julgar pelas aparências o maior salteador de estradas também. O homem tem um casino de luxo e uma filha muito teimosa (Barbara Rush). Apelidado de capitão Lightfoot, Rock se transforma de simples roceiro num influente homem de negócios. Thunderbolt prepara-o carinhosamente para que êle lhe siga as suas pegadas . . e estas vão ter diretamente numa cela no castelo de Dublin. Tentando libertá-lo, Rock acaba sendo prêso também, e a sombra da fôrca lhe ameaça a vida. Há tôda sorte de românticas aventuras desenroladas no cenário encantador da Irlanda. Em tecnicolor.

(Conclui na pág. 48)

Ida Lupino é uma diretora de prisão dura de roer, em "Presídio de Mulheres"

Verdadeiro morticínio de personagens em "Nova York Confidencial", da Warner

Quando você precisa

ser ainda mais linda...

...a solução é sempre esta: Pan-Cake Make-Up de Max Factor Hollywood!

Preferido pelas mais lindas estrêlas de Hollywood — nos momentos de filmagem e na vida social — Pan-Cake Make-Up de Max Factor garante uma aparência sempre correta, atraente e natural que todos admiram... e invejam!

Veja como o seu efeito dura horas e horas, sem precisar de retoques!

Rico em lanolina, Pan-Cake Make-Up de Max Factor não resseca nem prejudica a pele. É a mais perfeita "cobertura" para igualar as diferentes tonalidades da pele, fazendo desaparecer tôdas as pequenas imperfeições.

Peça hoje Pan-Cake Make-Up de Max Factor na loja de sua preferência... e fique certíssima de que V. permanecerá sempre mais linda e admirada!

Pan-Cake*

MAKE-UP

MAX FACTOR

HOLLYWOOD

Grande $ 50
Médio $ 35

PIER ANGELI, fascinante estrêla da M. G. M.

* Pan-Cake (marca registrada) significa maquilagem compacta de Max Factor Hollywood

Por DEBRA PAGET

porque fiquei Ruiva

Levei muito tempo querendo parecer sofisticada, mas nada dava certo porque eu não era sofisticada. Mamãe aconselhou então: "Pinte o cabelo!"... e aqui estou eu mudada!

Há quatro anos atrás eu levei um grande susto. George Jessel, produtor de "Anne Of The Indies", filme em que eu fazia um papel, sugeriu-me que mudasse a côr do cabelo para aquêle filme — que o tingisse de vermelho! Confesso que levei um choque e que fiquei preocupada. Qualquer moça ficaria, é claro, mas quem tem uma profissão que depende muito da aparência ainda fica mais!

Mas não tardou a vir uma contra-ordem de Mr. Darryl Zanuck: — Não quero o cabelo dessa moça mudado! — Quando Mr. Jessel me disse isso, suspirei de alívio. Entretanto, alguns anos mais tarde, eu tingiria os cabelos de vermelho por minha própria vontade! Assim são as mulheres... ou, pelo menos, assim é uma mulher chamada Debra Paget!

Hoje em dia sou ruiva, e sinto-me muito contente com isso. A nova côr dos meus cabelos parece ter influído na minha personalidade: sinto-me uma nova pessoa. Sinto um entusiasmo novo, não só em escolher roupas que combinem com cabelos ruivos, mas em ser uma nova Debra, muito mais interessante e feliz do que a antiga.

A princípio, fiquei intrigada: todo o mundo me dizia que não só a minha aparência tinha melhorado, mas também tôda a minha pessoa. Só depois é que compreendi que, com a nova aparência, eu tinha adotado uma nova personalidade. Nove entre cada dez moças fariam o mesmo, tenho a certeza. A gente procura inconscientemente ser o que aparenta, desde que essa aparência nos satisfaça.

Quando eu era menina, e mesmo durante os primeiros meses no estúdio, meus cabelos eram louros avermelhados. Depois, porém, começaram a escurecer ràpidamente. Eu tinha sorte, porque os papéis que me davam se ajustavam aos cabelos castanhos-escuros — fiz um papel de nativa da Polinésia, outro de índia, outro de mestiça, fui oriental e egípcia — mas nunca uma loura. No começo, achei que tudo ia bem, mas depois de alguns anos comecei a notar uma certa relação entre a côr dos meus cabelos e os papéis que me davam. Para falar a verdade, acho que foi mamãe que me chamou a atenção para isso. Ela me sugeriu que seria boa idéia encorajar os produtores a pensar em mim para outros papéis, que não fôssem de jovens índias ou dançarinas orientais. E, com a sua grande experiência teatral (ela foi muito conhecida como Margaret Gibson) disse-me que o que eu devia fazer era mudar de tipo físico. Eu, entretanto, me negava!

*

MAMAE TEVE de me convencer aos poucos: — "Os homens tendem a encarar uma mulher como ela é" — explicou — "e não como ela poderá vir a ser. E' por isso que as mulheres estão sempre procurando mudar de aparência e adquirir novos interêsses; sabem que têm de provar que são capazes de progredir, de não estacionar — porque ninguém vai adivinhar isso. Os produtores são homens. Quando êles pensam em você, pensam logo na mocinha que vêem de vestidos rodados e sapatos ballet, e logo lhe arranjam mais um papel de índia. Você tem de mostrar-lhes que já é mulher, capaz de vestir elegantemente um vestido justo e de representar papéis mais sofisticados".

— Sim, mas não seria possível eu usar vestidos justos e continuar com os cabelos castanhos?

— Seria, é claro: só que, provàvelmente, você continuaria a ser, para êles, a jovenzinha índia, apenas tentando parecer um pouco mais sofisticada Faça com que a mudança seja completa. Seja uma nova Debra!"

— Seja uma nova Debra! — repeti eu, comigo mesma, para ver se conseguia ganhar coragem. Mas não, ainda hesitava. Mamãe insistia, eu achava que ela tinha razão, mas faltava-me a coragem necessária para "remodelar-me" por completo.

As coisas estavam nesse pé quando, numa bela manhã, soube que Jeanne Crain tinha tingido o cabelo de vermelho. Confesso que fiquei impressionada quando a vi: tôda ela parecia outra, e a sua própria personalidade parecia ter mudado.

Minha mãe aproveitou a oportunidade para voltar a insistir. Dessa vez, eu não disse não, mas também não disse sim. Disse apenas: — Se eu tivesse a certeza de conseguir a mesma côr de cabelos de Jeanne, talvez aceitasse a idéia.

Mamãe não perdeu mais tempo. Já tinha tratado de descobrir o instituto de beleza onde Jeanne tingira os cabelos, e antes que eu dissesse mais nada foi ao telefone e marcou hora para mim no Bentley Beauty Shop. Dali a algumas horas, eu era uma nova Debra. Uma ruiva de cabelos vermelhos de fogo!

*

QUANDO VOLTEI ao estúdio, a primeira coisa que me aconteceu foi ver Mr. Zanuck avançando na minha direção. Tratei de esconder-me. Lembrava-me do que êle dissera a Mr. Jessel, e não tinha coragem de enfrentá-lo. Depois, fui ao escritório de Mr. Charles LeMaire, chefe dos figurinistas do estúdio. Fiquei de respiração suspensa, certa de que ia ouvir uma crítica arrasadora, mas qual não foi a minha surprêsa quando êle exclamou: — Maravilhoso! Foi a melhor coisa que você poderia ter feito!

Mr. LeMaire sugeriu-me que cortasse os cabelos bem curtos na nuca, deixando o restante bem fôfo em volta do rosto, e exclamou outra vez que tinha (Conclui na pág. 57)

Peçam a Van Johnson que ande no fogo, que enfrente tigres, que brinque com dinamite, e êle tudo fará sem hesitar. Peçam-lhe, porém, que enfrente o público para cantar, e...

É um Horror, Minha Gente!

Por GEORGE SCULLIN

✱ Charlie Morrison é uma das mais queridas instituições de Hollywood — e o mesmo se pode dizer de seu "nightclub", o "Mocambo". Por isso, quando Charlie recentemente adoeceu, e teve de ficar algum tempo no hospital, a metade dos astros de Hollywood tomou a si a responsabilidade de fazer continuar, na melhor das tradições, o "show" do célebre nightclub. A outra metade encarregou-se de ir assistir, o que significou unir o útil ao muito agradável: durante dez dias, os astros amigos de Charlie deram conta do "show" como nem mesmo Las Vegas ainda viu. E depois mandaram gravações a Charlie, para que êle convalescesse despreocupado.

Van Johnson foi avisado de que lhe caberia por sorteio o "show" da quarta noite. Velho amigo de Charlie, achou o convite uma honra e disse logo que sim. Mas depois caiu em si e começou a suar frio. Êle tinha recusado muito dinheiro para representar, novamente, perante o público. Só a amizade poderia tê-lo levado a aceitar aquilo o que, tinha a certeza, seria a repetição dos momentos mais terríveis da sua vida.

Que momentos eram êsses? Bem, houve tempo em que quase não podia sair de casa sem que sua vida corresse perigo.. O tempo em que as fans lhe arrancavam botões, lapelas e até mangas. O tempo em que, de noite, elas pulavam pelas janelas para dentro da sua casa, e lhe escreviam, a baton, recados entusiásticos nas paredes, nas mesas, no carro, e até na entrada do hotel onde êle procurava refúgio. Sim, porque aquilo podia ser ótimo para os fabricantes de baton, mas para Van era uma tragédia.

Não era isso o que êle receava agora. Felizmente aqueles dias de loucura tinham passado, e ninguém mais o atacava no meio da rua. Mas o mêdo atual era muito maior do que o antigo.

Em primeiro lugar, Van havia muito tempo que não enfrentava uma platéia. Da última vez que o fizera, no "The Sands Hotel" de Las Vegas, quase ficara doente. Tinha sido um sucesso, é certo, tinha ganho muito dinheiro, muitos aplausos do público e da crítica, e o orgulho de Evie, sua mulher. Mas tudo isso não compensara as duas semanas de nervosismo e tensão — e êle fizera tudo para esquecê-las. Milhões de vêzes preferia as adolescentes fanáticas! E jurara nunca mais pisar num palco.

(Conclui na pág. 66)

NO MOCAMBO, O ANTIGO CORISTA VAN CANTOU, DANÇOU, FÊZ PILHÉRIAS, E TEVE TANTO MÊDO QUE DE NADA SE LEMBRA

FRANK SINATRA E SEU PAR, PEGGY CONNOLLY, A ESPÔSA EVIE E EILEEN BARTON, ESTAVAM ENTRE AQUÊLES QUE O APLAUDIRAM

A FÔRÇA DA FRAGILIDADE

A brasileirinha Vera na sua fragilidade e uma das mais fortes estrêlas do cinema francês

Por
VICTORINE
JARBELLE

Será um mito a fragilidade feminina? Levamos séculos, ou melhor, milênios acreditando nisso — apesar do desmentido que nos dava, de vez em quando, uma Joana D'Arc ou uma Anita Garibaldi (que, por sinal, é também brasileira como a jovem e triunfante atriz objeto desta reportagem) — e eis que a era atômica vem confirmar plenamente a bravura e a fortaleza (quando menos não seja, de ânimo) da Eva moderna, que se fêz aviadora, chauffeuse, mecânica, médica, advogada, etc., às dúzias, por tôda parte, com a maior naturalidade dêste mundo, e, principalmente, sem perder sequer um nadinha da sua vaidade peculiar...

Mas não é, precisamente, sôbre essa espécie de coragem feminina que eu quero falar aqui a vocês, os meus leitores do Brasil. A moça que me inspira estas linhas ligeiras, porêm sinceras e escritas sob o impacto emocional da sua vitória absoluta em "Les Diaboliques" — não se preocupou em ganhar um raid aéreo sôbre o Himalaia ou vencer o raciocínio masculino dos seus colegas em leis, na defesa de um novo processo Dreyfus.

Nada disso. Seu triunfo é mais de ordem subjetiva, embora seja, no momento, o mais objetivo possível... *(Conclui na pág. 59)*

Pó de Arroz "Air Spun"... para o seu toucador

Que outro pó de arroz oferece *horizontes mais amplos* à sua beleza?

★ Côres mais jovens
★ Fragrância envolvente
★ Textura finíssima
★ Aderência homogênea

"Air Spun" é fabricado por um modernissimo processo exclusivo de Coty. O único micronizado pela fôrça do ar, é *muitas vezes mais fino* que qualquer outro. Os ingredientes corantes e o perfume são integralmente assimilados. Graças ainda ao processo "Air Spun", tornou-se possível a mistura ao pó de arroz de substâncias oleosas benéficas a pele.

"Air Spun" de COTY

Creme Pó "Air Spun"... para a sua bôlsa

Nunca tive uma Boneca

por Barbara Stanwyck

Sou uma estrêla do cinema e esta é a história de minha vida. Não pensem que seja uma história glamorosa, nem sequer muito feliz, até ao último capítulo. Mas com as coisas que aprendi recentemente sinto que serei agora bem alegre e feliz

Nesta foto, eu tinha dois anos. Mamãe já morrera e meu pai desaparecera.

Aos quinze anos, fingindo ter dezoito, empreguei-me como corista.

Aos vinte e um casei-me com Frank Fay e vim para Hollywood.

Comecei a trabalhar no cinema para encher as horas de solidão nas ausências de Frank

7 anos depois de divorciada, encontrei Robert Taylor. Casamos em 1939 e divorciamos em 1950.

Não me lembro absolutamente de meus pais.

Catherine, minha mãe, era irlandesa, e morreu quando eu tinha apenas dois anos. Meu pai, Byron Stevens, que era inglês, nos abandonou pouco depois. Amara minha mãe apaixonadamente e, quando ela morreu, passou a viver como um cigano — trabalhando de vez em quando, desaparecendo por temporadas, até um dia em que desapareceu para não mais voltar.

Millie, minha irmã mais velha, tomou a si a responsabilidade de cuidar de mim. Conseguia, nem sei como, pôr de lado uma parte do seu magro salário de corista, para pagar quarto e comida para mim, em casa de várias famílias de Brooklyn.

Nos bairros pobres em que cresci, nós, as crianças, fazíamos parte da vida atribulada e difícil dos adultos. Tínhamos esperteza, precocidade, e instintos selvagens. Eu sofria, contudo. Detestava o ambiente à minha (Continua na pág. 62)

A VIDA DE UMA ESPÔSA SAUDOSA

Stewart sugeriu que ela fizesse compras, e Jean faz a lista das coisas que gostaria de comprar

A leitura e a televisão parecem monótonas sem o seu Jimmy perto... mas sair à noite é ainda pior!

— Estarei de volta antes de que você se aperceba — disse Stewart Granger à sua jovem espôsa, tentando não dar maior importância aos cinco meses de separação que o casal tinha pela frente.

Jean Simmons fingiu também não ligar muito, e sorriu corajosamente. No fundo, porém, já tinha começado a sofrer a longa separação.

Desesperar-se não adiantava, ambos sabiam disso muito bem. Afinal de contas, se a profissão exigia sacrifícios dêsses, também lhes proporcionava um ótimo nível de vida — como poucas outras poderiam proporcionar.

Jean sabia que tinha de conformar-se em ficar cinco meses longe de Stewart. Procurou conformar-se e ainda agora está-se esforçando por isso. Mas não é fácil.

Depois que Jimmy (o verdadeiro nome de Stewart Granger é James Stewart) partiu para o Paquistão, em fevereiro último, a fim de fazer "Bhawani Junction" com Ava Gardner, Jean começou a dar grandes passeios, solitários e a pé, pelas colinas que rodeiam a sua casa de Beverly Hills. Não levava com ela apenas os seus dois queridos "poodles", "Young Bess" e "Old Beau", mas também o último presente de Jimmy, um quadrúpede prêto e branco, de olhos vivos e focinho comprido, classificado por Jimmy como sendo um cão tibetano puro-sangue, da raça "water spaniel"...

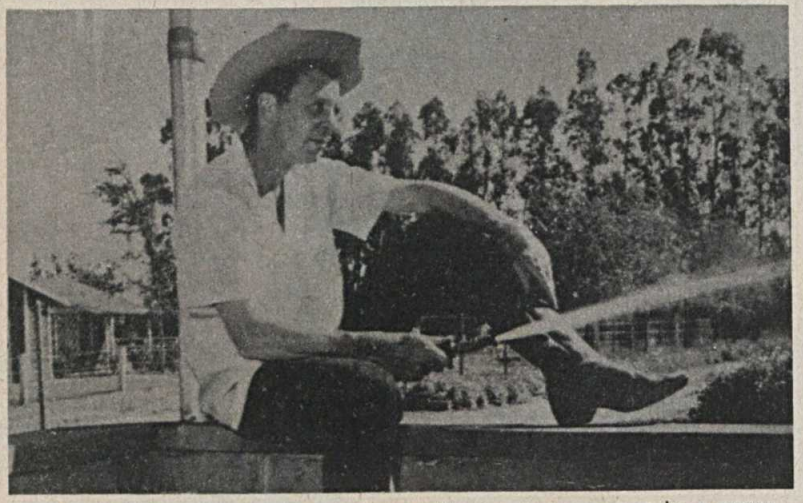
— O seu nome — dissera-lhe Jimmy gravemente — é "Meetoo-Shih-Tzu", e se êle estivesse no Tibet, já estaria dentro de um templo budista, como cão sagrado.

"Meetoo" revelou-se logo um ótimo companheiro para Jean. A princípio, os dois "poodles" tinham ciúmes e o detestavam, mas a simpatia e a sociabilidade do tibetano fizeram com que a paz não (Continua na página 58)

Jean trabalha, fala com os amigos, e trabalha mais ainda até ficar exausta ao ponto de não poder mais sentir-se tão triste. Mas, com o seu Jimmy tão longe, ela vive como cão sem dono

Por NATE EDWARDS

O dançarino Dan, fora da tela, prefere a vida simples da roça



A casa de duas peças vai sofrer melhorias, agora que o dono casou

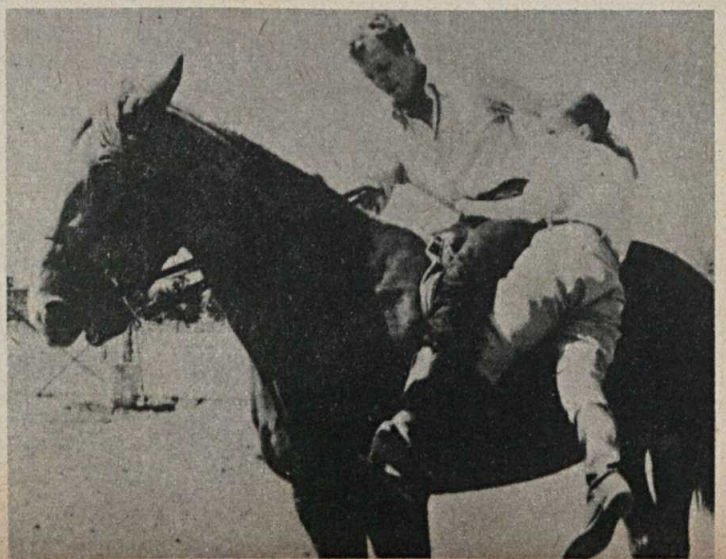
O rancheiro Dan tem cinco cavalos e já venceu 75 provas hípicas importantes.

Depois do casamento sem aviso prévio, Dan Dailey levou Gwen para a fazenda a fim de passarem uma

LUA-DE-MEL

O casamento de Dan Dailey e Gwen O'Connor foi inesperado e quase tão pouco formal quanto o longo e tempestuoso romance que os unia. Decidiram um dia, e telefonando para um juiz de paz pouco depois se casavam no Hotel Sahara, em Las Vegas. A aliança que êle comprou apressadamente para Gwen estava larga demais, e caiu do dedo dela durante a cerimônia, deixando Dan encabulado e vermelho como um pimentão. Os recém-casados acabaram, porém, achando graça, e três dias depois de casados deixaram Las Vegas para uma lua de mel no rancho de Dan, em North Ridge.

Dan Dailey, tal como o primeiro marido de Gwen, o famoso Donald O' Connor, é cantor e dançarino...



Dan ajuda Gwen a saltar para a garupa do cavalo. Foram maravilhosos os dias da lua-de-mel, que só terminou quando êle teve de voltar ao batente, no estúdio da M. G. M.

Agora não pode deixar a barba crescer, porque há uma espôsa em casa. Gwen gosta de Dan barbeado e arrumado.

A CAVALO

Dan e Gwen, quando se casaram, no Hotel Sahara, em Las Vegas

Gwen e Dan durante um passeio no rancho. O filho de Dan e a filha de Gwen (de casamentos anteriores) também montam muito.

Durante o longo romance, Dan ensinou Gwen a montar

Loura EXPLOSIVA!

Escandalosa, rixenta, descuidada, Shelley Winters desperta reações antagônicas entre as pessoas com quem lida

Por PATRICIA PHILIPPS

Formaram-se dois partidos, a respeito de Shelley Winters. Um grupo, constituído principalmente pelos críticos e repórteres, sustenta que ela é uma artista escandalosa, sem juízo e sem o menor bom senso.

O segundo grupo, formado por seus amigos e admiradores, concorda que Shelley seja ligeiramente excêntrica, mas afirma que ela é uma verdadeira artista e uma amiga leal e afetuosa.

E, enquanto Shelley Winters fôr estrêla de Hollywood, as opiniões a seu respeito continuarão a divergir, e os partidos nunca cessarão de defender seus pontos de vista, pois tudo o que Shelley faz ou diz, causa escândalo e comentários.

A entrada de Shelley Winters em Hollywood não poderia ter sido mais barulhenta. Seu gênio estourado fazia com que ela respondesse mal às pessoas importantes, discutisse com os diretores sôbre qualquer detalhe sem importância, usando de franqueza excessiva para com seus colegas. Shelley chegava a ter uma aparência desagradável, pois estava sempre despenteada, usando roupas amarrotadas, comparecendo às estréias de seus filmes sem pintura e sem trato. Sua voz estridente afastava as pessoas, e nunca houve estrêla tão barulhenta nesses últimos anos.

Mais tarde, com seu romance e divórcio internacionalmente conhecidos, continuou a fazer barulho, envolvendo nêle o nome de Vittorio Gassman.

Há, todavia, quem afirme que, sob esta aparência de vulcão em erupção, esconde-se a verdadeira Shelley, com suas qualidades e seu talento.

— Ela tem um coração de ouro — costuma dizer um dos cabeleireiros do estúdio. — Certa vez, eu não estava escalado para trabalhar num de seus filmes, por questões puramente de proteção a outras pessoas. Contei isso a Shelley Winters e, imediatamente, ela foi procurar o produtor do filme, com quem conversou durante muito tempo e, afinal, eu fui contratado! Shelley é formidável!

Houve uma outra vez em que Shelley deu mostras de seu bom coração, quando desmarcou um encontro com um dos melhores partidos de Nova York para comparecer a uma estréia em companhia de um artista estreante, que desejava ser visto em sua companhia, para fins de publicidade.

E os membros de um pequeno e modesto teatro de Los Angeles ficaram eternamente gratos a Shelley por ela os ter ajudado financeiramente e ter dirigido grande parte dos trabalhos do teatro sem receber coisa alguma. **(Conclui na pág. 64)**

EVA disse NÃO

Eis a história de uma jovem atriz que não hesitou em dizer "não" às ofertas de contrato de Hollywood

Eva Marie Saint, com o marido, Jeff Hayden, no apartamento onde vivem, em Nova York, e de onde ela não quer sair

Por LEN ANDREWS

✱ Eva Marie Saint estava sendo entrevistada, num programa de televisão, e já no fim da entrevista, quando a locutora no programa perguntou à artista se deixaria Nova York, depois do seu estrondoso sucesso como artista de cinema, a jovem estrêla respondeu:

— Não, não irei para Hollywood, pois não estou interessada em tornar-me artista de cinema, mesmo depois do sucesso de "On the Waterfront". Prefiro continuar a viver em Nova York.

Era inacreditável que aquela moça de rosto bonito, e tão jovem, tivesse coragem de rejeitar um contrato, em Hollywood, para estrelar diversos filmes. E que motivos a levariam àquela recusa?!

Eva Marie, fazendo girar a aliança de ouro que trazia no dedo, dava a resposta àquela pergunta que todo o mundo tinha vontade de lhe fazer.

Para ela, havia qualquer coisa mais importante do que um contrato de cinema, do que a fama e o dinheiro que obteria em Hollywood, depois da maravilhosa oportunidade que tivera em "On the Waterfront", ao lado de Marlon Brando.

Havia um lar, o seu lar, à espera. E o lar é o lugar onde se vive, onde se encontra a alegria e a felicidade, depois de uma vida de lutas e dificuldades.

✱

— Fui uma criança muito infeliz — conta-nos Eva Marie. — Cheguei à Nova York ainda muito jovem, muito inexperiente, e aos poucos fui aprendendo a viver, a amar, e a ser feliz. Agora sei bem o que quero da vida. Quero um lar, e não a vida agitada de Hollywood. Reconheço que poderia ser feliz e ter um lar em Hollywood, mas meu marido trabalha aqui, tem uma carreira a seguir, e a vontade dêle está sempre em primeiro lugar. Além disso temos muitos amigos, muitas relações em Nova York, e não é tão fácil como parece mudar de uma cidade para a outra, recomeçar a vida e fazer novas relações, só por causa de uma carreira cinematográfica. Francamente, não dou tanta importância assim ao cinema!

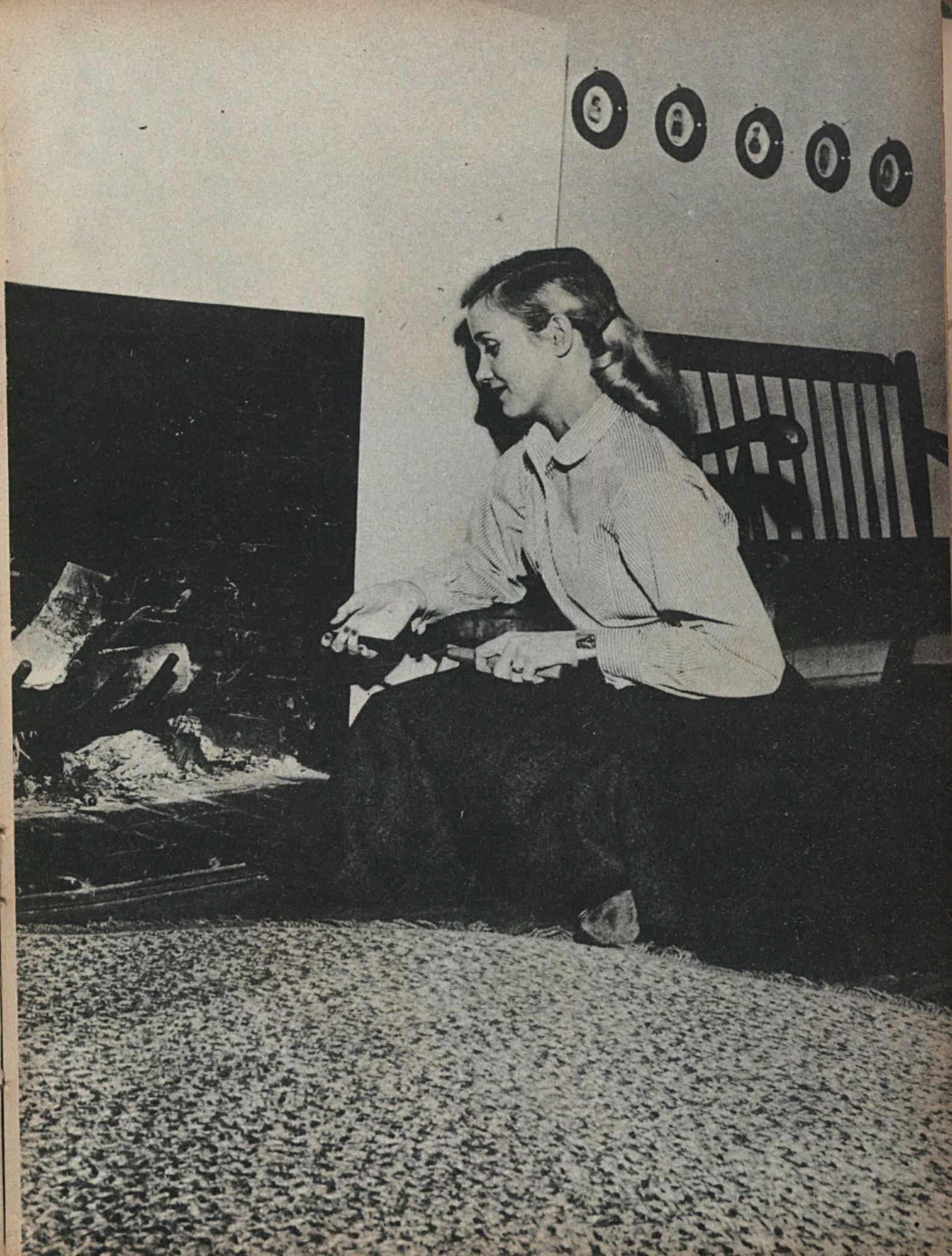
O marido de Eva é o verdadeiro motivo de sua permanência em Nova York. Chama-se Jeff Hayden e destaca-se entre os melhores diretores da televisão.

— Jeff e eu somos muitos unidos e estamos habituados a estar sempre juntos. Por isso, acho que não aguentaria passar meses longe dêle, em Hollywood, como exigiria minha carreira cinematográfica.

Eva Marie gosta muito de vida ao ar livre, e últimamente ela e o marido resolveram comprar um barco.

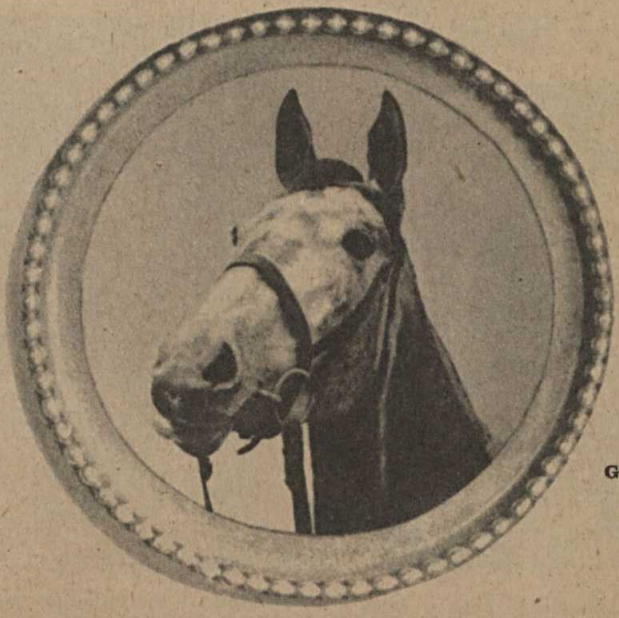
— E' uma ótima maneira de fugir do borborinho da cidade — disse-nos Eva. — Costumamos dar longos passeios de barco, e o mar torna-se nossa piscina e o céu azul o mais lindo teto que possa existir! Velejamos, nadamos, esquiamos, e estamos sempre juntos em nossos divertimentos.

(Conclui na pág. 58)



LEE SHARON

Êle carrega duas fotos na carteira:
a de uma dançarina e a de um cavalo.
A jovem e o cavalo são parte
de um período maravilhoso que
Ben jamais esquecerá



GYPSY

Os dois amores de Ben Cooper

Por LOUIS POLLOCK

✱ John Wayne, se excetuarmos o seu fraco por mulheres do tipo latino, dificilmente se impressiona com alguém. Mas, recentemente, a pedido de Bev Barnett, seu agente para a imprensa (e que representa outros veteranos do cinema, tais como Dick Powell, Gene Autry, e John Weissmuller), foi ver um filme de um novo e jovem ator chamado Ben Cooper. Barnett queria saber a opinião de Wayne quanto às possibilidades do rapaz, seu mais novo cliente.

O "Duque" foi categórico: — Barnett, você tem aí um astro!

Quando a gente pensa que Wayne é um homem muito grande e muito alto, que só gosta da companhia de homens grandes e maduros como êle, fica imaginando o que o terá impressionado nesse rapaz novaiorquino de olhos azuis, filho de irlandeses, que mede apenas 1,70 de altura e pesa sòmente 68 quilos.

A razão está, provàvelmente, em que Ben Cooper só é pequeno no tamanho.
Em ambição e em talento, está-se tornando conhecido como uma rara combinação de Spencer Tracy, Kirk Douglas e Gary Cooper.

Noutras palavras, representa, fala, e monta a cavalo, muitíssimo bem.

Aos oito anos apenas, Ben fazia a sua estréia teatral perante o público da Broadway. Só o total dos papéis que fêz em novelas de rádio soma 3.200 (Continua na pág. 52)

Aconteceu no BRASIL

DORIS A LA LOLLO — E', ao que parece, o que veremos breve: a Monteiro pensa cortar os seus cabelos como os de Gina Lollobrigida, logo após a última cena que lhe resta a fazer em "A Carrocinha" (na foto), produção de Jaime Prades distribuida pela Fama Filmes, de São Paulo. Ela já os aparou bastante ao redor da fronte, mas conservou ainda um bom bocado da sua famosa trança para aparecer nesse papel.

VISITA — Num dos intervalos da filmagem de "Chico Viola não morreu", Cyl Farney, que detém o papel-título dessa nova co-produção da Atlântida (e Devoto), esteve em visita aos estúdios onde a Cinelândia Filmes rodava a película de Eurides Ramos, "O Diamante", com Anselmo Duarte e Terezinha Amayo nos principais papéis, seguidos por Gilberto Martinho, José Policena e Lídia Matos. De outras visitas assim é que precisa o cinema nacional, até mesmo para que possamos oferecer aos leitores flagrantes como êste...

SAÍDA das fileiras do Teatro Duse, a admirável organização artística criada pelo diplomata e escritor Pascoal Carlos Magno, Ana Maria é a nova "Maria Bonita" das telas nacionais. Participa do elenco da farsa cinematográfica "O Primo do Cangaceiro", junto a Anna Beatriz, Antônio Carlos, Matinhos, Alberto Peres, Sérgio de Oliveira, Nádia Maria e outros mais, a produção da Unida Filmes que foi dirigida por Mario Brasini.

MISS BRASIL — Emília Barreto Corrêa Lima, a nova Miss Brasil que disputará o título de Miss Universo no concurso de Long Beach nasceu a 10-4-1934, em Sobral, no Ceará. De tez clara, olhos castanhos-escuros e cabelos de um castanho meio dourado, apresenta ela as seguintes medidas: busto, 89 centímetros; cintura, 60; quadris, 90; coxas, 52; pescoço, 32; braços, 26; barriga das pernas, 34 e meio; tornozelos, 19. Pesa 56 quilos, seu manequim é 44, e tem 1 metro e 69 cts. de altura.

EM PEKIM — Mário Sérgio é outro que desertou das hostes do cinema nacional, embora pretenda continuar na carreira cinematográfica. O galã de Maria Fernanda em "Luz apagada" (na foto) tomou o rumo da velha China (vermelha) e, de Pekim, deverá ir à Austria trabalhar num filme dirigido por outro patrício nosso: Alberto Cavalcanti. Acontece cada uma, neste mundo de fitas...

HOMENAGEM — Jardel Filho (na foto em companhia da espôsa, Maria Augusta) foi alvo de significativa homenagem por parte da Sra. Anne Logan, da Embaixada Americana, que reuniu intelectuais e jornalistas em sua residência de Copacabana, para comemorar a próxima partida do ator para os Estados Unidos, em virtude de uma bolsa de estudos (teatro e cinema) que lhe ofereceu o Departamento de Estado do país amigo.

ESPERADA — Ninon Sevilla continua sendo objeto de cogitações da "Artistas Associados" para a co-produção "Vasante", de uma história de José Mauro de Vasconcelos. O diretor Carlos Hugo Christensen, que já dirigiu aqui "Mãos Sangrentas" e "Leonora dos 7 Mares", estará à frente das filmagens que deverão ser iniciadas já em fins de agosto, graças à infatigável atividade do produtor (e ex-galã das nossas telas) Roberto Acácio.

3 MILHÕES de cruzeiros foi quanto custou a produção do documentário nacional de Jean Manzon, "O Samba Fantástico", (foto de uma das filmagens, com o cameraman John Reichemheim e o seu assistente Carlos Estevão). Depois de exibido em Cannes com aplausos, o filme teve uma pré-estréia de gala, no Art-Palácio do Rio, a 7 do corrente, em benefício do Comité Cultural Franco-Brasileiro e sob os auspícios do Embaixador de França.

ABANDONOU O CINEMA — Hélio Souto, que está para casar com a bonita herdeira paulista Maria Helena Morganti, decidiu ingressar no mundo de negócios, desistindo por completo das suas atividades como galã cinematográfico. E' agora o chefe de uma organização de corretagem que atende pelo sonoro nome de "Country Clube Eldorado" (sendo Eldorado uma localidade nas cercanias de São Paulo, de futuro promissor).

Seu próprio pente mostra!

Você necessita combater a

ANEMIA DOS CABELOS

Adquira ainda hoje a regeneradora e perfumada

ÁGUA DE QUINA PINAUD

- de comprovada *ação revitalizante*

Dê novo vigor aos seus cabelos! Com suas propriedades rejuvenescedoras, a Água de Quina Pinaud deixa os cabelos mais firmes, mais resistentes, mais brilhantes... muito mais bonitos! E serve para tôda família!

Tonifique também as raízes dos seus cabelos! Eliminando a caspa e a seborréia, a notável Água de Quina Pinaud fortalece o bulbo capilar, evitando a queda dos cabelos!

DOIS TIPOS À SUA ESCOLHA!

1 - Com óleo

A Água de Quina Pinaud, de fórmula francêsa, contém numa dosagem correta preciosos óleos vegetais, perfeitamente diluídos, sendo assim *invisíveis*. Por isso, fixa melhor... sem empastar!

2 - Sem óleo

Se deseja beneficiar-se das reconhecidas propriedades tonificantes da quina com uma loção não oleosa, use então a Água de Quina Pinaud - sem óleo!

Seu próprio barbeiro confirmará as excelentes virtudes tônicas da Água de Quina Pinaud!

PINAUD Paris Perfumistas desde 1810

9.002

Charles A. Ullmann

Eu Era do CONTRA

"Era"... mas acontece que passei a fazer o regime Eno diàriamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar. A irritabilidade e o nervosismo provindos de má digestão, de prisão de ventre, de acidez, cessaram. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja "do contra" tome ENO laxante, antiácido e estomacal.

"Sal de Fructa"

ENO

O QUE EU VI NOS ESTÚDIOS

Por ZENAIDE ANDRÉA

Ana Esmeralda e Carlos Cotrim, no filme paulista "Quem Matou Anabela?"

Casado (e feliz) com uma patrícia nossa, que outra não é senão a estrêla Eliane Lage, e já pai de uma bonita paulistinha dos seus dois anos de idade, Tom Payne sente-se em casa, morando e fazendo os seus filmes no Brasil. A realização de "Sinhá Moça" ainda mais o fixou em nossa terra, pelo espírito da obra filmada. (A propósito dessa arquipremiada produção da Vera Cruz: foi distinguida pelas autoridades católicas em Punta del Este, e o prêmio será entregue a Tom Payne durante as solenidades do Congresso Eucarístico do Rio).

Dado a poucas expansões verbais, embora sempre afável e mesmo disposto a participar de um bate-papo sôbre cinema, Tom costuma exprimir as suas idéias em síntese e emprega, às vêzes, uma ou outra expressão que soa um tanto pitorescamente em nosso idioma... Acêrca da sua entusiástica atuação como simples produtor nas próximas filmagens de "O Sertanejo" (que Lima Barreto e êle pretendem tornar "o maior filme da América Latina em todos os tempos"), eis o que me disse Payne: "Dia virá em que a palavra "patriotismo" deixará de ter aspas... "O Serta-

Cena de "Não Matarás", primeiro filme da Sorocaba Filmes, pronto para exibir

Ana Beatriz e Antonio Carlos, em "O Primo do Cangaceiro", da Unida Filmes

Alberto Ruschel com Lina Rosales, em "Ha Pasado un Hombre" filme espanhol

nejo" pode contar com o meu trabalho de "patricta brasileiro" 100%. E estou sinceramente grato ao Lima pela confiança que deposita em mim, neste empreendimento de tamanha importância para os atuais destinos do cinema nacional, e no qual o meu amigo joga todo o seu futuro de cineasta.

Como vocês sabem, essa dupla técnica andou já pelo sertão baiano, escolhendo os lugares que melhor se prestam ao caráter histórico do filme com que a Vera Cruz reiniciará suas atividades, ainda em meados dêste ano.

*

Já estão concluídas as filmagens de "Chico Viola não morreu", a produção da Atlântida em (Conclui na pág. 57)

Lima Barreto e Tom Payne, os responsáveis por "O Sertanejo", da Vera Cruz

Lidia Matos e Carlos Durval em "O Diamante", filme da Cinelândia Filmes.

Papai: - *De agora em diante, êste é o nosso creme dental! Kolynos possui um novo e maravilhoso ingrediente anti-enzimático que aumenta em muito as probabilidades de você crescer com dentes mais fortes e sadios.*

Filho: - *Quer dizer que Kolynos realmente evita a cárie?*

Papai: - *Isto mesmo... e veja porque: a Ação Anti-Enzimática de Kolynos reveste todos os dentes com uma película invisível que perdura o dia inteiro e impede que os ácidos bucais — provocados pelas enzimas — ataquem o esmalte dental, causando a cárie e o mau hálito.*

Agora, cada vez que usar **KOLYNOS** *V. obtém* **MAIS PROTEÇÃO** *do que nunca!*

Um novo e miraculoso ingrediente, agora acrescentado à fórmula de Kolynos, evita a cárie e o mau hálito mais eficazmente do que nunca!

Cientistas descobriram que, na maioria das vêzes, a cárie e o mau hálito são causados pela ação de enzimas de origem bacteriana. Mantendo essas enzimas inativas durante horas, Kolynos significa — agora mais do que nunca — dentes mais limpos e mais sadios para todos!

...graças à **NOVA** *Ação Anti-Enzimática!*

Durante o dia todo, proteção contra os ácidos que causam a cárie e o mau hálito!

AE-3

HISTÓRIAS DE UM SOLDADO NANICO

(Conclusão da página 20)

tro. Segundo Audie: — "Eu dava meia-volta e dois passos à frente sem precisar de tirar os pés do chão". — Mas Murphy não achava que aquilo fôsse motivo para reclamar. Seu sonho sempre fôra ser soldado, e agora que havia uma guerra, êle não podia deixar de tomar parte nela. Além do mais, o exército estava fornecendo três boas refeições por dia, coisa que até ali êle jamais experimentara. Como reclamar? Já estava bem longe de casa e, se ficasse com a boca calada, eram bem capazes de mandá-lo mesmo entrar em ação.

Assim pensando, Audie fêz de conta que os sapatos cabiam às mil maravilhas. Mas a coisa só durou uma semana. Sete dias depois de lhe terem dado os sapatos, houve uma caminhada de quarenta e oito quilômetros a um lugar chamado Baker's Hollow. Os soldados, cansadíssimos, enterravam-se até aos joelhos em trincheiras de areia — o que quer dizer que Murphy estava metido nelas até à cintura. Quando chegou de volta ao quartel e tirou os sapatos, descobriu que seus pés estavam todos ensanquentados, e ganhou coragem para pedir um número menor.

Só então foi que o Sargento Black reparou que tinha um "cordeirinho" entre os seus homens. O sargento era do tipo dos que aparecem em filmes: ex-boxeur, com cara de buldogue e voz de trovão.

Êle foi o primeiro dos muitos e muitos homens de uniforme a não acreditar que Audie tivesse idade bastante para estar no exército. E a verdade é que não tinha. Aos dezessete anos, Murphy ficara com mêdo que a guerra acabasse antes que êle tivesse a idade legal de dezoito anos. Felizmente para êle, seu registro de nascimento fôra destruído num incêndio, e, sendo assim, o jeito foi arranjar uma nova certidão... e Audie apressou-se a ir visitar o velho médico que o tinha ajudado a nascer, dezessete anos antes.

O velho doutor desconfiou e sorriu compreensivo para Audie. — Você está louco por entrar na briga, hein? Vamos ver se me lembro — quando é que você nasceu mesmo?

— Em 1924 — mentiu Audie, com ar de triunfo.

DE POSSE do documento, Murphy foi direito alistar-se no Corpo de Fuzileiros Navais. O sargento de serviço mediu-o com o olhar e disse: — "Escute, garôto, nós precisamos de homens, e não de amostras!"

Ultra furioso, Audie saiu dali e foi oferecer-se à Marinha, onde lhe disseram pràticamente a mesma coisa. Audie estava cada vez mais ansioso, certo de que a guerra não ia esperar por êle. Tentou a Fôrça Aérea, sabendo muito bem que a sua instrução era insuficiente, mas esperando que, por um milagre, o deixassem entrar. Com os diabos, êle não ia humilhar-se alistando-se na infantaria — a infantaria, que aceitava todo o mundo. Mas não houve milagre, e Audie foi recusado pela Fôrça Aérea. Não lhe restou outro remédio senão entrar para a infantaria. Ainda tentou uma transferência para o Corpo de Para-quedistas, mas não tinha o pêso exigido para ser admitido.

Enquanto isso, a infantaria tentava ver-se livre dêle. Depois de ter desmaiado e passado um dia no hospital, o Sargento Black convenceu-se de que aquela meia-porção de gente não servia para soldado.

— Deixe-me dar-lhe um conselho, garôto — disse êle a Audie. — Você não foi feito para guerrear. Estou vendo se consigo com que seja transferido para o serviço de cantinas.

— O quê?! — gritou Audie. — Não quero nada com as cantinas! Quero é entrar logo em ação!

— Escute, meu filho, estou-lhe fazendo um favor — disse o sargento.

— Pois eu não quero saber de favores! Não se meta, e nós nos daremos muito bem.

AUDIE era ótimo atirador antes mesmo de entrar para o Exército, mas a única arma de que êle tinha prática era o seu rifle de calibre 22, uma espingarda leve, com a qual muitas vêzes caçara o jantar para a mãe e os irmãos. Mas a primeira arma que o Exército lhe deu foi um rifle de calibre 03, o tipo mais usado na infantaria. Quando Audie o apanhou, seus joelhos vergaram sob o pêso da arma, teve de fazer fôrça para não deixá-lo cair. Nos dias que se seguiram, exercitando-se no manejo do enorme rifle, era só graças a uma grande fôrça de vontade que não caía ao chão.

Tudo isso, porém, não impedia que Audie continuasse parecendo um garôto. O apelido de "Baby", que lhe tinham posto no Campo Wolters, e que o fazia ranger os dentes, era o único nome pelo qual êle era conhecido. Felizmente para Audie, seus colegas nunca descobriram que era texano: — "Teriam troçado de mim e não teriam acreditado" — diz êle. — "Eu era pequeno demais para ser do Texas".

Aproveitando uma licença de sete dias, Audie e um companheiro de armas resolveram conhecer Nova York. Audie ficou maravilhado com a grande metrópole, e não passava por um arranha-céu sem abrir a boca. Quando o dinheiro acabou, não ficou aflito: entrou numa tenda de tiro ao alvo e saiu com cinquenta dólares na carteira. Mas, apesar do seu ar triunfante e da medalha de melhor atirador, todo o mundo nas ruas olhava para êle e ria. Todos estavam certos de que Audie era um escoteiro metido no uniforme do pai.

FOI NO Forte Meade que êle deu a primeira prova de que, definitivamente, tinha nascido para soldado. Mandaram que êle fôsse montar guarda à cadeia, e conduzir dois presos à rouparia. Os dois soldados tinham o dôbro do tamanho de Audie e um dêles estava preso por assassinato e o outro por violências contra uma jovem. Audie sabia bem que, segundo as leis do Exército, se um homem deixa um prisioneiro escapar, êle próprio tem de cumprir o restante da pena. Compenetrado da sua tarefa, foi seguindo os dois homens em silêncio, até que, de repente, ambos tentaram derrubá-lo e fugir. Audie imediatamente apontou a arma na direção dêles. — "Ora, que é que você faria, se nós tentassemos fugir?" — troçou um dos presos.

Audie respondeu, com tôda a calma: — "Atiraria. Atiraria em vocês dois".

Finalmente o dia de Audie chegou. O batalhão foi enviado para o norte da África.

Mas, ao contrário do que pensavam, não entraram logo em ação. O Exército alemão estava caindo aos pedaços e, em vez de mandá-los guerrear, tiveram de passar por um período de intenso treinamento. Exercícios anfíbios, exercícios de tôda a espécie, além de uma preparação física espartana. Querendo acostumar seus homens a passar com um mínimo de calorias, o Exército escolheu marmelada para dar aos soldados: — "Durante dias a fio, só vimos marmelada à nossa frente" — lembra Audie, com uma expressão de enjôo. Depois disso êle nunca mais pôde sequer olhar para êsse doce.

NO NORTE DA África, o batalhão passou para a Sicília, depois para Salerno, a seguir para a cabeça de praia de Anzio, e por último para Roma. Veio depois o desembarque nas praias da França, a marcha para o norte e a terrível batalha final dentro da própria Alemanha. Apesar de ter passado por tôdas essas experiências, Audie continuava a ser encarado como um recruta. Seu capacete de combate caía-lhe sôbre a testa, e quase lhe tapava os olhos — a tal ponto, que os companheiros temiam que êle não visse bem, e fizesse fogo sôbre êles.

Por fim, resolveu o problema tirando o capacete, às vêzes mesmo em plena batalha, coisa que dava arrepios aos outros soldados. Uma vez, na praia de Anzio, um coronel viu Murphy de cabeça descoberta e emprestou-lhe o seu próprio capacete. Audie ainda ri às gargalhadas, quando se lembra que muitos o tomaram por coronel.

Mas Audie conseguiu subir de posto por merecimento. Não chegou a coronel, mas era tenente, quando foi ferido e ficou três dias numa padiola esperando que o transportassem para um hospital de campanha. Ardendo em febre, ainda assim pôde ouvir o que os médicos diziam a seu respeito: — "Êsse garôto deve estar com as insignias trocadas. Segundo elas, êle é tenente!"

— Tenente, imagine! — retrucou a voz de outro. — Êle não tem mais de quinze anos! — E puseram-no na enfermaria dos soldados rasos.

Mas, antes mesmo da guerra acabar, alguns se tinham convencido de que Murphy não era tenente à-toa. Os que estavam com êle quando o seu maior amigo foi morto à traição pelos alemães. Os que o viram reagir tão heròicamente que, mais tarde, lhe seria conferida a Medalha de Honra do Congresso por êsse rasgo de bravura.

TEM-SE dito muitas vêzes — é verdade — que Audie Murphy é tão extraordinàriamente modesto quanto extraordinàriamente valente. Quando todo o mundo o festejava como o soldado mais condecorado do Exército Americano, êle próprio não suspeitava disso: — "Eu não tinha a menor idéia de possuir mais medalhas do que qualquer um outro... Para falar com franqueza, nem sabia bem por que tinha ganho essas medalhas tôdas. Lembro-me que quando voltei a Fort Sam, depois da guerra, a cidade estava tôda enfeitada com bandeiras, banda de música e homens em uniforme de gala, prontos para desfilar. Eu não sabia que tudo isso era para mim — ninguém me tinha dito nada. Fui para o meu hotel, jantei no meu quarto, e fui dormir. Só depois é que soube que havia uma multidão na avenida principal, e um general escolhido para apresentar-me aos texanos. O general chegou a dizer que todo o mundo devia orgulhar-se de mim, famoso filho do Texas — e chegou a dizer: — "E agora, tenho a grande emoção de apresentá-los ao Tenente Murphy"! — Imaginem o fiasco. Eu, calmamente, inocentemente dormindo no meu quarto de hotel! Como ficaram indignados comigo!"

Não faz ainda um ano, Audie achava impossível falar àcerca da guerra. Foi com um grande esforço de vontade que êle fêz a versão cinematográfica de "To Hell And Back". Muitas das cenas foram verdadeiros pesadelos para êle. Mas o filme, por outro lado, parece ter-lhe servido de remédio, porque atualmente êle é capaz de recordar a guerra e, ainda por cima, os seus momentos mais cômicos. E a gente gosta de vê-lo rir da sua pequena estatura e do seu ridículo pêso -- (agora que êle tem 1 metro e 77, e um corpo musculoso).

A única coisa que Audie não gosta que lhe recordem é êle ter sido um herói — principalmente quando os filhos estão presentes: — "Não quero ser herói para êles. Prefiro que êles sejam fans de Roy Rogers".

— F I M —

FILMES NOVOS

(Conclusão da página 24)

Nova York Confidencial

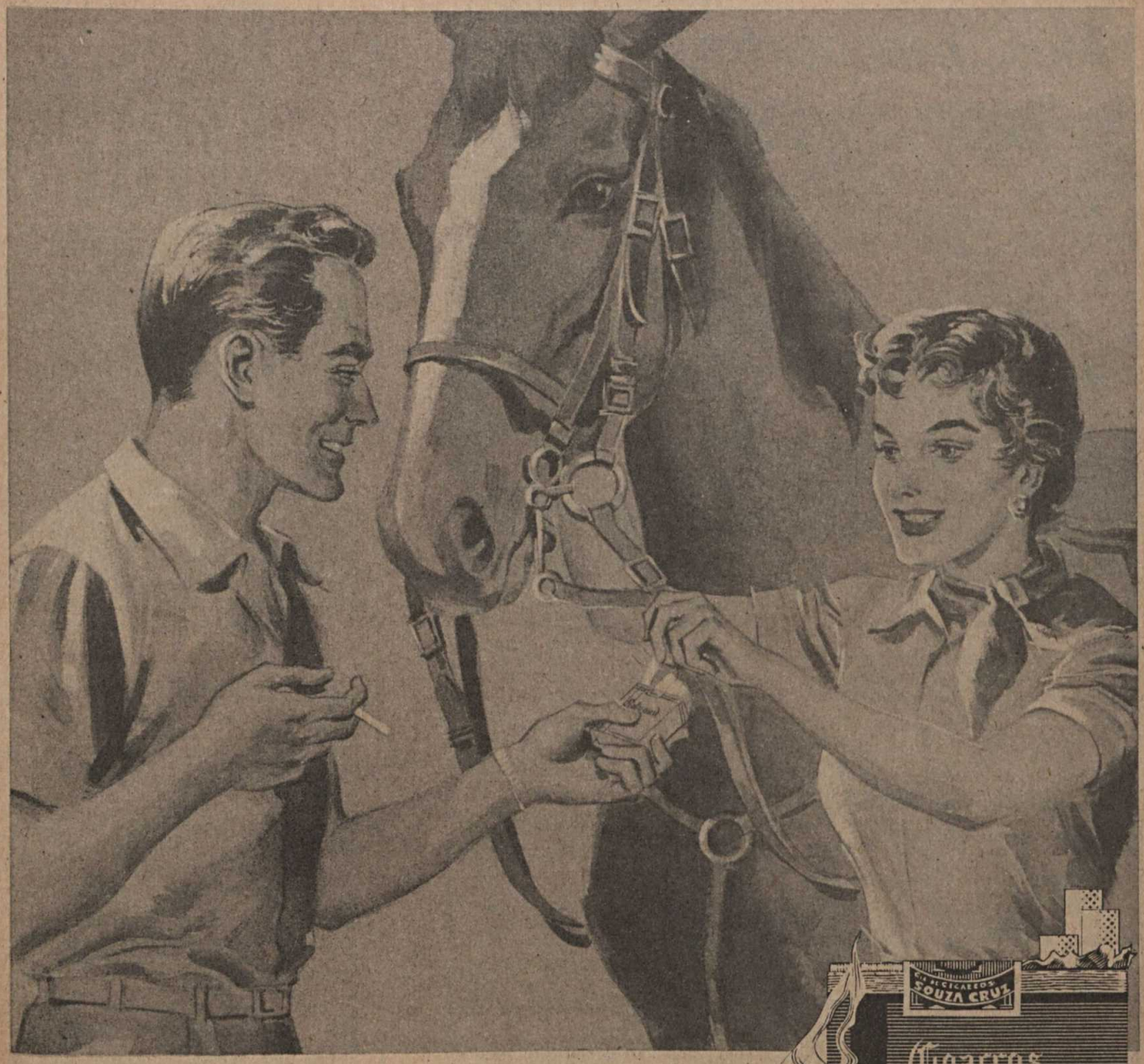
(New York Confidencial) — Warner

Será isto Nova York, a grande cidade? E' o que dizem. E dizem também que qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência. Devemos declarar com alívio que quando êste filme termina quase todo o mundo está morto. Broderick Crawford, chefe de um sindicato do crime, contrata Richard Conte para liquidar um membro do sindicato que deu uma publicidade indesejável à organização. A filha de Crawford, Anne Bancroft, não suporta a vida que o pai leva. Já Marilyn Maxwell, a amante de papai, adora esta vida. A grande crise estoura quando um sujeito de Washington trai a quadrilha pela polpuda quantia de dez milhões de dólares. Conte se oferece voluntàriamente para ir liquidar o tal sujeito, mas quem vão são outros três capangas que não conseguem fazer o "serviço". Que faz então Conte? Liquida êsses capangas. Só uma pessoa êle não pode matar: êle próprio. Disso, os outros se encarregam.

Presídio de Mulheres

(Women's prison) — Columbia

Se você está planejando um crime, ou mesmo se pensa que tem problemas, êste filme o deixará curado. A vida não é sopa para as prisioneiras. Ida Lupino vive a metê-las em camisas de fôrça, a dar-lhes pontapés quando estão caídas no chão do seu gabinete, e a agir com tal frieza que desperta a repulsa do médico da prisão, Howard Duff. Êste está sempre ameaçando pedir demissão, embora seja difícil de saber o que lucrarão com isso as internas. Entre as mulheres que cumprem pena estão Jan Sterling, falsificadora que não se mostra arrependida: Phyllis Thaxter, uma ameaça nas estradas, e Audrey Totter, que parece estar cumprindo pena principalmente porque seu marido, Warren Stevens, está prêso no mesmo presídio. As coisas se complicam quando Stevens consegue invadir o recinto das mulheres para visitar Audrey. Os planos de maternidade de Audrey que resultam dessa visita fazem com que Ida Lupino se modifique.



Agora, encontrei o meu cigarro...

hollywood

uma tradição de bom gôsto

Cada vez mais pessoas estão mudando para Hollywood

H-88.294

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

CREME DENTAL COLGATE

Combate Melhor a Cárie Dentária!

Experiências científicas realizadas durante dois anos provaram que escovar os dentes com CREME DENTAL COLGATE, logo após as refeições, é o melhor método para combater a cárie e perfumar o hálito. Porisso é que milhões de pessoas, no mundo inteiro, preferem COLGATE a qualquer outro dentifrício. E que sabor gostoso tem COLGATE!

Discos

O trumpetista Red Nichols

A talentosa GISELE MACKENZIE, que hoje não só canta, mas representa diante das câmeras de TV, acaba de gravar, para a marca X, *"Hard To Get"* * * e *"Boston Fancy"*. Se já tiveram ocasião de ouvir algum "Hit Parade" daqui, certamente ouviram a voz de Gisele, e puderam apreciar o seu talento em "vender" uma canção. "Hard..." vai ser certamente um hit, pois além de ter as qualidades musicais para subir, foi muito bem apresentada no show de Gisele, "Justice", em mais de 300 estações de TV "coast to coast". E' uma balada "solid", feita quase de propósito para a voz de quem a acaba de lançar com tanto sucesso... Pode ser o primeiro grande hit de Miss MacKenzie, que bem merece entrar no rol das grandes cantoras atuais. E', portanto, com prazer que lhe vaticinamos um sucesso absoluto com esta gravação, dando-lhe, com justiça, a cotação máxima. "Boston Fancy" é uma melodia que só

NOVOS

Por LOUIS SERRANO

será escutada porque está no reverso de "Hard..." Não tem maiores méritos.

EILEEN BARTON grava, como sabem, para a Coral, e além de um belo palminho de rosto tem uma voz que agrada muito. Daí o seu sucesso em todos os night-clubs onde canta, e nos shows onde aparece. A sua gravação de *"He Asked Me"* e *"How Could You Forget Me"* está regular, e os líricos de "He..." certamente vão vender esta melodia... Miss Barton parece ter gravado esta primeira melodia pensando naqueles que colocam níqueis nas jukeboxes... Para os jovens, "He..." vai ser um hit. "How Could..." é de ritmo lento e do estilo aqui denominado "torch". Apesar da excelente apresentação de Eileen, e do ótimo acompanhamento de Dick Jacobs e orquestra, não damos muito pela "vida" desta melodia.

GARY CROSBY está gravando para a Decca, onde seu pai alcançou tantos hits. Apesar da tradição de família, Gary não está escolhendo muito bem o material para os seus lançamentos. *"Ayuh, Ayuh"* e *"Mississipi Pecan Pie"* foram as melodias que gravou, e, apesar de terem ritmo e muito barulho (e talvez por isto mesmo), prefiro não cuvi-las novamente... Desejo melhor seleção para as próximas gravações de Gary, que, com justiça, possui uma voz bem aproveitável.

JIMMIE KOMACK talvez seja um nome completamente desconhecido para os meus leitores. Êle é o comediante que tanto sucesso está fazendo em "Damn Yankees". As suas duas gravações para

(Conclui na pág. 56)

Vic Schoen, Marion Hutton, o pai de Vic, Betty Hutton, Vogle Gilmore e Lee Gillette, no estúdio da Capitol Records,

-Mire-se num espelho!...

Com êsses cabelos escorridos, como quer que Paulo lhe dê atenção? Você precisa fazer uma permanente...

— Não, Suzana! Não me venha com ondulações a quente, autêntico suplício chinês. E além do tempo perdido, a gente se arrisca a ficar com o cabelo chamuscado, fôsco e duro, feito arame. Não! Deus me livre!

— Deixe-me explicar, Lúcia. Você não é feia. Tem lindos olhos, corpo perfeito, mãos delicadas... Seus cabelos, porém, lhe dão um ar de cansaço. Faça como eu e tôdas as moças modernas: use "TONI" — a permanente a frio, que se faz, cômodamente, em casa. Vou ajudá-la.

— Veja como é fácil. Primeiro, enrola-se o cabelo com êstes onduladores plásticos. Aplica-se a loção onduladora, seguindo as instruções que acompanham o estôjo, e assim você obterá uma ondulação suave e natural.

— Realizei o sonho de tôda moça. Sou, hoje, a senhora Paulo Arantes. Sinto-me felicíssima! Tudo isso, graças a "TONI" - a maravilhosa permanente a frio, que se faz, com a maior simplicidade, em casa, com o auxílio de uma amiga, e que nos permite os mais belos penteados.

ONDULAÇÃO PERMANENTE EM CASA

IA - 160

OS DOIS AMORES DE BEN COOPER

(Continuação da página 43)

E, além do mais, maneja cavalos e espingardas com a destreza de um herói romanesco.

Nasceu em Hartford, no Connecticut, e foi criado a cinquenta minutos da Broadway, em Beechurst, em Long Island. Ben, talvez para descansar os nervos do esfôrço que fazia nas novelas de rádio, resolveu certo dia comprar um cavalo, dar-lhe o nome de Gypsy, e fazer um passeio diário montado nêle.

Na sua carteira, há atualmente duas fotografias: a de Lee Sharon, curvilínea dançarina loura de night-club, cujas danças Ben descreve como "modernas", mas que a crítica diz serem do tipo naturalista, e a de Gypsy, montada por um cavaleiro sem cabeça. A foto era grande demais para caber na carteira, de modo que alguma coisa tinha de ser sacrificada — ou uma parte de Gypsy, ou uma parte de Ben. Êle, então, preferiu cortar a sua própria cabeça.

— Eu estou farto de saber como sou — explica Ben. — Afinal de contas, era Gypsy que eu queria recordar. E Lee, naturalmente...

Êle não confessou ter perdido a cabeça também por Lee, mas é justamente isso o que os amigos acham. Ben já saiu várias vêzes com Anna Maria Alberghetti, (por quem não esconde a simpatia), fica muito entusiasmado quando fala de Pat Crowley, (de quem foi colega em Nova York) e escolhe com cuidado a gravata, quando convida Lori Nelson para jantar, mas os entendidos dizem que êle está louco por Lee Sharon, que, últimamente dançando no Latin Quarter de Nova York, tornou-se a estrêla da vida de Ben desde novembro do ano passado. O interessante é que ela era namorada de um amigo do jovem ator, mas bastou serem apresentados um ao outro, para o pobre amigo ficar sem pequena...

Os dois andaram juntos em Hollywood durante seis semanas, enquanto Ben trabalhava em "The Rose Tattoo" — filme em que reparte as honras do estrelato com Burt Lancaster, Anna Magnani e Marisa Pavan. Depois disso, Lee teve de voltar a Nova York. Apesar de Ben não ter escrito para casa a respeito de Lee, a família veio a saber, e o pai telefonou e escreveu. No momento, parece que o romance continua bastante sério, servindo de tema aos debates familiares

BEN ORGULHA-SE muito do pai, Ben Cooper, Sr., engenheiro-mecânico, responsável por invenções diversas no campo da maquinaria industrial e bélica. Brian Donlevy cometeu certa vez o êrro de perguntar a Ben acêrca do pai, e meia hora mais tarde ainda estava ouvindo falar de Ben Cooper Senior. A mãe do nosso herói, Mrs. Berna Cooper, é a grande responsável pelos seus primeiros anos no teatro, tendo servido, também, como "manager" do filho. Há ainda uma irmã mais velha, Bunny, que é modêlo em Nova York, mas que já recebeu inúmeras ofertas de Hollywood, e provàvelmente estará fazendo um teste quando vocês lerem êste artigo. E' por isso, por se orgulhar tanto do pai, da mãe e da irmã, que Ben não quer complicações com a família, por causa de Lee. Mas tampouco quer complicações com Lee, por causa da família.

Quando Mrs. Cooper aguardava o nascimento de Ben, em 1933 (um dos anos da depressão econômica nos Estados Unidos), tôdas as vizinhas demonstraram a pena que sentiam dela: — "Que pouca sorte!" — comentou uma — "Aí está você esperando outra criança, e as coisas andam tão ruins. E' mesmo pouca sorte de irlandês!"

Mrs. Cooper sorriu tranquilamente: — "Não se preocupem tanto! Aposto como êle ganhará a sua própria vida antes de ter dez anos!" (Explique-se que ela dizia "êle" por ter certeza de que, depois de uma menina, o segundo bebê seria homem).

A aposta parecia absurda, mas deu certo. Aos nove anos, Ben já ganhava 50 dólares semanais, fazendo o papel de Harlan, o mais jovem dos filhos, numa versão da Broadway da peça "Nossa vida com papai", sendo o pai Howard Lindsay. Nessa peça, Ben trabalhou três anos. Cooper nenhum tinha antes pisado o palco. Uma amiga da família tinha lido que os produtores estavam à procura de um garoto de oito anos e, ao ver Ben brincar, achou que êle daria um bom ator! — "Êle não finge que é um "cowboy" ou um guarda, como os outros garotos" — disse ela à mãe de Ben. — "Parece fingir que está fingindo — exatamente como eu vi, uma vez, John Barrymore fazer!"

Nessa altura, a família já morava em Beechurst, e como era perto da Broadway, Mrs. Cooper levou o filho até ao Empire Theatre, onde a peça estava em ensaios. Lá, esperando também, havia cinquenta pares de mães e filhos.

— E quantas peças o seu garoto já representou? — perguntou uma das outras mães a Mrs. Cooper.

— Em nenhuma — respondeu a mãe de Ben.

— Oh! — exclamou a outra, com ar de compaixão, enquanto que as restantes mães adotavam uma atitude muito superior. Mrs. Cooper segurou a mão de Ben e instalou-se melhor na cadeira. Embora cansada de esperar, estava decidida a ficar ali até ao fim. Uma semana mais tarde, após uma série de testes, Ben conseguia o papel. Tinham-lhe dado uma cópia do que tinha de dizer, e recomendado que decorasse mais ou menos uma página, para o último teste. Mas Ben, em quatro dias, aprendeu de cor todo o papel de Harlan, num total de cinquenta páginas — e contrataram-no logo.

FOI NO QUINTO dia da sua carreira como ator que Ben conquistou a imorredoura admiração de Howard Lindsay. Ao preparar o cenário naquela noite, tinham-se esquecido de colocar uma cópia do catecismo na estante que aparecia em um dos atos, e Papai Lindsay teve de, improvisadamente, pedir a Whitney, outro dos seus filhos, que o fôsse buscar. Sòzinho no palco com Ben, o ator viu que tinha de continuar a improvisar, a fim de disfarçar a situação até que Whitney voltasse. Voltou-se para o garoto e perguntou: — Bom, Harlan, que é que você gostaria que eu lhe lesse?

Mal disse isso, Lindsay arrependeu-se. Certamente um menino de oito anos como Ben, só iria responder que queria que lhe lessem o Super-homem ou o Mandrake, e isso seria uma gafe horrível, já que a época da peça era o fim do século passado.

Entretanto, por motivos que êle próprio não sabe explicar até hoje, já que só tinha lido até então histórias em quadrinhos, Ben respondeu apropriadíssimamente, que o "pai" lhe lesse "As viagens de Gulliver". Lindsay ficou com os olhos cheios de lágrimas de alívio e, quando Ben saiu do palco, no fim da cena, sua "mãe", Dorothy Stickney (também Mrs. Lindsay na vida real) abraçou-o e beijou-o emocionada: — "Um verdadeiro profissional!" — exclamou Lindsay, por sua vez.

Com seus primeiros 50 dólares, Ben realizou a velha ambição de comprar "um belo vestido novo" para a mãe, e de dar "um dólar inteirinho" ao pai.

A família é unânime em dizer que Ben "envelheceu" muito depressa, depois que se tornou ator. Uma tarde, o pai foi levá-lo de taxi até ao teatro, quando passou por êles outro automóvel, com um garoto de belos cachos e cêrca de quatro anos

— Assim era o seu cabelo, quando você tinha essa idade — observou Mr. Cooper.

Ben olhou para o menino e, depois de meditar um pouco, perguntou:

— Papai, será que você e mamãe acham que eu já sou homem?

Êle ainda não tinha sequer nove anos, mas o pai não lhe lembrou isso. Olhou de relance para o filho, viu que êle estava inteiramente sério, e respondeu-lhe: — Oh, achamos sim!

Um ano depois de Ben ter entrado para a companhia, uma pleurisia o atacou, e êle foi obrigado a perder algumas representações. Na primeira noite de cama, pediu que lhe trouxessem um relógio de cabeceira e, marcando o tempo segundo as suas entradas em cena, começou a representar o seu papel. Teria ido até ao fim, se o médico não tivesse feito descer a cortina, com a ajuda de um sedativo.

BEN CONTINUOU a frequentar regularmente a escola enquanto durou a enorme temporada de "Nossa vida com papai" Depois, quando entrou para o rádio e para a televisão, fêz o curso secundário, e um ano na Universidade de Columbia. Não estudou mais, porque Hollywood começou a acenar-lhe com o tilintar de muitos dólares. Hollywood sabia o que estava fazendo: Ben acumulara mais experiência de representação do que qualquer outro rapaz da sua idade.

Antes dos vinte anos, já trabalhara em trinta e duas novelas de rádio, e nos melhores programas do rádio e da televisão. Representara, muito antes de tentar a sorte em Hollywood, com astros da classe de Helen Hayes, Joseph Cotten, Robert Mitchum, Gene Tierney, Claudette Colbert, Van Heflin, e Basil Rathbone. Sabia fazer qualquer tipo de papel e imitar pronúncias estrangeiras. Já encarnara, por diversas vêzes, inglêses, franceses, alemães, espanhóis, mexicanos e até mesmo japonêses.

Além disso, entendia bastante do lado econômico da sua profissão. Eis porque é pouco provável êle se deixe envolver num mau contrato em Hollywood.

APESAR DE TUDO, Ben não conseguiu vencer da primeira vez que veio à cidade do cinema. Foi em maio de 1952 que um caçador de talentos da Warner Brothers lhe ofereceu um teste para um dos papéis em "Retreat, Hell!". Mas o papel foi ganho por Russ Tamblyn, e Ben não perdeu tempo lamentando-se. Enquanto esperava o avião que o levaria de volta a Nova York, telefonava para diversos produtores de lá e reassegurava o seu lugar nos programas de rádio que até ali tinha feito.

Nesse meio tempo, porém, os diretores da Republic Pictures tiveram ocasião de ver o teste de Ben para a Warner, e acharam que êle viria a calhar para um papel em "Thunderbirds", filme de guerra que estavam planejando. Foi quando Ben estava trabalhando nesse filme que Herbert Yates, presidente da Republic, o viu a galope num cavalo. Mr. Yates, acostumado a fazer "westerns" com gente famosa, como Gene Autry, Roy Rogers, Tex Ritter e Rocky Lane, decidiu que Ben era o indicado para continuar essa tradição — e deu-lhe um longo contrato. Desde então, Ben já apareceu em dez filmes, sendo seus melhores papéis o de Jesse James, em "The Woman They Almost Lynched", o de Turkey, o bandido que acaba linchado, em "Johnny Guitar", e o do Marinheiro Jack, em "The Rose Tattoo".

Para Ben, conseguir o papel do Marinheiro Jack foi muito mais difícil do que representá-lo. Havia quase trezentos jovens atores atrás do papel. Todos foram entrevistados, mais de cem fizeram leituras, e uns doze fizeram testes. No dia em que o teste de Ben foi exibido, Hal Wallis e o diretor Daniel Mann anunciaram que a procura tinha terminado.

Ben mora num pequeno apartamento no Vale de San Fernando, quase em frente ao estúdio. E' êle próprio quem cozinha, embora seus amigos não achem a comida muito boa. Toca violão por esporte, e passa a maior parte do tempo livre montando a cavalo e praticando tiro-ao-alvo com um revólver. (Gaba-se de poder atirar em um quinto de segundo).

Joan Crawford achou que isso não era muito rápido. Ben, então, entregou-lhe outro revólver e provou-lhe que, enquanto ela ainda estava começando a dar ao gatilho, êle já tinha disparado não sei quantas vêzes.

— Puxa! — exclamou ela — Pensei que só quem nascia nervoso é que era capaz de mexer-se tão depressa.

Calmo, seguro de si mesmo quando está trabalhando, Ben não parece em absoluto ser nervoso. Mas ao natural êle está sempre falando e gesticulando, e movendo-se a grande velocidade. Outra coisa que êle parece ter, é mais fôlegos do que um gato. Durante as filmagens de "Johnny Guitar", caiu de costas de uma altura de três metros, quando o seu cavalo resolveu, à última hora, sair do lugar em que devia estar. Durante dois minutos, Ben ficou sem sentidos, enquanto o diretor Nick Ray e alguns colegas de elenco tratavam de fazê-lo voltar a si. Êle abriu os olhos mas ficou mais três minutos sem se poder mexer. Entretanto, cinco minutos mais tarde já estava outra vez pulando os três metros, desta vez aterrisando no dorso do cavalo, como fôra planejado.

(Conclui na pág. 54)

AGUARDEM!

É UM DOS MAIS BELOS DE TODOS OS TEMPOS!

M-G-M assegura:

É UMA HISTÓRIA QUE SERÁ SEMPRE RECORDADA COM EMOÇÃO!

Melodia Interrompida

"INTERRUPTED MELODY"

com GLENN FORD · ELEANOR PARKER

ROGER MOORE · CECIL KELLAWAY

CINEMASCOPE
E SOM ESTEREOFÔNICO PERSPECTA
COLORIDO

Procure conhecer, dentro em breve, a data da estréia do filme considerado "o maior dos romances musicais", no Rio de Janeiro (cines Metro), em São Paulo (cine Metro e cines Rio, Goiás, Leblon e Itapura), e em prestigiosos cinemas de outras importantes cidades brasileiras. Decida-se, desde já, a não perder "Melodia Interrompida", um espetáculo de que se envaidece a Metro-Goldwyn-Mayer!

O QUE HÁ DE NOVO

(Conclusão da página 17)

cial de Accra, na África Ocidental Inglesa, sôbre conhecimentos gerais, havia a seguinte pergunta: "Quem é Marilyn Monroe?" Entre as respostas havia algumas como: um zulu; o comissário de polícia, uma mulher que virou homem; um pugilista peso-pesado; o presidente dos Estados Unidos; o primeiro ministro da China. Nenhum dos 100 candidatos examinados conseguiu identificá-la corretamente como estrêla do cinema.

DEPOIS QUE CONQUISTOU um "Oscar" no corrente ano, parece que a estrêla Eva Marie Saint mudou de idéia quanto a trabalhar exclusivamente na TV e depois de julho aceitará uma das seis propostas que lhe foram feitas pelos estúdios de Hollywood.

O GOVÊRNO SOVIÉTICO convidou o cantor e ator negro norte-americano Paul Robeson para estrelar o filme russo "Othelo", Robeson é um notório agitador comunista nos Estados Unidos

MARGARET O'BRIEN, famosa estrêla infantil da tela, de alguns anos atrás, completou dezoito anos de idade e concluiu o curso secundário numa escola de Los Angeles. Pretende ela agora recomeçar a carreira cinematográfica como atriz adulta, e começa a posar para os fotógrafos vestida de maillot.

O SR. MOLOTOV, ministro das Relações Exteriores da Rússia, esteve num cinema de Times Square, em Nova York, onde assistiu à projeção de "Cinerama Holyday", o segundo filme em Cinerama.

A ATRIZ LORETTA YOUNG foi operada, em consequência de uma crise de peritonite. Seu estado é satisfatório e é provável que Miss Young se restabeleça ràpidamente, segundo notícias de Oxnard, na Califórnia.

A PODEROSA FIRMA cinematográfica alemã "UFA" (Universal Film Aktiengesellschaft) que foi liquidada pelos aliados no fim da guerra, está sendo reconstituída, informa-se de Berlim. A comissão de liquidação das empresas cinematográficas que eram propriedade do Reich, decidiu efetivamente a criação de uma sociedade por ações, com capital de 6 milhões de marcos, para reiniciar as instalações da UFA em Berlim, assim como as de outras duas firmas cinematográficas menos importantes: "Mars-Film" e "Aktiengesellschaft Fuer Films Fabrikation".

O TEMPERAMENTAL CANTOR e ator do cinema Mario Lanza, pai de quatro filhos travessos, está novamente às voltas com os tribunais da Califórnia, diante de dois processos judiciais exigindo indenizações por danos causados às casas onde morou. Entre as queixas apresentadas pelo proprietário de uma das casas alugadas: 1) tôdas as cortinas tiveram de ser substituídas, porque os cachorros de Lanza as preferiam às árvores e portas; 2) o telhado ficou cheio de goteiras depois que Lanza arrancou as cinco antenas de TV que ali havia instalado; 3) as pernas de um piano de cauda foram roidas pelos dentes das crianças e cães; 4) várias das portas estavam arrancadas ou rebentadas a sôcos. Segundo o dono da casa, a imundice e os danos eram gerais, e nem os tetos escaparam.

DOIS VETERANOS astros do cinema, Bebe Daniels, de 54 anos de idade, e seu marido Ben Lyon, de 55 anos, festejaram em Londres, onde vivem há 19 anos, o 25.º aniversário de casamento, e a BBC dedicou-lhes na ocasião um programa comovente de rádio.

MORREU AOS 71 anos de idade, na cidade de Miami, o ator que foi um dos ídolos românticos do cinema-mudo, Carlyle Blackwell.

FOI EXPOSTO numa vitrine da praça da Ópera, em Paris, um retrato a óleo de Josanne Mariani, a noiva francesa do ator Marlon Brando, pintado pelo artista polonês Moise Kissling. Josanne aparece no quadro nua, deitada num divã vermelho, e o preço pedido pelo pintor é de 8.571 dólares (700 mil cruzeiros). Consultado certa vez sôbre essas poses nuas da noiva, Brando comentou: "São artísticas e por que iria eu zangar-me?" Mas agora, em face da exposição pública, o ator retrucou aos jornalistas: "Recuso-me a comentar o fato".

AO SER ENTREVISTADO pela imprensa inglesa, o pianista norte-americano Liberace fêz um ar sentido e quase lacrimoso, quando um repórter perguntou: "O senhor não fica cansado de ver tantas almofadas, cinzeiros, jarras, mesas, piscinas, tudo em forma de piano à sua volta?" e com um suspiro de esfeta ultrajado respondeu: "Mas os senhores não parecem compreender... eu amo os pianos".

O ATOR PETER LIND HAIYES ao representar o papel de "Peter Pan", no palco de uma boite de Las Vegas, levou um tombo quando rebentou o fio que o mantinha prêso ao teto e quebrou duas costelas.

O ADVOGADO DA ESTRÊLA cinematográfica Rita Hayworth aconselhou a esta que não leve a Paris sua filha Yasmin, para visitar o príncipe Ali Khan em França, até que um tribunal francês lhe assegure a devolução da menina. Acrescentou que já se dirigiu ao príncipe, solicitando-lhe que requeira sentença de um tribunal francês, sôbre se os termos do acôrdo de divórcio concedido em Nevada à atriz são válidos na Europa. "A sentença de divórcio estabelece que Yasmin passe uma temporada de dez semanas com seu pai, a partir de 1.º de julho — manifestou o advogado. Rita está preocupada porque teme que o príncipe possa repudiar o acôrdo.

A MAGNÍFICA reação do público japonês em relação ao filme brasileiro "O Cangaceiro" convenceu os distribuidores de filmes no Japão de que o público acolherá favoràvelmente uma importação mais numerosa de filmes brasileiros. "O Cangaceiro" foi o único filme sul-americano exibido no Japão desde o fim da última Guerra Mundial. O filme foi distribuido pela Columbia Pictures que também fêz a sua propaganda em todo o Japão.

GIOVANNI GUARESCHI, autor de "Don Camillo", deixou ontem à tarde a prisão de San Francisco (Parmá), Itália, onde tinha de cumprir, ainda, uma pena de 4 meses. O escritor foi solto por ter sido atendido o pedido de liberdade provisória formulado por seus advogados. Giovanni Guareschi fôra condenado a 12 meses de prisão, no ano passado, por ter afirmado na revista monarquista "Candido", da qual é diretor, que o sr. Alcides de Gasperi, pedira, durante a guerra, aos aliados, que bombardeassem Roma, a fim de justificar o pedido de armistício de parte da Itália.

A BELA GINA LOLLOBRIGIDA deu a entender que não faz a mínima idéia de como as suas curvas possam ajudar o mundo a andar por caminhos mais certos. A famosa atriz deixou bem claro êsse pensamento ao desmentir que tenha a intenção de contribuir para que o Ocidente e o Oriente cheguem a um entendimento, "assistindo a um festival juvenil mundial", que se realizará em Varsovia, em agosto, sob o patrocínio dos comunistas. O jornal juvenil comunista da Alemanha Oriental, "Junge Welt", havia informado que a curvilínea Gina aceitara um convite para assistir ao festival. Todavia, por intermédio de seu marido o Sr. Mirko Skofic, Gina disse hoje: "Não sei o que êles pensam que eu possa fazer, e, além disso, não iria de maneira alguma". Os organizadores do festival também convidaram o presidente Eisenhower, a rainha Elizabeth II e o presidente René Coty, da França.

A CEGONHA ANDA realmente ativa entre o grupo do cinema: Ann Blyth anunciou que ela e o Dr. McNulty esperam o seu segundo filho para 56; Vic Damone será pai em agosto; os Howard Keels tiveram um filho há duas semanas; e o diretor Vincent Minnelli, uma filha há um mês. James Mason disse que o maior embaraço que lhe causou o atraso de um mês, na chegada da cegonha à sua casa, foi a dificuldade em dar explicações satisfatória à filha Portland, que opinou que a cegonha devia estar em greve!

LEMBRAM-SE DE Turhan Bey? Está vivendo na Austrália há alguns anos. Escreveu que está por voltar, para conservar a sua cidadania americana em boa situação.

—— F I M ——

OS ESPIÕES DE "CINELÂNDIA"

(Conclusão da pág. 14)

Don disse-me isso quando lhe telefonei para perguntar se era verdade que êle havia dado um anel à linda Gloria Noble.

— Dei, sim. Glória é uma boa menina e gosto dela. Foi um gesto de amizade, nada mais.

— Você está ficando cínico, Don.

— Cínico, não. Estou ficando velho... velho e sabido.

A FESTA DO MÊS: Todos os anos o agente Ray Stark e sua mulher, Fran, dão uma grande festa a que comparecem tôdas as celebridades de Hollywood. A dêste ano foi a melhor de tôdas.

O jardim de sua enorme residência em Holmby Hills ficou quase todo coberto pelo maior toldo de lona que já vi. Havia rosas por tôda parte e as mesas, distribuidas em torno da pista de dança, estavam enfeitadas com lindas flores da primavera.

E para completar a beleza do ambiente, tôdas as mulheres presentes estavam elegantíssimas.

Os primeiros convidados com que me encontrei foram Dorothy e Bob Mitchum, Dorothy muito bonita num vestido branco. A maior surprêsa foi ver o velho Mitchum de cabelos penteados, rosto barbeado, e num dinner-jacket novinho em folha.

— Embarcaremos para a Europa por êsses dias — disse-me Dorothy tôda contente. — Se ficassemos esperando uma ocasião melhor, jamais iríamos, porque Bob recebe um bom script atrás de outro, e êle não pode ver um bom argumento sem ficar logo com vontade de filmá-lo — e voltando-se para o marido: — Você me prometeu que iríamos agora, não foi?

— Prometi, sim, e iremos.

— Não reconheci Jennifer Jones logo de pronto quando a vi. Ela não costuma ir às festas, (há muito tempo não saía de casa, disse-me) e depois está muito gorda.

Jennifer e David Selznick passaram a noite quase tôda em companhia do casal Joseph Cotten.

A nossa anfitriã, filha daquela grande artista que foi Fannie Brice, estava deslumbrante num vestido verde. Usava também o lindo colar de pérolas e brilhantes que pertenceu a sua mãe.

À medida que as horas foram passando, reparei que o verde foi a côr preferida pelas convidadas. Tanto Zsa Zsa Gabor como sua irmã Eva estavam de verde, côr muito apropriada para Zsa Zsa, como se viu.

Quando Porfirio Rubirosa chegou, mais tarde, e demonstrou estar zangado com Zsa Zsa, pois quase não falava com ela, perguntei a ela o que tinha havido.

— Nada — respondeu Zsa Zsa rindo. — Êle está com ciumes.

Jeanne Crain e Paul Brinkmann chegaram muito tarde, pois Jeanne teve de ficar trabalhando até altas horas da noite em seu novo filme, "The Second Greatest Sex".

Mas o último e mais surpreendente convidado a chegar foi Aly Khan. Chegara de avião à meia-noite, e foi diretamente do aeroporto para a casa dos Starks.

— F I M —

OS DOIS AMORES...

(Conclusão da página 52)

BEN GOSTA DE HOLLYWOOD. É' jovem e gosta de se divertir e de fazer amigos de tôdas as classes. Um dos seus maiores amigos é o conhecido Jimmy Murphy, misto de ator e de encarregado do estacionamento dos carros em frente ao Ciro's. Ben costuma passar por lá para conversarem os dois, e talvez seja o único ator de Hollywood que vai até ao Ciro's para ficar do lado de fora. Isso não quer dizer, porém, que tamoém não entre de vez em quando como freguês.

Incidentalmente, logo que John Wayne disse ao agente Barnett que Ben lhe parecia um autêntico astro, disse também que queria fazer um filme com o rapaz. O mesmo declarou Dick Powell, pouco depois. E pràticamente todos os estúdios da cidade estão vendo se arranjam alguma história para Ben Cooper estrelar.

Enquanto isso, o jovem ator escreve longas cartas a Lee Sharon, sempre lhe pedindo, entre outras coisas, que vá visitar Gypsy por êle.

— FIM —

A CANETA DE ESCRITA MAIS SUAVE DO MUNDO!

Parker "51"

COM PENA ELETRO-POLIDA, EXCLUSIVA DA PARKER

Você nunca poderia acreditar que uma caneta escrevesse tão suavemente quanto a Parker "51"! O segrêdo reside no famoso "Eletro-Polimento", um processo de acabamento das penas, exclusivo da Parker, que as torna lisas como um espelho, eliminando as mínimas asperezas. E a Parker também lhe oferece o mais simples sistema de enchimento. Com apenas dois dedos você enche a Parker "51" com tinta suficiente para várias horas de escrita contínua. Vários tipos de pena à sua escolha.

Para melhores resultados, com esta ou qualquer outra caneta, use Parker Quink, a única tinta que contém solv-x.

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Pôsto Central de Consertos:

COSTA, PORTELA & CIA.

Avenida Presidente Vargas, 435-8.º andar — Rio de Janeiro

São Paulo - Carlos Pessoa & Cia. Ltda. - Benjamim Constant, 171 - 7.º and.

4.691-P

SOB A APARÊNCIA FRÍVOLA...

(Conclusão da página 11)

impressão ilusória sôbre os seus sentimentos e costumes, levada que é pelo natural desejo de atrair a atenção do público de modo constante, e pelos métodos mais simples de sedução, quase sempre. As multidões desprevenidas de espírito crítico aceitam os fatos sob êsse prisma de fácil encantamento, e muitos passam então a acreditar que tudo por lá é apenas isso: sex-appeal e alegria primitiva de existir por existir, sem coração ou consciência, além da ambição obcecante do triunfo artístico.

Penetremos, porém, na intimidade dos estúdios de filmagens, nos lares dos artistas, na sua trabalhosa faina de todos os dias. Vejamos o que fazem vários dêles, antes e depois de estarem ante a ação da câmera, interpretando às vêzes, e com absoluta maestria, personagens tão diferentes do que são no seu íntimo...

Bastará citarmos alguns nomes de projeção no screen, para que cheguemos ao ponto almejado: negar o conceito em que os tem boa parte do grande público, em relação à moral de suas vidas, e de Hollywood, em geral.

*

E' bem considerável o número de artistas católicos do cinema americano. Católicos sinceros, militantes e que cooperam até com festivais e outros meios para maior esplendor da fé que os anima e conforta, como a milhares de outras pessoas anônimas neste nosso vale de lágrimas.

Além do exemplo de Pier Angeli, que já invocamos, eis-nos agora frente a outra radiosa expressão de beleza, de Hollywood: Ann Blyth. E' uma jovem e ardente alma dedicada ao culto divino, sob o aspecto de uma atriz de sucesso. Seu lar é um perfeito lar católico, onde o marido, o médico Jim Mc Nulty, segue também a religiosidade da espôsa.

Católicos são também os seguintes artistas: Bing Crosby, Ricardo Montalban, Loretta Young, Danny Thomas, Donald O'Connor, June Haver, Dan Dailey, Dennis Day, Geary Steffen, Lucille Ball, Desi Arnaz, Red Skelton, Dean Martin, Marisa Pavan, Irene Dunne, Vic Damone, etc.

A oração e a humildade em Cristo têm sido, para muitos astros e estrêlas de Hollywood, o seu motivo maior de glória subjetiva, não se importando, alguns dêles, quase nada com as glórias vãs dêste mundo... A igrejinha de Beverly Hills, como outras mais de Los Angeles, acolhe sempre, entre os seus devotos cotidianos, muitas figuras de grande cartaz para o público. Confundidas entre os que rezam, de olhos baixos e lábios iluminados pelas palavras benditas, essas figuras são iguais a tôdas as demais que ali se encontram, ante os olhos do Senhor, e até mesmo ante os olhos de seus semelhantes...

Também a Igreja, por sua vez, não se esquece dêsses seus filhos queridos. Vai ao seu encontro, diz-lhes a verdade com singeleza, estimula os seus anseios de perfeição moral, ajuda-os na prática das virtudes. E' o que podemos comprovar pela foto em que vemos a grande jornalista de Hollywood, Louella Parsons (outra católica de boa fibra), em companhia do Cardeal J. Francis A. Mc Intyre, do Bispo Fulton J. Sheen, de Nova York, e da famosa Irene Dunne, por ocasião de um monumental banquete (para 1.000 pessoas) realizado em Los Angeles, com o fim de congregar os líderes da indústria cinematográfica e da sociedade local na campanha de beneficência em prol das obras de um hospital católico de Santa Monica — o "St. John's Hospital".

De qualquer modo, a igreja compreende que Hollywood não está longe dos ensinamentos cristãos, apesar da aparente frivolidade do glamour que os refletores e as câmeras da publicidade focalizam.

—— F I M ——

DISCOS NOVOS

(Conclusão da página 51)

a Coral, *"This is the Place"* e *"Rock-a-Bye Your Baby With a Dixie Melody"* prometem outro sucesso para o infatigável Jimmie. "This is..." é uma balada que Komack canta em estilo comercial e sem outro mérito do que querer agradar. "Rock-a-Bye..." apresenta o verdadeiro Jimmie, homem dos "sete-instrumentos", imitando todo o mundo e divertindo... Reconhece-se até o estilo de Eartha Kitt, Alan Freed, Monte e até Al Jolson... Agrada aos que gostam de novidade e talvez por isto fique por algum tempo "around".

ROBBIN HOOD (bom nome) acaba de lançar duas gravações para a MGM: *'Mirror, Mirror"* * e *"One Love Is Enough For Two"**. A sua voz é forte e talvez venha a ter o seu primeiro sucesso em "Mirror..." Robbin agrada pelo treino da sua voz, e nota-se que tem estudado bastante, pelo que lhe damos os parabéns (uma vez ela nos disse que não pararia de estudar enquanto não tivesse certeza de ter chegado ao cume de sua carreira...) "How Could..." também tem possibilidades e tudo depende de como os Disc Jockeys locais e de outras cidades vão tocar estas gravações... Quanto a nós, ambas merecem destaque.

BARRY FRANK e a orquestra Bolívar gravaram para a marca Seeco *"Sweet and Gentle"* * e *"Lemon Merengue"**. A voz de Frank está muito boa nestas gravações, e a orquestra e grupo vocal Bolívar merecem aplausos pelo bom ritmo latino apresentado... coisa que é rara por aqui. Pelo grande número de vêzes que escutei as gravações pelo rádio, estou certo que ocupará por aqui "um lugar ao sol..." Merecem uma justa estrelinha.

"EU PREFIRO E RECOMENDO

Miss

PORQUE É MUITO MAIS HIGIÊNICO!"

"Sim! tôdas preferem Miss, porque é o único produzido mecânicamente e embrulhado unidade por unidade, sem nenhum contato manual. Isto quer dizer que Miss protege mais, é mais confortável, não irrita, é invisível mesmo sob vestidos leves... e é muito mais absorvente!"

Peça GRÁTIS o livrinho "Dê à sua filha dias inteiros de bem-estar".

INDÚSTRIAS YORK S. A.

Prodútos Cirúrgicos

CAIXA POSTAL 8693 - SÃO PAULO

USE E CONFIE NOS PRODUTOS YORK

Grant

PORQUE FIQUEI RUIVA

(Conclusão da página 26)

sido uma idéia maravilhosa. Desde êsse momento em diante, comecei a ficar animada, e, por fim, entusiasmada com a minha nova aparência. Realmente, a nova côr me ia tão bem, que eu até parecia ter nascido ruiva. E algo dentro de mim dizia: — **Aja também como ruiva!**

Naturalmente, nem tôdas as reações foram favoráveis. Por exemplo, todos os membros masculinos e velhos amigos da minha família, bem como alguns homens mais tradicionais que trabalhavam no estúdio — policiais, eletricistas, etc. — acharam que eu tinha feito uma loucura, tingindo o cabelo.

— Oh, não, Debra! — exclamou um dêles. — Volte à côr natural! — Mas todos os produtores do estúdio (exceto Mr. Zanuck, que até hoje não viu a "nova" Debra), os diretores, os "screen-writers" e os outros artistas — além de tôdas as moças que conheço — aplaudiram os cabelos vermelhos. A princípio, fiquei intrigada com essa divergência de opiniões. Um grupo de pessoas achava ótimo, mas havia os que achavam absurdo. Depois é que entendi: para o polícia do estúdio, para o eletricista, para o amigo da família, eu era apenas uma velha amiga, e êles não me consideravam sòmente como uma atriz de cuja aparência dependia o sucesso. Já os produtores e os diretores tinham em mente novos tipos de papéis que poderiam dar-me — exatamente o que eu ambicionava, precisamente o que mamãe me dissera.

POR FIM, já não me importava tanto com os elogios ou as críticas. Sentia-me adulta, independente, capaz de resolver as coisas sòzinha. Vi que nem sempre se deve seguir à letra, os conselhos dos amigos. Primeiro, a gente tem de perguntar a si mesma o que quer realmente. Às vêzes, os amigos pensam que a gente quer uma coisa, e aconselham-nos nesse sentido, e no fundo não é isso o que nós queremos.

Por exemplo, eu sempre tinha sido muito quieta, o tipo da pessoa que costuma usar "sim" e "não" mais do que qualquer outra palavra, numa conversação. Eu era quieta por natureza, mas não porque gostasse de sê-lo. Sempre desejara ser capaz de conversar animadamente, embora todo o mundo julgasse que eu era quieta porque queria.

Pois bem, eu agora tomo parte ativa nas conversas, como sempre ambicionara — e isso desde que deixei de ser morena!

Um repórter meu conhecido, que não me via havia algum tempo, ficou surprêso quando me veio entrevistar depois de ruiva: — Puxa, você agora parece expressar-se tão melhor do que antigamente! — comentou.

Era verdade, e eu sabia por que. Simplesmente porque as ruivas têm, dentro delas, muito mais o que expressar! E não me venham dizer que eu não sou verdadeiramente uma ruiva... Se há coisa que descobri, é que, quando se pinta os cabelos de vermelho, a gente se torna 100% ruiva!

E' engraçado ver as novas reações que a gente provoca. Um rapaz que ainda ontem sorria indiferente, agora olha para nós com um ar muito interessado!

Jeff Hunter, com quem eu trabalhei em "White Feather", parou boquiaberto, quando me viu de cabelos vermelhos, e com um ar completamente impressionado pela minha transformação. Foi o maior elogio que êle me poderia fazer.

Mr. Henry Koster, que me dirigiu em "Stars And Stripes Forever", olhou para mim no restaurante do estúdio, e disse apenas: — Ahhhh! — Mas disse-o com uma entoação tôda especial, de surprêsa e de elogio.

Dale Robertson, que havia meses eu não via, fêz-me parar na rua para dizer-me que gostava muito da minha nova aparência.

São essas as pessoas com quem eu trabalho, e por isso as opiniões delas valem muito para mim. Quando me dizem que fiz bem, sinto-me segura e confiante.

MAMAE ACHA que talvez a "nova" Debra dê para sair com rapazes, coisa que até agora eu não fiz nunca. Pode ser, mas isso nunca teve nada a ver com a côr dos meus cabelos. Eu simplesmente não vejo sentido em perder meu tempo com alguém por quem eu não me sinta completamente interessada. E até hoje não encontrei rapaz por quem verdadeiramente me interessasse.

Mas quando êle surgir é melhor que tenha cuidado. Em primeiro lugar, não penso deixá-lo fugir; em segundo, não penso deixar de ser ruiva.

Um nosso amigo, assistente de diretor, disse no outro dia a mamãe, que eu devia voltar a ser morena.

— Só passando por cima do meu cadáver! — respondeu mamãe.

E por cima do meu também!

FIM

MISS CINELÂNDIA

(Conclusão da pág. 18)

candidatas do Distrito Federal remeterão os cupons à redação d'O GLOBO (Rua Irineu Marinho, entrada pela Rua de Santana, 154), em envelope fechado com os dizeres "Concurso Miss Cinelândia". As concorrentes dos Estados remete-lo-ão à redação do jornal organizador local. Êste cupom deverá ser acompanhado de, pelo menos, duas fotos da candidata, uma delas em instantâneo e de corpo inteiro. As fotografias não serão devolvidas.

3 — Encerradas as inscrições, a 15 de agôsto, serão efetuadas provas regionais de seleção, da maneira mais conveniente a critério de CINELANDIA, ou pelo jornal organizador no Estado.

4 — Após os testes eliminatórios, serão escolhidas, por um primeiro juri estadual, as candidatas às provas finais. Em seguida as finalistas, além dos três desfiles de apresentação pessoal ao grande juri, no Rio de Janeiro, também serão submetidas a testes cinematográficos (prova que vale dois pesos, entre os três que serão computados para a eleição).

5 — O jornal O GLOBO, no Rio de Janeiro, e jornais estaduais, em combinação com CINELANDIA, divulgarão o noticiário do concurso, de forma a trazer as candidatas informadas de todo o seu movimento.

6 — A vitoriosa terá como prêmio, além de outros, um contrato cinematográfico com a garantia de estrelar um filme brasileiro produzido por grande emprêsa nacional de cinema, a cuja aceitação estará automàticamente obrigada.

"MISS CINELÂNDIA"

COUPON DE INSCRIÇÃO PARA O CONCURSO.

Nome .....

Naturalidade .....

Altura..... *Pêso*..... *Idade*.....

Cabelos..... *Olhos*..... *Tez*.....

Estudos .....

Profissão .....

Estado Civil..... *Telefone*.....

Residência..... *Estado*.....

Rua ..... *N.º* .....

N. B. — A candidata concorda com tôdas as condições regulamentares, e aceita o que fôr deliberado pela comissão de julgamento designada por CINELANDIA.

O QUE EU VI NOS ESTÚDIOS

(Conclusão da página 47)

colaboração com Eduardo Devoto. O diretor Roman Vignoly Barreto achou magnífico o desempenho de Cyl Farney no papel de Francisco Alves. Inalda Carvalho (Miss Cinelândia 1953) e Eva Wilma são outros bons elementos no grande elenco escolhido.

A Interarte (São Paulo), que filmou "Mar sem fim", pretende levar à tela, em breve, uma adaptação da peça teatral "Filhos do Santo" e a sátira de Hermilo Borba Filho, "Cabeça Pelada"

"A Esperança é eterna", primeira produção dessa companhia, figurou no V Festival do Filme de Berlim, recentemente. Antes disso, o excelente documentário de Marguliés participou dos certames do Uruguai e de Cannes.

Está para ser lançada a produção da Unida Filmes realizada por Mario Brasini nos estúdios da Flama, no Rio: "O primo do Cangaceiro". Com Antônio Carlos (considerado o melhor humorista do rádio em 1954), a ex-candidata a "Miss Cinelândia" Anna Beatriz, Alberto Perez, etc. Música de Catulo de Paula (também no elenco), fotografia de Amleto Daissé e cenografia de Fernando Pamplona.

O casal Carlos Thiré (o diretor de "Luz Apagada") ganhou o seu primeiro herdeiro, que, por sinal, é herdeira... A garôta chama-se Bárbara e nasceu pesando três quilos e oitocentas gramas, em junho último.

Se, antes desta aqui, vocês leram a seção "Aconteceu no Brasil" dêste número da nossa revista, já devem saber do que está acontecendo lá por São Paulo, com os nossos principais galãs cinematográficos: Mário Sérgio foi embora para Pequim, e Hélio Souto abandonou de vez o cinema, ao que dizem, convertendo-se em homem de negócios, certamente devido ao seu próximo casamento com a filha dos Morgantis.

Há outra notícia a respeito: Miro Cerni, o protagonista de "A Estrada" (cujos dois últimos exteriores foram já rodados em Santos), talvez já se encontre a caminho da Europa, quando estas notícias forem publicadas... E o responsável por isso será Fernando de Barros, que, a exemplo do que já fêz com Alberto Ruschel e Marisa Prado, agora vitoriosos no cinema espanhol, parece haver conseguido uma boa situação para Miro nos estúdios italianos. Aliás, espera-se ainda novidade maior, de Fernando de Barros: a próxima filmagem a côres de "Arara Vermelha", em co-produção com a Itália...

Lourenço Hildo Ferreiro, que interpreta o papel de Alcides em "A Estrada", está colaborando com Primo Carbonari (São Paulo) na realização de jornais cinematográficos e documentários da série "Conhece o que é teu", da qual tivemos já os dois shorts "Vila Velha" e "Iguaçu".

Angra dos Reis, que já serviu de cenário natural a "Luz Apagada" e outros filmes, deverá ser o ambiente das primeiras locações de "Vasante", com Ninon Sevilla. O produtor Roberto Acácio enviou àquela cidade do litoral fluminense um emissário seu, Cirilo Dacosta (que fêz parte do elenco de "Mãos Sangrentas"), para os primeiros contatos com os meios locais.

O prefeito de Angra prometeu cooperar para o êxito da iniciativa.

Rui Santos fará um documentário sôbre a obra do "Aleijadinho" assim que finalizar a seqüência e a terceira história do seu filme em sketches, "O Incêndio". Maria Fernanda, Lola Brah, Sérgio Cardoso e sua espôsa, Nídia Lícia, Fernando Pereira, e outros, são os artistas de "O Incêndio".

A Sorocaba Filmes deve ter já lançado em São Paulo o seu primeiro filme, "Não Matarás", com o ator do rádio e da televisão bandeirantes, José Parisi, Iracema de Brito, Carlos Cotrim, Azeitona, Landa Lopes, Monica Lee e Neide Landi, sob a direção de Freitas Júnior.

FIM

A vida de uma espôsa saudosa

(Continuação da página 35)

demorasse a ser assinada. Além disso, o bicho adorava dar passeios pelas colinas de Beverly — talvez por lhe recordarem as montanhas da sua terra natal, segundo pensava Jean. Assim, quando não havia nada mais o que fazer, ela e os três cães passeavam, passeavam, até à exaustão. Depois, chegada a noite, voltavam todos para casa e Jean ligava o seu aparelho de televisão.

Nas primeiras noites, ela até achou um sabor estranho em gozar da "liberdade" de escolher os seus programas de televisão.

— Ao menos, agora posso ver o que quiser, sem precisar de ceder! — disse ela a Bill Rushton, ex-colega de Jimmy no exército inglês, e atual mordomo dos Grangers.

Sim, porque até então ela sempre tivera de abrir mão dos seus programas cômicos e teatrais, já que Jimmy e Rushton sempre queriam ver jogos de futebol ou lutas de box. Mas a liberdade não lhe soube tão bem quanto esperara. Assistir aos seus programas prediletos não tinha a menor graça, porque Jimmy não estava lá, ao lado dela. Tudo lhe parecia sem interêsse — até a leitura.

Felizmente, pouco depois começaram as filmagens de "Guys And Dolls" e ela pôde voltar para casa, exausta demais para pensar em Jimmy, ou para sentir saudades. Mal voltava do estúdio, comia uma coisa ligeira (porque tinha aumentado de pêso durante a sua estada na Inglaterra) e caía na cama para dormir logo.

O CANSAÇO de Jean depois de um dia de filmagem, compreende-se bem: em Guys And Dolls", além de ter um papel característico bem difícil, ela tem de cantar e dançar — coisa inteiramente nova em sua carreira. Quando era artista do cinema inglês, o diretor Anthony Asquith pedira-lhe que cantasse no filme "Way To The Stars". Após ouvi-la com atenção, Asquith dissera-lhe com tôda a franqueza: — "Minha cara, acho melhor você se restringir apenas a representar".

Entretanto, Joe Mankiewicz, diretor de "Guys And Dolls", além de adaptador da versão apresentada na Broadway, pedira-lhe que usasse a sua própria voz nos números de canto. Dissera-lhe que o seu papel era o de uma jovem do Exército de Salvação, e não o de uma cantora profissional, de modo que ela podia muito bem cantar.

Cantar, dançar e representar cenas extenuantes, com astros da magnitude de Marlon Brando, Frank Sinatra e Vivian Blaine, exigia uma noite de bom sono para no dia seguinte poder gastar energia física e mental.

Ela ia escrever a Jimmy a respeito dos seus números de canto — ia caçoar de si própria — mas terminou não escrevendo. Em primeiro lugar, passou-se quase um mês sem que ela recebesse uma única carta de Jimmy, dizendo se tinha chegado bem e o que estava fazendo. A culpa não foi dêle, é claro, mas dos desorganizadíssimos correios do Paquistão. Em segundo lugar, Jean detesta escrever cartas, embora sinta um grande sentimento de culpa ao confessar isso.

DEPOIS dos passeios a pé, vieram os passeios em seu carro Jaguar. Foi durante um dêles que Jean pôde avaliar bem a falta que lhe fazia a proteção de um homem.

O sinal tinha ficado vermelho e ela naturalmente parara o carro na esquina de cruzamento. Qual o seu espanto, quando viu um homem desconhecido aproximar-se do carro e começar a puxar conversa!

— No meu Estado, a gente gosta de ver mulheres bonitas e cavalos velozes — começou êle. — Aqui em Hollywood, não há cavalos, mas há mulheres belas e carros de luxo como êste. Não acha que eu tenho razão?

Jean não respondeu. Esperou o sinal mudar e disparou dali.

Da última vez que Jimmy tinha filmado fora dos Estados Unidos — quando fôra à América do Sul para "Tentação Verde" — o telefone tinha-se comportado estranhamente durante tôda a ausência dêle. Tocava constantemente e, quando ela atendia, ninguém respondia do outro lado: apenas um misterioso silêncio. Desta vez, Jean receava que a mesma coisa acontecesse, e até tinha mêdo de atender ao telefone. Mas não, o telefone comportou-se muito bem.

AS SAUDADES de Jimmy é que aumentavam cada vez mais. Afinal de contas, quando se está acostumada a viver com um homem, é preciso esfôrço para se acostumar a viver sem êle. E, em tôdas as coisas que fazia, Jean achava qualquer coisa que lembrasse Jimmy.

(*Conclui na pág.* 59)

PARA A SUA BELEZA

(Conclusão da página 61)

comer demais, pois isto é mais importante do que imagina.

Repare que, se você não faz muitos exercícios na arrumação da casa, na limpeza do jardim, ou não pratica nenhum esporte, seu abastecimento diário de calorias não deve exceder a 1.200.

Assim poderá aperceber-se de como age mal comendo em exagero e uma vez remediado isto, encontrará interesse em conservar o número exato de calorias. Seu corpo ficará elegante e sentirá então uma sensação de felicidade e bem estar.

INÉRCIA MENTAL — ... é, frequentemente, um meio de conservar a juventude, pois produz seu próprio tipo de beleza sem idade e suave.

Desde que isto não costuma deixar marcas de preocupação no rosto, por que a colocamos entre os inimigos mais perigosos da mulher? Porque para conservar-se jovem nenhuma mulher deve tornar-se estagnada. Juventude é uma qualidade da mente que encontra expressão nos olhos, na voz e nos gestos. A juventude frequentemente parece calma, mas nunca "parada"; esta espécie de juventude falsa pode ser agradável para os próximos, mas nunca fêz com que mulher alguma parecesse mais jovem.

O REMÉDIO — Mude o estilo do seu cabelo, da maquilagem e da maneira de vestir-se. Procure não ser uma caricatura da menina que foi. Adapte a aparência e a mente às mudanças que surgem com os anos e com as novas modas; ao invés de ater-se ao passado, olhe o futuro.

Faça uma lista das coisas que nunca fêz antes, e verifique quantas pode fazer até ao fim do mês. Eis aqui o estímulo que acaba com a inércia mental e que dá frescura às faces e brilho aos olhos!

A ATITUDE INDIFERENTE — ... a respeito de roupas, da pele, das mãos, do estilo de cabelo. Muitas vêzes uma mulher torna-se conhecida em casa e entre a família por permitir que seu corpo se torne flácido e que os cabelos fiquem grisalhos, parecendo mais um velho par de cortinas, sem suspeitar o que está acontecendo.

E' duro batizar esta forma comum de autonegligência. Chamemo-la de indiferença.

O REMÉDIO — Lembre-se que nunca será mais jovem do que é, mas só você pode decidir quanto tempo conservar-se-á assim jovem.

EVA DISSE NÃO!

(Conclusão da página 41)

No inverno costumamos praticar esportes na neve e sinto-me muito bem com esta vida ao ar-livre, à qual estou acostumada desde pequena, desde o tempo em que morava na pequenina cidade de Delmar, perto de Albany, onde nasci.

Eva Marie Saint iniciou sua carreira artística em Nova York, quando sua família para lá se mudou. Fêz um curso de arte dramática, como fazem milhões de jovens, e seu primeiro papel foi na peça "Mister Roberts", onde trabalhava a atriz Jocelyn Brando.

— Jocelyn era excelente atriz, — conta Eva Marie — e não é interessante eu ter começado minha rápida carreira artística com Jocelyn Brando para depois, seis anos mais tarde, terminá-la ao lado de seu irmão, Marlon Brando?!

Eva trabalhou muito na televisão também, e foi representando o drama "A Trip to Bountiful", ao lado de Lillian Gish, que sua atuação chamou a atenção dos críticos, pois essa peça, depois de ser exibida na televisão, foi encenada também na Broadway, para um público escolhido.

E foi justamente naquela época que Elia Kazan estava procurando uma artista jovem para estrelar sua produção "On the Waterfront".

Certo dia Elia Kazan telefonou para Eva Marie e disse-lhe:

— Gostaria de ver de perto o seu trabalho, para contratá-la para meu próximo filme.

— Pois então venha ver-me hoje à noite, no teatro onde estou trabalhando — respondeu Eva.

Para a maioria das atrizes costuma ser uma catástrofe saber que há na platéia um diretor e um produtor observando seu modo de representar. Mas, para Eva Marie Saint, foi diferente, pois ela representava apenas o seu papel na peça, e não o papel de uma atriz que quer conseguir o estrelato num filme.

O resultado foi que Elia Kazan gostou do desempenho e convidou-a para fazer um teste com Marlon Brando.

— Tive que fazer o papel de uma moça atraída por Brando, e confesso que não foi das coisas mais difíceis!

Mais tarde, depois de já terem começado as filmagens de "On the Waterfront". Eva tornou-se amiga de Brando e sôbre êle costuma dizer:

— Marlon é um ótimo rapaz. Além de ser talentoso, é muito simpático, muito compreensivo, e muito amável. Certa vez meu marido foi ao estúdio para assistir à filmagem de uma cena, e Marlon fêz questão de cumprimentá-lo, conduzindo-o ao melhor lugar da sala para que pudesse apreciar a cena em todos os seus detalhes. Êle gosta de proporcionar prazer aos outros, e de deixar as pessoas à vontade, em sua presença. Múitas vêzes tive pena de Brando, quando o pessoal do estúdio o tratava como um grande astro, pois êle é avêsso às adulações e gosta de ser tratado como uma pessoa comum. Foi êle quem me ensinou diversas coisas sôbre cinema, como, por exemplo, a maneira de descansar entre uma sequência e outra, o modo de se concentrar, diante da câmera, para que os pensamentos se reflitam na expressão fisionômica, enfim, uma série de detalhes que não se ensinam em cursos.

Marlon Brando é também muito espirituoso e procura sempre tirar partido de seu trabalho para divertir-se um pouco. Brando gosta muito de dançar e ficou muito animado quando soube que haveria uma cena de dança durante o filme. Mas o diretor havia espalhado muita fumaça no ambiente, como pedia a cena, e o resultado foi que, assim que começamos a dançar, fui ficando tonta e, de repente, desmaiei, o que estragou tôda a alegria de Marlon.

*

Para Eva Marie Saint, o filme "On the Waterfront" foi uma grande oportunidade de demonstrar seu talento, principalmente pela dificuldade do papel.

— Tive que fazer o papel de uma moça cheia de problemas, e assim fiquei sabendo que sou capaz de interpretar papéis de maior consistência.

Todo o mundo quer saber o que é que Eva Marie pretende fazer agora. Ela mesma não sabe ao certo. Tudo o que sabe é que continuará a viver em Nova York, e não esconde o desejo de trabalhar no teatro. Enquanto isso, continuará a trabalhar na televisão, onde costumam levar boas peças.

— O que eu não desejo é continuar a representar o papel de mocinha ingênua, sempre protegida por gentis cavalheiros. E' uma pena que eu não seja glamorosa! Meu tipo é de moça simples, sem artifícios, e com certeza é por isso que só me dão papéis de ingênua. Além disso, qualquer coisa me faz encabular, pois levo tudo e todos muito a sério, e reconheço que isso é um obstáculo a vencer.

Eva Marie riu de si mesma e em seguida contou:

— Certa vez, durante um espetáculo na televisão, em que eu tinha que procurar meu marido no necrotério, entre diversos cadáveres, comecei a ficar nervosa, pensando que aquilo poderia acontecer na vida real, que poderia ser o meu próprio marido que tivesse morrido e acabei tendo uma crise de nervos!

Mas o que Eva Marie Saint não nos contou, e que soubemos por intermédio de Elia Kazan, foi que ela é uma artista incomparável, uma estrêla de primeira grandeza.

E quando, pela primeira vez, foi levado o filme "On the Waterfront", Marlon Brando, dirigindo-se a Eva lhe disse:

— Eva Marie, você parece uma rosa desabrochando num terreno baldio!

E até hoje Eva Marie Saint recorda aquelas palavras com emoção e saudade!

— F I M —

A FÔRÇA DA FRAGILIDADE

(Conclusão da página 30)

Já lhes digo como: Vera Amado Clouzot (pois é dela mesma que se trata) teve de dominar o seu próprio coração para atingir a meta dos seus desejos. Não, porém, como vocês talvez estejam pensando, ao ler o que agora lhes escrevo... Não foi o amor (não obstante ser ela uma grande amorosa) o obstáculo pôsto no seu caminho para a glória. Êste, pelo contrário, é que lhe abriu as portas que vão dar à celebridade, graças ao seu casamento com o diretor do cinema francês H. G. Clouzot. Há, entretanto, um detalhe que muitos ignoram, na história dessa gentil mulherzinha morena e sempre disposta ao riso vivo, fresco e despreocupado: o seu coração sofre de profunda debilidade, por uma lesão mitral. E não foi por outra razão que o seu marido transferiu a residência do casal de um quinto andar de certo edifício da ilha Saint-Louis para um aposento do Hotel Berkeley, trocando assim um belo apartamento decorado e mobiliado ao seu gôsto por um confôrto de tipo standard, só para poupar à Vera o ter de subir vários lances de escada, pois o referido prédio não possuia elevador.

Houve um médico que deu à Vera apenas dois anos de vida, ao examiná-la. Isso, porém, aconteceu já há quatro anos... Clouzot quis, então, suicidar-se junto com ela, achando que não valia a pena sofrer a tortura de esperar pelo desenlace... Com regular bom senso (que é uma virtude inata da mulher, reparem só), Vera o dissuadiu de tão sinistro propósito, assegurando-lhe que jamais se sentira melhor em tôda a sua existência (e era verdade), e propondo que não falassem mais nisso, e sim em cinema, que é a maior paixão de ambos... E daí em diante ei-la já guindada à situação de heroína anônima, cujo heroismo pode passar inteiramente despercebido até aos olhos das pessoas mais chegadas, enfrentando a grande e silenciosa batalha de todos os dias consigo mesma, com o seu coraçãozinho fraco, porém, valente, onde se aninhavam tantos e tão ardorosos ideais artísticos e humanos (compreendendo-se, entre êstes, a vontade de estar presente também como inspiradora mor da obra cinematográfica de Clouzot, o seu ilustre companheiro)...

*

Vera Amado, filha do escritor e embaixador brasileiro Gilberto Amado, sempre foi, aliás, uma menina meiga e terna, mas que sabia querer e se esforçava por obter o que queria. Educada no Rio de Janeiro, freqüentou o Colégio Sion (onde adquiriu, de certo, o hábito de falar o francês com espontaneidade e "accent"). Desde então que ambicionava viajar pela Europa, conhecer a França, passar algum tempo em Paris. O pai, ilustre homem de letras e diplomata, satisfez-lhe a vontade, mandando-a a Paris, com a sua dama de companhia. Data dessa viagem o seu primeiro casamento, com o ator Léo Laparra.

De volta à terra natal, Verinha começou a pensar a sério em ser atriz. Fascinava-a o teatro francês, de tão altas tradições de cultura e de inteligência. E êsse fascínio deu ótimos resultados, como já veremos. O primeiro dêles foi ser apresentada pelo inesquecível mestre Louis Jouvet, com a sua companhia teatral, durante a tournée que êle realizou, de 1942 a 1945, pela América Central e do Sul... Jouvet havia já contratado Léo Laparra, e Vera concordou então em atuar em várias peças do repertório, quando a troupe em questão representou no Brasil. Dêsse modo, ela apareceu em "L' Ecole des femmes". "On ne badine pas avec l'amour", fêz a "florista" de "La folle de Chaillot", e, por fim, a "enfermeira" de "Knock", onde já pronunciava várias frases em cena — o que valia por um progresso bem acentuado...

Um excelente começo de carreira, como se vê, e uma sólida demonstração de fôrça de vontade, não acham?

*

O regresso de Jouvet a Paris deveria assinalar outros rumos para o destino de Vera Amado. E' que o formidável ator travou, então, conhecimento com o cineasta Henri-Georges Clouzot. O casal Laparra continuava fazendo parte da sua companhia. E Jouvet, que muito os estimava, solicitou que Vera e Léo estivessem presentes em muitos dos encontros amistosos que teve com Clouzot. Diga-se de passagem, pois ela mesma o confessa ainda hoje, que Vera não ficou nada satisfeita com isso. Alegava a brasileira que Clouzot, nessas reuniões, não fazia outra coisa senão dar as suas proverbiais cachimbadas sem parar... Mas o espírito inimitável de Clouzot acabou por seduzir o de Vera, apesar do abuso que êle fazia do cachimbo. E de uma amizade tôda intelectual a princípio, não foi difícil nascer algo mais sentimental e definitivo... Com a sua habitual retidão de caráter e a energia que sempre a anima, Vera divorciou-se então de Léo Laparra. E o mesmo fêz Clouzot, separando-se de Suzy Delair, com quem vivia já há dez anos. Casaram, e o padrinho de Vera foi Jouvet, cuja lembrança é, para ela, como a de um segundo pai ou de um velho amigo de família.

*

Desde o dia do casamento que Vera e Clouzot não se separam, a não ser por horas. Êle não a deixa só por nada neste mundo, nem mesmo pela mais tentadora promessa de algum produtor de filme, fora de Paris, onde residem, onde seu refúgio campestre, em Saint-Paul-de-Vence, na "Colombe d'Or", a poucos quilômetros de Cannes, na Côte d'Azur.

Após "Manon" — que Clouzot realizou no tormentoso período em que se sentia já atraído por Vera, mas não sabia se ela o queria para sempre — essa adorável atriz brasileira está sempre ao lado do diretor francês, presente de corpo e alma e influindo bastante na sua obra. Em "Miquette et sa mère", rodado pouco depois, trabalhou como script-girl. Segue-se o projeto, acalentado por ambos, de efetuar "Voyage au Brésil", com a ida do casal à pátria de Vera. O filme não foi avante, por motivos independentes da vontade dêles. Voltando à França, Clouzot pensou em lançar a espôsa num dos seus filmes. Escolheu então "O salário do mêdo" (Salaire de la peur) para a estréia cinematográfica de Vera. O que foi êsse filme de tão magnífica atmosfera dramática e cheio de suspense, onde surgiu a nova estrêla do cinema francês num papel de nativa sul-americana, não há quem ignore. Com essa película, Clouzot firmou ainda melhor o seu nome de diretor, ganhando uma imensa popularidade internacional. E Vera marcou ali um debut promissor, que deixava já entrever a extraordinária estrêla que enfim se revelou em "Les Diaboliques", o novo filme de seu marido e no qual temos também Simone Signoret num "rôle" que é mais uma consagração à sua esplêndida carreira artística. A crítica inteira de Paris saudou Vera Amado Clouzot como uma vedette de excepcional talento. E teve razão, acreditem.

*

Apreciemos, agora, o lado íntimo, digamos mesmo físico, do trabalho de Vera nesse celuloide. Não há quase cena em que esteja ausente. E, além do natural esfôrço que faz no desempenho dos diálogos e de todo o jôgo de expressão que lhe exige o papel, ela teve de realizar outros, como carregar uma certa mala de vime, correr, simular uma crise cardíaca, vindo até a "morrer" em condições nada confortáveis, sob uma porção de lajes... E, como vocês sabem, um filme assim dura no mínimo três meses em filmagem. Pois, durante todo êsse tempo, e ao longo de todo o seu desempenho, Vera demonstrou uma energia sem limites. Parecia de ferro. Onde estaria o seu ponto fraco, que ninguém então o descobria?... Que era feito do seu coraçãozinho dito enfermo? Provàvelmente ficou bom — concluirão alguns. Tomara que assim seja, mas que as mulheres sabem ter fôrças, que ninguém lhes reconhece, à primeira vista, isso não há como negar. Principalmente quando amam e são felizes no seu amor, e quando as anima um ideal compartilhado com o homem dos seus sonhos...

—— F I M ——

A VIDA DE UMA ESPÔSA SAUDOSA

(Conclusão da página 58)

Êle tinha sugerido que ela se distraísse comprando roupas, "roupas esporte", sugerira. Jean seguiu o conselho. Fêz uma lista, foi à sua loja predileta e comprou um monte de calças, sweaters, saias, blusas e acessórios. Mas tudo o que escolheu foi pensando no gôsto de Jimmy, principalmente porque êle sempre a ajudara a escolher os seus próprios vestidos, sempre mostrara um alto senso de elegância. E o resultado foi que ela não se decidiu por coisa alguma sem primeiro consultar mentalmente a opinião do seu Jimmy.

Em casa, tudo também lhe recordava o marido. Principalmente o grande retrato dela, pintado por Sir Matthew Smith e pendurado numa das paredes do living.

Quando tinham estado em Londres, no fim do ano passado, Sir Matthew Smith, um dos pintores favoritos de Jimmy, fôra-lhes apresentado. No living dos Grangers, em Beverly Hills, já havia cinco quadros do pintor — quadros de flôres, altamente decorativos. Mas Sir Matthew dissera que gostaria de pintar um retrato de Jean, e Jimmy arranjara tudo de maneira a que ela pudesse posar, a despeito de todos os compromissos que tinham.

E agora lá estava o quadro entre os outros fazendo com que se lembrasse da insistência de Jimmy para que ela posasse, e da sua alegria, ao vê-la retratada pelo seu pintor predileto.

MESMO ASSIM o Jimmy das recordações não era a mesma coisa que o Jimmy da vida real. Que fazer para ajudar a esquecer que êle estava longe? Talvez sair, ver os amigos do casal. Entretanto, seis semanas se tinham passado desde que Jimmy partira, e Jean só saíra por duas vêzes e, em ambas, sòzinha.

Da primeira vez fôra ao jantar da distribuição de prêmios da Associação de Escritores Cinematográficos, e passara momentos agradáveis sentada ao lado de Mr. e Mrs. Mankiewcz, dos Danny Kayes e dos Bert Allenbergs. Mas como seria mais divertido se Jimmy estivesse com ela! Êle que gostava tanto da conversa inteligente de escritores, que tinha sido o seu iniciador nos domínios do intelecto e da arte! Ao lado de Jimmy, Jean apreciava ainda mais essas coisas.

Sua segunda saída fôra para visitar Liz Taylor no hospital, onde tivera o seu segundo filho. O menino era um amor e ela desde logo fôra convidada para ser madrinha de Christopher Edward — coisa que a encheu de orgulho, já que nunca até então tinha tido um afilhado.

Depois disso, porém, Jean declinou todos os convites para festas e saídas, e resolveu concentrar-se apenas no trabalho. O papel que lhe cabia em "Guys And Dolls" tinha muitos aspectos difíceis e demoraria quatro meses a ser produzido, quase todo o tempo em que Jimmy estivesse fora. Uma das grandes dificuldades a vencer era praticar tôdas as noites o sotaque americano que ela, atriz inglêsa, precisava ter nesse filme.

Já quando fizera "The Actress", com Spencer Tracy, Jean tivera de falar "americano". Mas aí era o "americano" falado em Boston há duas gerações atrás, parecido, portanto, com o inglês da Inglaterra. Quanto à versão cinematográfica de "Guys And Dolls", exigiria a mesma pronúncia tipicamente americana da versão apresentada com tanto êxito, na Broadway.

ASSIM sendo, Jean Simmons passa atualmente seus momentos livres ensaiando as suas falas em "Guys And Dolls" até parecer uma americana legítima. Às vêzes, entretanto, dedica-se a outra atividade, muito mais perigosa, pois envolve um presente que Jimmy lhe deu há cêrca de um ano: uma espingarda de calibre 22.

No terreno dos fundos da casa, Jean colocou um pequeno alvo de uns 30 centímetros de diâmetro, situado a uns trinta e dois metros de distância do local de onde ela dispara. A intenção de Jean é tornar-se uma boa atiradora.

Todo o mundo sabe que Jimmy planeja fazer, muito breve, uma nova temporada de caçada na África. Até aqui, sempre foi sem Jean, mas já lhe disse que gostaria que ela o acompanhasse, desde que fôsse boa atiradora. E Jimmy não tardará muito a receber, no Paquistão, algo que lhe provará a boa pontaria de Jean.

Não, não será uma carta (Jean é tão preguiçosa, que talvez nunca chegue a escrever-lhe). O que êle vai receber pelo correio é o alvo todo perfurado de balas bem no centro. De dez balas, Jean acertou sete bem na mira! Jimmy vai ver! Da próxima vez que êle viajar, Jean não ficará sòzinha em casa — irá com êle, mesmo que seja para caçar rinocerontes na África. Quem sabe se não trará mais um troféu para pendurar ao lado dos outros que adornam a parede do living?

—— F I M ——

O seu encanto natural é insubstituível!

Conserve o frescor de sua pele fazendo a tonificante

Massagem de Beleza

com a ação medicinal do

LEITE DE COLONIA

Nada substitui o viço de sua cútis! Cuide, pois, dêsse seu precioso bem natural, fazendo, todos os dias, de manhã e à noite, a revigorante "massagem de beleza" com Leite de Colonia. Sua penetrante ação medicinal reativa os tecidos da pele, tornando-a macia e acetinada... livre de imperfeições! E você não precisará encobrir sardas, manchas, espinhas e outras erupções com maquilagem excessiva! Limpando profundamente os poros, Leite de Colonia é um complemento indispensável para seu tratamento de beleza. Experimente Leite de Colonia... ainda hoje!

É o tratamento de beleza mais simples, mais eficiente e muito mais econômico!

Em primeiro lugar, molhe o seu rosto com bastante água. Depois, sem enxugá-lo, friccione algodão embebido de Leite de Colonia, em movimentos circulares de baixo para cima. É o quanto basta!

Insista com

Leite de Colonia

É preparado pelo médico Dr. Arthur Studart

L118
Charles A. Ullmann

Para a Sua Beleza

DOLORES DORN demonstra a técnica de cuidar das sobrancelhas

Não basta você vestir-se inteligentemente ou usar uma maquilagem apropriada; é preciso a certeza de que se sente jovem e atraente, para parecer jovem e atraente.

Por quê será que muitas mulheres inteligentes parecem sempre mais velhas do que realmente são?

Quase sempre as culpadas são donas de casa e mães. A mulher que exerce uma profissão, tanto a casada ou solteira, procura conservar-se jovem porque vale a pena. As promoções custam muito para as velhas e feiosas. E mais ainda, ela tem oportunidade de estar sempre comparando-se às outras, vendo os defeitos que não deve ter, além de poder gastar dinheiro na compra de um novo vestido, chapéu, ou baton, sempre que quiser fazê-lo.

A DONA DE CASA — A dona de casa comum, que guardou — após as compras para a semana — o bastante para comprar um vestidinho barato, como pode lutar para aparentar juventude e sair vitoriosa?

Consideremos os inimigos principais que a atormentam. Em primeiro lugar está a tensão, as rugas prematuras e os músculos doloridos. As donas de casa, que trabalham sem ajuda de ninguém, não sentem isso? O desesperado "há tanto o que fazer e não sei por onde começar"!

E' preciso relaxar esta tensão, e uma das melhores maneiras de fazê-lo é dançar. Coloque um disco na vitrola e dance em tôrno do quarto ou da sala. Primeiro você ficará encabulada de dançar sòzinha. Chegará a considerar-se tola. Dançará sem vontade mas, se a música fôr alegre, você logo se sentirá mais contente e, quando o disco estiver no final, ficará surprêsa de como descansou e refrescou a cabeça e o corpo.

Quando o seu rosto estiver tenso e cerrado, tente o truque usado por alguns modelos antes de desfilar: pisque muito os olhos e faça um exagerado movimento com a boca para dizer "Oh! Ah!". Isto relaxa imediatamente os músculos do rosto e faz desaparecer todo o aspecto de tensão.

Há outro inimigo da juventude e da beleza que costuma vencer as espôsas bem acomodadas na vida. Chama-se inércia, e ataca em 2 formas:

INÉRCIA FÍSICA — ... ou devemos usar de honestidade e chamá-la simplesmente de preguiça? Algumas mulheres nascem preguiçosas, outras — mães de filhos crescidos e com o marido bem instalado na vida — tornaram-se preguiçosas.

A casa esta limpa e não há crianças pequenas para cuidar. O que pode ela fazer para distrair-se, quando não trabalha fora e não tem interêsse nenhum em sair de casa?

Adquire quase sempre o hábito de tirar as sestas após as refeições. Não se sabe por que os seus divertimentos são sempre sedentários, acompanhados por muita comida e bebida. E há algo mais terrível para a aparência juvenil do que a gordura da meia-idade?

O perigo para a mulher que vive em casa com excesso de tempo nas suas mãos é que ela permite que a comida tome o lugar de outros interêsses. E' muito duro quando a cozinha está cheia de coisas boas para comer, e quando não se tem nada mais a fazer do que comê-las!

O REMÉDIO — Se o seu caso é êste tente encontrar a causa que a leva a

(Conclui na pág. 58)

NUNCA TIVE UMA BONECA

(Continuação da página 33)

volta, amargurava-me ter de viver nêle, e, sempre que podia, recolhia-me a um mundo de sonhos que era só meu.

Uma tarde nevoenta, eu estava na calçada vendo uma turma de garotos brincar de pegar, quando ouvi uma menina gritar, apontando para mim: — "Ela é órfã!" — Foi quanto bastou para que todos os garotos se juntassem à minha volta, gritando também, e rindo: — "Órfã, órfã, órfã!" — Cerrei os dentes com fôrça e olhei desafiadora para êles, esforçando-me por não chorar. Passei o resto do dia escondida no canto mais escuro que encontrei.

De vez em quando, nas tardes de domingo, minha irmã Millie levava-me ao cinema. Minha paixão eram os seriados de Pearl White, "Os perigos de Paulina" e "The Exploits of Elaine". Quando saía dos cinemas "poeira" do bairro em que vivíamos, eu não era mais Ruby Stevens, a pobre órfã de quem todos caçoavam: era uma cópia exata da minha heroína.

Pode parecer incrível, mas Pearl White teve grande influência na minha carreira. Jamais permiti, por exemplo, que uma double me substitua quando tenho de fazer cenas perigosas nos filmes. A double é contratada, porque essa é a praxe, mas sou eu quem monta a cavalo a galope por um penhasco a cima, sou eu quem corre através de um edifício que se incendeia, sou eu quem grita em meio a um desastre de trem — tudo na melhor tradição da minha intrépida Pearl White.

O Reverendo William Carter, Pastor da pequena Igreja Protestante Holandesa do nosso bairro, sorria sempre para mim, quando me encontrava na rua. Um dia, perguntou-me se eu tinha sido batizada. Disse-lhe que não, e êle olhou para mim com tal pena, que lhe pedi que me batizasse. Até hoje guardo comigo o Novo Testamento que o Reverendo Carter me deu, quando fiz doze anos.

Sempre que Millie me levava aos bastidores dos teatros em que trabalhava, eu jurava a mim mesma que um dia ainda seria uma grande bailarina — uma nova Isadora Duncan!

Aos treze anos, consegui emprêgo no setor de reclamações da companhia telefônica, mas não demorei nada em ser despedida. Acostumada a gritar, ainda mais quando alguém gritava comigo, respondi uns desaforos a uma assinante que reclamava, furiosa, contra um êrro na sua conta. Naturalmente, puseram-me no ôlho da rua.

Passei algum tempo procurando emprêgo, respondendo a anúncios e oferecendo meus inexperientes serviços, e por fim terminei no departamento de moldes de uma grande casa de modas.

Um belo dia, uma freguesa veio pedir-me instruções para cortar uma fazenda cara segundo o molde que eu lhe tinha vendido. Cheia de uma autoridade baseada na mais perfeita ignorância, ensinei-lhe como se fazia — e a freguesa seguiu à risca os meus ensinamentos.

Não é preciso dizer que fui novamente despedida. Desta vez, porém, até gostei. Iria ser bailarina. Essa, sim, era a minha vocação! Os insucessos que experimentara em outros empregos mostravam-me claramente isso!

Confiança em mim mesma e o exemplo da indômita Pearl White não me faltavam. Tinha apenas quinze anos, mas isso era fácil de disfarçar. Comecei a percorrer agências que empregavam coristas, o cabelo penteado à última moda, a bôca furiosamente pintada, os olhos carregados de maquillage. Tenho a certeza de que o homem que me contratou para corista do Strand Roof sabia perfeitamente que eu era muito jovem — mas o importante foi que êle me contratou.

Eu era dançarina!

Minha única experiência nesse campo tinha sido sapatear na calçada, com o resto da criançada da minha rua, em troca de uns níqueis jogados pelos transeuntes num chapéu velho. Mas eu sabia lutar pelas coisas que desejava — não tinha aprendido a lutar com os outros pela posse de algumas moedas?

Quando o Strand Roof fechou, não me preocupei: consegui outros empregos como corista. Tudo na minha "carreira" me atraía: os bastidores sempre em pandemônio, os aplausos do público, a música, as emoções de cada noite, o colorido. Até mesmo os altos-e-baixos. Quando ficava "quebrada", entre um emprêgo e outro, não me afligia. Quando recebia meu ordenado, fazia como tôdas as colegas: gastava como uma milionária.

Sempre que ficávamos temporàriamente sem emprêgo, recorríamos à enorme generosidade de Billy LaHiff — o meu Bom Samaritano. Êle era dono de um restaurante na Rua 48 ("The Tavern") e de um coração maior que a tenda de um circo. Êle nunca deixava de dar de comer a uma corista desempregada ou a um ator sem sorte. E, quando a gente melhorava de situação, era preciso lembrá-lo do que lhe devíamos.

Eu partilhava um quarto inóspito, sem calefação e sem água quente, com duas colegas, Mae Clarke e Wanda Mansfield. Tínhamos pouco dinheiro, mas muitos sonhos, e nos chamávamos "As três mosqueteiras". Quando uma conseguia emprêgo, as sobras eram para as outras duas; quando estávamos tôdas "em liberdade", dividíamos também a nossa pobreza. De qualquer maneira, ríamos muito e conservávamos as preocupações a distância.

Uma noite, Billy LaHiff me chamou à parte e disse-me: — "Ruby, acho que tenho um bom emprêgo para você. Willard Mack está procurando uma corista. Quero apresentá-la a êle".

Willard Mack! Um conhecidíssimo produtor, ator, escritor teatral e diretor! Mas eu não fiquei nervosa. Tinha a confiança da juventude, e, de mais a mais, o emprêgo era apenas de corista.

Mr. LaHiff apresentou-me: — "Aqui está Ruby Stevens, Bill. E' uma ótima dançarina e possui um belo par de pernas." — Mr. Mack olhou-me dos pés à cabeça e decidiu-se: eu teria o lugar de corista em "The Noose", uma peça sua que estrearia em breve.

— Minhas duas amigas também são dançarinas, Mr. Mack — disse eu. — Só aceitarei o lugar se o senhor também as aceitar.

Mr. Mack riu e disse: — "Está bem, Ruby. Pode trazer as suas amigas".

A pré-estréia de "The Noose", em Filadélfia, foi um completo fracasso. Mr. Mack resolveu escrever novamente a peça, contratar outros artistas e fazer ensáios intensivos. E, ao modificar o enrêdo, achou que a corista Ruby Stevens poderia bem ser transformada em atriz! Dessa vez fiquei nervosa. Senti-me como Pearl White ante um terrível perigo. Mas Mr. Mack era um homem de grande experiência e era o meu patrão: achei melhor seguir as suas ordens.

Ensaiávamos dia e noite, êle ensinando-me a representar um dos papéis mais dramáticos que já tinha escrito. Após uma semana de ensáios diurnos e noturnos, "The Noose" estreou novamente, em Pittsburg.

Quando o pano caiu, os aplausos foram frenéticos. Eu estava tão exausta das noites sem dormir e das refeições sem comer, que não pude ficar tão emocionada quanto devia. Mas fiquei contente por não ter decepcionado Mr. Mack.

Representamos mais três semanas em diversas cidades. Depois, embarcamos para Nova York, onde devíamos voltar a ensaiar, antes de estrear na Broadway. Os ensáios eram no Belasco Theatre. Um dia, estávamos na sala de espera, quando Mr. Mack olhou para as paredes forradas de programas antigos: — "Ruby Stevens não é nome para uma estrêla" — disse-me. Seu olhar deteve-se num programa onde se lia: — "Jane Stanwyck em "Barbara Fritchie". Mr. Mack voltou-se para mim, estendeu-me a mão e disse: — "Como vai, Barbara Stanwyck?"

Assim desaparecia oficialmente a Ruby Stevens que queria ser dançarina.

DEPOIS DISSO, a vida mudou completamente para mim. Mr. Mack apresentou-me a um mundo completamente diferente, o mundo do teatro sério, onde eu não teria entrada, se não fôsse a sua generosa confiança nas minhas possibilidades. Passei a viver sòmente em função do papel que desempenhava.

Mandei um telegrama às minhas irmãs de Brooklyn, comunicando-lhes que tinha um papel importante na peça, e que deixaria entradas para elas na bilheteria, na noite de estréia. "The Noose" foi um sucesso, e eu senti, pela primeira vez, o nervosismo e o triunfo de uma estréia na Broadway. Depois do espetáculo, as famílias e os amigos dos atores acorreram aos bastidores para dar-lhes os parabéns. Mr. Mack apresentou-me a uma porção de gente, mas eu só queria ver as minhas irmãs. Por fim, quando todo o mundo se tinha ido e as luzes do palco começaram a ser apagadas, desisti de esperar, tirei o maquillage e corri à cabina telefônica mais próxima.

Pois bem, minhas irmãs tinham ido ao teatro. Tinha-lhes dado ótimos lugares, na frente e no meio. Tinham lido o programa, e, não vendo o meu nome e nem me vendo aparecer no palco no primeiro ato, tinham julgado que se tratava de um engano, e voltado para casa.

Eu esquecera de dizer-lhes que era agora Barbara Stanwyck.

"The Noose" ficou quase um ano na Broadway. Mr. Mack continuou a ensaiar-me, a ensinar-me a representar cada vez melhor. Faziam-me aprender uma peça por semana e queria que eu soubesse representar o papel da heroína como se fôssemos estrear a peça na Broadway. Tenho a certeza de que jamais me teria tornado estrêla sem a ajuda de um tal mestre. Willard Mack era todo êle teatro. Representar era a sua religião — e logo se tornou a minha.

De vez em quando, sentia saudades de Wanda e de Mae, dos nossos tempos boêmios e juvenis. Mas Ruby Stevens pertencia ao passado. A Ruby Stevens que nunca fôra criança como as outras tinha deixado completamente de existir. O que existia era Barbara Stanwyck, a jovem atriz.

Certa noite, Oscar Levant levou um amigo ao meu camarim. Eu já o tinha visto representar e admirava-o pelas suas soberbas performances. Além disso, Frank Fay possuía também um grande charme pessoal.

Simpatizamos um com o outro, apaixonei-me, casei com êle. E foi como Mrs. Frank Fay que vim com êle para a Califórnia.

Eu não tinha a naturalidade e a graça sociais daqueles que estão acostumadíssimos a ir a festas e a freqüentar a sociedade. Nossa vida era uma verdadeira série de festas glamorosas, nas quais eu ficava mudamente sentada a um canto atraindo tanta atenção quanto um móvel a mais nas salas. Ouvia as conversas sofisticadas, fáceis e brilhantes, via Frank triunfar com o seu charme, via os olhares que as outras mulheres lhe dirigiam. Frank só se lembrava de mim quando era hora de nos despedirmos.

Pouco a pouco, fui-me acostumando a fingir alegria. Quando saíamos, eu punha a minha máscara sorridente... mas como gostava de ficar em casa com Frank, sòzinhos os dois! Infelizmente, as nossas horas na intimidade tornavam-se cada vez mais raras — e eu tornava-me cada vez mais calada.

Por fim, resolvi, preencher as horas de solidão pondo em prática o que tinha aprendido com Mr. Mack. Arranjei um agente.

Fiz teste atrás de teste — nove ao todo — e nenhum dêles deu resultado. Desesperei-me.

Um dia, um jovem diretor — chamava-se Frank Capra — mandou-me chamar: — "Tenho um papel que me parece sob medida para você. Gostaria que fizesse um teste". — A amargura de todos os fracassos anteriores responderam por mim: — "Não, muito obrigada" — disse eu, a voz tremendo. — "Já chegam os testes que fiz".

— Calma, Barbara — disse Capra, com um ar também calmo. Eu, que já ia saindo, parei na porta.

Capra sorriu e disse: — Apresente-se amanhã, às nove horas, no departamento de guarda-roupa. O nosso filme chama-se "Ladies Of Leisure" e tenho muita fé nêle... tenho muita fé em você, também.

"Ladies Of Leisure" foi um sucesso e mudou tôda a minha vida em Hollywood. Capra ficou sendo considerado um diretor de primeira grandeza, e eu me tornei conhecida como atriz da noite para o dia.

Infelizmente, o meu casamento com Frank Fay ia de mal a pior. Em 1936, sete anos depois de nos termos casado, obtinhamos por fim o divórcio.

Voltei a encarar o mundo como inimigo, como estranho. Voltei a colocar uma máscara risonha e indiferente, para que ninguém visse o meu sofrimento, para que não se visse que eu não acreditava em ninguém.

Marian e Zeppo Marx, entretanto, recusaram-se a levar a sério a minha indiferença. Organizaram um "haras" de cavalos de raça no Vale de San Fernando e fizeram

(Conclui na pág. 64)

Cantando no Chuveiro

Alguns grandes sucessos musicais do presente e do passado

MÁGOA

Samba-canção de Hervê Cordovil e Júlio Atlas. Canta: Silvio Caldas

Que mágoa, que mágoa,
que dor no coração...
meu grito, aflito, repito,
mas em vão,
procuro alegria e encontro
mágoa, mágoa...

Meus olhos, vazios,
acendem na tarde a saudade.
Meus sonhos, farrapos,
dispersos pelo chão,
são versos rasgados,
marcados de afeição.
Procuro alegria e encontro
mágoa, mágoa...

COMO FUÉ?

Bolero de Ernesto Duarte

Como fué?
No sé decirte
Como fué?
No sé explicarme
Que pasó,
Pero de ti me enamoré.
Fué una luz
Que iluminó todo mi ser
Tu risa como un manancial
Llenó mi vida de inquietude.
Fueram tus manos o tu boca?
Fueram tus ojos e tu voz?
Guardo mejor la impaciencia
De esperar tu llegada,
Mas no sé,
No sé decirte
Como fué,
No sé explicarmo que pasó
Pero de ti me enamoré.

MELODY OF LOVE

De Tom Glazer e H. Engelmann. Gravação de Frank Sinatra

Hold me in your arms, dear
Dream with me
Cradled by your kisses
Tenderly.
While a choir of angels,
From above
Sing a melody of love.
Heart to heart
Forever.
Lips entwine
I am yours
And you are mine,
All mine.
Heaven wrote the music,
Up above,
For a melody of love.

MANIAS

Samba-canção de Flávio Cavalcanti e Celso Cavalcanti.

Dentre as manias que eu tenho
Uma é gostar de você
Mania é coisa que a gente
Tem mas não sabe por que
Mania de querer bem
Às vêzes de falar mal
Mania de não deitar
Sem antes ler o jornal
De só entrar no chuveiro
Cantando a mesma canção
De só pedir o cinzeiro
Depois da cinza no chão
Eu tenho várias manias
Delas não faço segrêdo
Quem pode ver tinta fresca
Sem logo passar o dedo?
De contar sempre aumentado
Tudo que disse ou que fêz
De guardar fósforo usado
Dentro da caixa outra vez
Mania é coisa que a gente
Tem mas não sabe por que
Dentre as manias que eu tenho
Uma é gostar de você.

RIO, MEU QUERIDO

Baião de Pedro Caetano e Carlos Renato.

Rio, meu querido
E' o meu coração que te diz
Muito comovido
Que jamais se sentiu tão feliz
Tu sabes que eu sou baiana
Baiana que não se troca
Mas cá pra nós meu amigo
Já sou quase carioca

E depois vou ficar
Lá pra cá, cá pra lá
Misturando a terra baiana
Com a areia da praia de Copacabana.

PORQUÉ?

Bolero de Acuña.

Porqué
si sabes que te quiero,
te vas de mi sendero
y te olvidas de mi amor?
Porqué?
Porqué ya no me quieres
si sabes que tu eres
de mi vida la ilusión
Ábreme el corazón
y palpitante hallarás
en su sangre mi amor
que es para ti.
Porqué?
Porqué ya no me quieres
si sabes que tu eres
de mi vida la ilusión?

Água de Colônia
VIOLINO CIGANO
VALERY
apresentada nas fragrâncias
BILITIS
MY DEAR
PUERTA DEL SOL
FLOR DE MAÇÃ
YVELISE

LOURA EXPLOSIVA

(Conclusão da página 39)

Mas é muito difícil conhecer Shelley Winters profundamente, porque ela é dessas raras criaturas que não se incomodam com o que os outros possam pensar ou dizer de sua pessoa. Tem plena confiança nela mesma e tem espírito de chefia. E foi sem dúvida essa ousadia e arrogância que a fizeram subir, que a levaram de papéis secundários na Broadway ao estrelato em Hollywood.

Seus amigos costumam dizer que Shelley só recebeu ordens de uma pessoa, em tôda a sua vida : de Vittorio Gassman, quando esteve casada com êle, assim mesmo só porque estava fortemente apaixonada.

Aquêle romance, o casamento e o divórcio aconteceram numa fração mínima de tempo, bem ao estilo de Shelley Winters.

Ela estava fazendo uma tournée pela Europa quando conheceu Vittorio num saguão de teatro, em Roma. Já o conhecia através do cinema, pois assistira ao filme "Arroz Amargo", onde êle trabalhou, mas não poderia imaginar que a atração pessoal daquele talentoso artista italiano fôsse ter tanta influência em seu coração, quando êle, se aproximando, tomou-lhe a mão, beijou-a e disse :

— Você é uma grande artista !

E muita gente diz que aquêle romance se transformou em casamento porque Shelley não entendia italiano e Gassman mal falava o inglês : daí não terem podido trocar idéias e estabelecer planos quanto às respectivas carreiras, à vida particular, quanto ao amor, enfim !

Durante a estada de Shelley em Roma, Vittorio esteve sempre ao seu lado, e quando ela veio para Hollywood pouco depois chegava êle. Quando Vittorio anunciou o divórcio de sua primeira mulher, para casar-se com Shelley, a felicidade parecia sorrir ao casal.

— É sempre a mulher que deve ceder no casamento — afirmava Shelley, naquela ocasião. — Isso faz parte das suas obrigações de espôsa.

E assim, pensando dêsse modo, ela se mostrava inteiramente submissa ao marido, coisa que causava grande espanto aos amigos e aos críticos. Shelley estava tão orgulhosa de Vittorio que mostrava a todo o mundo as cartas que êle lhe escrevia da Itália, onde havia ido filmar, e fazia questão de mostrar também as contas fabulosas dos telefonemas internacionais.

Mas quando Vittorio Gassman comunicou-lhe que não poderia voltar a Hollywood, na ocasião do nascimento de sua filha, Shelley começou a perceber que o casamento não era mais um mar de rosas, como fazia constar aos amigos e à imprensa.

Há um ano atrás, mais ou menos, foi que a crise chegou ao auge, quando Vittorio Gassman fêz uma tournée pela Itália, como intérprete de "Hamlet". Os boatos atravessaram o Atlântico e chegaram aos ouvidos de Shelley, que viu nêles não apenas um mexerico da imprensa, mas a cruel realidade : Gassman apaixonara-se por Anna Maria Ferrero, sua "leading-lady" em "Hamlet" !

— Eu só me divorciarei dêle, se êle garantir que se casará com Anna Maria Ferrero depois ! — declarava Shelley.

Vittorio, por sua vez, mantinha-se em silêncio até que um dia declarou à imprensa que sua espôsa não sabia o que estava dizendo, e que os boatos não tinham o menor fundamento.

— Então por quê êle me pediu que o deixasse, alegando que precisava solucionar "um caso sentimental muito importante ?!" — retrucou Shelley perdendo completamente a calma.

— Eu só pedi o divórcio depois de uma interminável série de brigas e discussões ! — respondeu Gassman.

— Nós nunca estivemos juntos para uma interminável série de coisa nenhuma ! — esbravejou Shelley. — Vittorio só esteve em minha companhia, isto é, em minha casa, durante o tempo em que filmava aqui em Hollywood ! E talvez tenha sido só para não ter que pagar hotel !

E assim, Shelley voltava ao seu natural, dizendo tudo o que lhe vinha à cabeça, provocando os mais escandalosos cabeçalhos de jornal.

Mais tarde, enquanto esperava o divórcio, Shelley reconheceu que havia cometido um grande êrro, adotando aquela atitude, chegando mesmo a dizer o seguinte :

— Um casamento entre uma americana e um europeu não pode mesmo dar certo, por causa da diferença de cultura. Vittorio queria que eu ficasse em casa o dia inteiro, e que não reclamasse quando êle saía sòzinho. Isso é hábito em sua pátria, onde as mulheres, nos restaurantes, não têm permissão sequer de dirigir a palavra aos garçons. Mas aqui na América, é bem diferente !

Atualmente Shelley Winters está muito mais calma. Passada a tempestade emocional, ela reconhece que sua responsabilidade na educação da filha é enorme, e procura dedicar-se inteiramente a Vittoria. É uma das mães mais dedicadas de Hollywood, e anda sempre com retratos da filha na bôlsa, mostrando-os a todos que encontra, contando um milhão de gracinhas da menina, fato estranhável em Shelley, que só falava de si mesma e de seus problemas.

Abriu-se um novo horizonte para Shelley, na televisão, onde sua atuação tem sido muito apreciada pelos críticos e pelos fans, e onde tem tido oportunidade de demonstrar suas possibilidades como grande atriz dramática, devido à grande experiência no teatro, antes de vir para Hollywood.

Shelley Winters também está estudando canto, esperando seguir o mesmo caminho que sua mãe, outrora grande cantora lírica. E seus planos estão novamente muito em evidência, depois de ter vencido a crise provocada pelo divórcio e pelo nascimento da filha.

Corre também o boato de que ela estaria apaixonada por um artista francês, ao que Shelley declarou :

— Apaixonada por um francês ?! É engano, pois há muito tempo que estou fora de negócios de exportação e importação de material !

E assim Shelley Winters volta ao que era, expansiva e brincalhona, pronta para retomar seu lugar na tela e nos cabeçalhos dos jornais !

—— FIM ——

NUNCA TIVE UMA BONECA

(Conclusão da página 62)

com que eu me associasse a êles — e, de um momento para o outro, vi-me co-proprietária do "Marwyck Ranch".

Os Marxs construiram a casa numa colina, e eu construí a minha bem ao lado. Encarreguei-me da piscina, e êles encarregaram-se dos courts de tenis. Olhava para a minha casa, para a metade das pastagens e dos cavalos de que eu era proprietária, e não sentia interêsse por coisa alguma. Os bairros pobres de Brooklyn podiam estar muito longe, mas eu ainda era a criança amargurada que procurava esconder-se num corredor escuro.

ZEPPO E MARIAN insistiam em querer apresentar-me a um amigo. Diziam que eu ia gostar dêle. Por fim, concordei em ir jantar com êles no Trocadero.

Qual não foi a minha surprêsa, ao ver que o amigo era nada mais, nada menos que o galã da moda em Hollywood: Robert Taylor!

Simpatizamos um com o outro desde o princípio. Marian e Zeppo tinham razão ao prever que eu gostaria de Robert.

Nos três anos que se seguiram, a amizade entre Bob e eu desenvolveu-se. Estávamos sempre juntos, mas entre nós, e pùblicamente também, declarávamos que não estávamos apaixonados. Simplesmente gostávamos de ser amigos.

Pouco depois, Bob foi à Inglaterra, fazer "A Yank At Oxford". Quando voltou, percebemos que a amizade se tinha transformado em algo mais: tinha-se tornado amor.

A 13 de maio de 1939, fomos, com Zeppo, Marian e Ida Koverman, a San Diego, onde um juiz de paz nos casou, um minuto depois da meia-noite. Eu sentia-me feliz como há muito tempo não me tinha sentido.

Mas a guerra rebentou pouco depois. Precisamente quando a casa que tínhamos mandado construir estava pronta, Bob, tenente da Marinha, foi chamado a cumprir o seu dever.

Dessa vez, a solidão que senti foi diferente. Não me considerava pròpriamente só. Sabia que eu fazia parte de uma grande família — uma família que se espalhava por todo o mundo e que era composta de tôdas as mulheres que esperavam os seus maridos. Só tínhamos que esperar, com fé, que a guerra acabasse logo, e que os nossos maridos voltassem.

Bob voltou, mas pouco depois comprou um avião e começou a fazer excursões de pesca e caça por todo o país. Além disso, o estúdio mandava-o sempre para longe: para a Inglaterra, a Itália, o Novo México. Após termos passado anos longe um do outro, passávamos agora meses separados — e eu não fazia mais parte de uma enorme família. Dez dias antes do Natal de 1950, chamamos Helen Ferguson e pedimos a ela que preparasse uma declaração de divórcio para a imprensa.

Comprei uma casa menor e vendi a nossa casa, com todos os seus móveis. Quando lá fui pela última vez, o coração parecia querer estalar. Comecei a descer as escadas. Uma grande escuridão envolveu-me.

Quando abri os olhos, Helen estava à beira da minha cama, com o médico: — "Perdi meu marido" — murmurei, como se isso explicasse tudo. Esperava que ela me consolasse. Mas Helen, o rosto muito sório, disse apenas: — "E por que é que você se aflige tanto com isso? E' uma coisa muito comum. Acontece com muita gente!"

Senti vontade de matá-la. Virei a cabeça para o outro lado, a fim de não vê-la. Helen inclinou-se, porém, e disse, ao meu ouvido: — "Você é para mim a filha que eu nunca tive". — Helen tem um coração essencialmente maternal, apesar de sermos quase da mesma idade. Continuei com a cabeça voltada para o outro lado — mas como o mundo me parecia diferente!

Pela primeira vez na vida, ouvira alguém chamar-me "filha".

Gostaria de poder dizer que, desde êsse momento em diante, minha amargura desapareceu completamente, mas isso seria uma mentira. Sentia-me conformada, mas não de pazes feitas com a vida. Ia a festas, vestia-me elegantemente, ria muito, e falava talvez demais.

Foi então que Nancy Sinatra organizou um suprise-party para o dia dos meus anos. Quando vi os rostos sorridentes dos meus amigos, confesso que me irritei com aquela invasão da minha amargura. Afivelei, contudo, a minha máscara alegre.

Eu não queria abrir os presentes empilhados a um canto do living, mas êles me forçaram e eu tive de agradecer tôda aquela bondade. Até que cheguei ao presente de Helen. Não era nada caro. Era algo que ela tinha escrito — algo escrito à mão num pedaço de pergaminho e colocado numa moldura de prata. Intitulava-se: — "Oração para Barbara".

Antes mesmo de terminar a leitura, as comportas dentro de mim arrebentaram.

Mas as lágrimas eram doces e boas. Tôda a amargura se desfazia nelas. E eu não me sentia envergonhada de chorá-las, ali, em frente a todo o mundo. Talvez porque compreendesse que os que ali estavam reunidos eram todos meus amigos. Ou porque sentisse que não era mais a criança amargurada que precisava esconder-se num canto escuro para derramar as suas lágrimas.

No dia seguinte, ao ir à casa de Helen, encontrei Naná (êste é o nome que damos à maravilhosa mãe dela) rodeada de bonecas de todos os tipos e tamanhos. Pegava uma por uma e embrulhava-a cuidadosamente num pedaço de papel. Eu sabia que aquelas bonecas tinham sido da neta, mas resolvi brincar com ela: — "Naná, não acha que você está velha demais para brincar com bonecas?"

Ela olhou para mim com um sorriso e disse: — "A gente nunca é "velha demais" para gostar de uma boneca — ou para apreciar a vida. Você nunca teve uma boneca, não é verdade?"

— Não — respondi.

— Ah, — disse ela — é bem mais difícil e demorado crescer sem ter uma boneca.

Isso foi há três anos atrás. No Natal passado, o presente de Helen para mim foi uma boneca. Amarrado ao pulso, vinha um cartão, onde se lia: "Eu pertenço a Ruby Stevens".

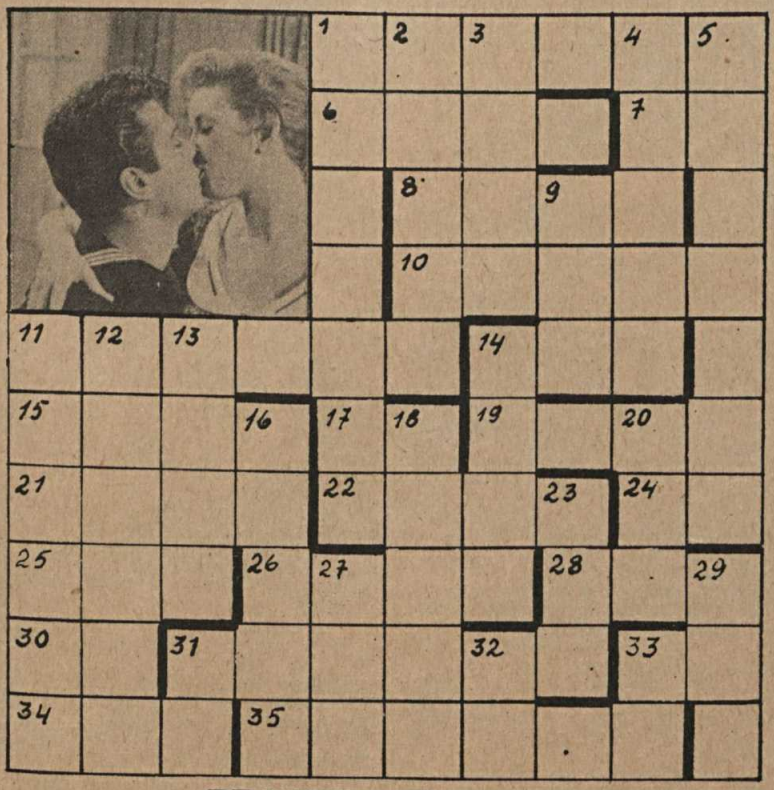
Ri, ri — e acabei chorando !

A minha primeira boneca ensinou-me muitas coisas: a ter confiança no futuro; a dar graças a Deus por tôdas as coisas que recebo; a rir de felicidade, e não apenas para mascarar a minha amargura; a trabalhar com mais entusiasmo; e a desejar tôda a felicidade dêste mundo a Bob e Ursula Taylor.

E eu agora me considero mentalmente adulta!

—— F I M ——

PALAVRAS CRUZADAS para os FÃS



PROBLEMA N.º 62

HORIZONTAIS: 1 — (Brando); astro do filme "O selvagem". 6 — (Ladd); estrelou o filme "Os brutos também amam". 7 — Letra grega. 8 — (Del Mar); do filme "Angu de caroço". 10 — (Martine); estrêla do filme "Noite de núpcias". 11 — (Castle); do filme "Destino implacável". 14 — (Dailey); estrelou o filme "O homem do dia". 15 — (Young); astro do filme "A felicidade estava perto". 17 — Espécie de tumor feito arrieira. 19 — (Vernon) estrêla do filme "Vivamos hoje". 21 — Antigo instrumento musical de cordas. 22 — Dota de ornamentos. 24 — Aragem. 25 — (Britt); do filme "A loba". 26 — (Robertson); do filme "Páginas da vida". 28 — Pedra (Tupi); 30 — O mesmo que EM. 31 — (Jean); estrelou o filme "Lança partida". 33 — Prefixo que denota falta, privação. 34 — (Millando); astro do filme "Lágrimas de mulher". 35 — (Fronzi); Vimo-la no filme "Guerra ao samba".

VERTICAIS: 1 — (Serato); do filme "Feitiço trágico". 2 — (Kelly); do filme "Francis na Academia". 3 — Extraordinária. 4 — (Welles); astro do filme "O terceiro homem". 5 — (Claude), do filme "Moulin Rouge". 9 — Cólera. 11 — (Lee), do filme "Jornada sangrenta". 12 — Nome da estrêla do filme "A sombra da outra". 13 — (Cooper); astro do filme "Jardim do Pecado". 14 — (Clark); astro do filme "O criminoso não dorme". 16 — (George); do filme "O grande espetáculo". 18 — (Richard); do filme "A rebelião dos piratas". 20 — (King Cole); vimo-lo no filme "A Gardênia Azul". 23 — Gemidos. 27 — Amarre. 29 — (Sothern); do filme "O segrêdo da boneca". 31 — Peter Young. 32 — Designação geral dos pequenos anuros. 33 — Seguia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 61

HORIZONTAIS: 1 — Marcia. 6 — Ilka. 8 — Al. 9 — Clark. 11 — Katy. 12 — A. N. 13 — En. 14 — Harvey. 18 — Sa. 20 — Yvon. 22 — Leo. 24 — Mel. 25 — Ai. 26 —Ray. 27 — Rush. 30 — Lloyd. 32 — Ali. 34 — Od. 35 — Day. 36 — David. 37 — Pa. 38 — Orson. 39 — Paget.

VERTICAIS: 1 — Mickey. 2 — Allan. 3 — Cary. 4 — Ia. 5 — Alan. 7 — Kath. 10 — Karl. 15 — Ana. 16 — Vera. 17 — Y. M. 18 — Se. 19 — Alida. 21 — Vilar. 23 — Ou. 25 — Aldo. 26 — Roy. 28 — Sid. 29 — Hope. 31 — Dan. 33 — Lia. 36 — Do.

É UM HORROR, MINHA GENTE!

(Conclusão da página 29)

MAS, AGORA, EIS que tinha de esquecer o juramento! Tinha de pisar novamente o palco! A primeira coisa que fêz foi procurar os autores do seu último "show" e encarregá-los de compor outro. Aos poucos, a coisa foi tomando forma. Mas Van não podia deixar de sentir ainda mais pânico, porque desta vez a platéia seria formada por gente de Hollywood — amigos, vizinhos, colegas seus. Se da primeira vez o mêdo de fracassar tinha sido terrível, que faria agora?...

Sua segunda providência foi procurar Frank Sinatra e pedir alguns conselhos a êsse veterano dos "shows": — Que maquilador você me aconselha? — perguntou.

— Nenhum. Não use maquilagem — respondeu Frankie. E Van, apesar das sardas, ficou mais sossegado.

O grande dia foi encontrar Van mais do que nervoso. Não conseguia comer. Não conseguia distrair-se. Não conseguia dormir. Estava tão pálido, que as sardas em seu rosto sobressaiam como manchas de tinta. Resolveu tostar-se um pouco ao sol. Deitou-se de cara para o sol, durante uma hora, na espreguiçadeira do jardim, e quando olhou no relógio, tinham-se passado apenas dez minutos! À tarde, pensou, acalmar-se com um chuveiro frio, mas ainda foi pior. E, a caminho do "Mocambo", parecia mais um condenado a caminho da cadeira elétrica.

Mas não pensem que aparecer no palco sempre foi um pesadelo para êle. Houve um tempo em que uma noite de estréia era a coisa com que Van mais sonhava — e com que, muitas vêzes, ia enganando o estômago.

VAN JOHNSON nasceu em Newport, no dia 25 de agôsto de 1916, e aos dez anos ainda cantava com o acento sueco dos seus antepassados. E Van cantava muito! Cantava enquanto aparava gramados; cantava enquanto aprendia com o pai, Charles Johnson, a consertar encanamentos; cantava a tôda hora. Como não podia deixar de ser, começaram a dizer-lhe que o que êle devia fazer era tentar o palco. Van, rapazinho compenetrado, levou a sério os conselhos, pôs-se em campo, e não tardou a ser "descoberto", a fazer pontas... e a passar fome.

Mas, mesmo passando fome e ganhando uma miséria, todo o mundo o estimulava tanto (com palavras) que êle não desistiu. Billy Rose, o dinâmico empresário olhou para o jovem Van — que fazia parte de um dos "shows" do Centenário do Texas — e disse: — "Dez rúivos dêsses cantando no côro, e poderíamos mandar os outros mil "chorus boys" embora!

Van também cantou com um grupo chamado "Eight Men of Mannhattan" — êle era o oitavo dos oito homens — e a pequena do grupo, uma cantora então desconhecida chamada Mary Martin, assegurou-lhe: — "Rapaz, você está indo muito bem"!

Em vista disso, êle continuou a cantar, a cantar, e a cantar, até que seu belo físico de 1 metro e 88 de altura se reduziu a um esqueleto... e a um esqueleto dos magros. Em 1937, quando tinha atingido a adulta idade de vinte e um anos, conseguiu um emprêgo relativamente bom: cantar no côro masculino da grande revista "New Faces of 1937".

A revista teve muito êxito, Van foi novamente "descoberto" e presenteado com um papel bem maior no côro de uma peça da Broadway, "Pal Joey". Nesse tempo, as noites de estréia não lhe metiam nenhum mêdo. Van falou pela primeira vez em cena, e cantou tão bem que Hollywood não perdeu tempo: contratou-o para um dos papéis do filme "Murder In The Bighouse".

Se fôsse hoje em dia, Van teria feito o papel com a maior facilidade, mas naquele tempo era a mesma coisa que pedir a um escoteiro para substituir Al Capone. O resultado foi que, terminado o filme, Van teve de voltar a comer os seus costumeiros cachorros-quentes — (um de manhã, outro fazendo as vêzes de almoço e um terceiro fazendo as vêzes de jantar), até que um dia Lucille Ball, outra que tinha lutado muito e com quem êle tinha trabalhado em revistas, lhe disse: — "Escute, sei de um lugar onde talvez precisem de você!"

Precisavam, realmente, de um jovem ator para um papel em "The War Against Mrs. Hadely", na Metro. Êsse filme foi a chave do sucesso. Com ela, Van penetrou definitivamente em Hollywood.

E QUE FOI QUE HOLLYWOOD DEU a Van Johnson? Apenas fama, fortuna, e uma carreira triunfal, para não falar no sucesso da sua vida particular. De verdadeiramente desagradável, só um desastre de automóvel, ocorrido em março de 1943, quando Van, que guiava o seu carro, acompanhado de Keenan e Evie Wynn, ficou gravemente ferido no choque com um outro carro. Van passou três meses no hospital, e todo o sangue que tinha doado para a Cruz Vermelha voltou às primitivas veias. Além disso, tiraram-lhe um pouco de ôsso e um pouco de tecido do braço, para enxertar no ferimento da testa.

Foi em vista dêsses ferimentos que as Fôrças Armadas não o aceitaram. Mas isso não impediu que êle fizesse filme de guerra inesquecíveis, tais como "G. I. Joe" e "Trinta Segundos sôbre Tóquio".

Depois dêsses dois filmes, as adolescentes americanas tomaram-se de loucura coletiva por Van. Corriam atrás dêle, gritavam o nome dêle, escreviam-lhe mais de 50.000 cartas por mês. Nem mesmo Frank Sinatra — por quem as meninas desmaiavam — podia competir. Frankie ainda não era então ator de cinema, e sim apenas uma voz romântica que se ouvia pelo rádio, em discos, ou mais de perto, em frente a um microfone. Mas Van Johnson era visto nas telas de todos os cinemas, mesmo nos cineminhas improvisados dos lugarejos mais remotos. E tinha a vantagem de ser igualzinho, de ter o mesmo número de sardas, na tela e fora dela.

O sossêgo e a intimidade de um lar eram coisas que Van, naqueles dias, não conhecia. Em compensação, sabia o que era ser acordado — e os vizinhos também — por uma turma de jovens fans, gritando: — "Queremos Van! Queremos Van"! — cantilena que era acompanhada de punhados de terra batendo nas suas venezianas. Não admira que êle procurasse o refúgio de um quarto de hotel.

Os dias de adolescência de Van ainda estavam perto, e êle também tinha tido os seus ídolos — embora nunca chegasse a tais extremos — e aceitava tôdas aquelas manifestações sem perder o bom-humor. A única coisa que não compreendia era suas fans poderem crescer e casar e não permitirem a êle fazer o mesmo. Quando, em 1947, Van anunciou que se ia casar, até mesmo as fans já casadas e mães de família, protestaram indignadas contra o fato de êle "pretender abandoná-las". E o pobre Van pensava que desde os dez anos estava vivendo sòzinho, sem lar... Por quê não havia de ter direito ao casamento? Não, as fans estavam exigindo demais!

Enquanto isso, Van e Evie Wyn planejavam casar-se (os Wynns, que eram os maiores amigos de Van, tinham-se divorciado, e Evie e Van descoberto que se amavam). No dia 25 de janeiro de 1947, numa simples cerimônia em Juarez, no México Van ganhou uma espôsa e um casal de meninos encantadores, além de não perder o bom amigo Keenan.

A 6 de janeiro do ano seguinte, nasceu-lhes a pequena Schuyler Van Johnson. Desta vez não houve revolução. As fans reagiram bem ao "choque" e suas mamães começaram até a simpatizar com o sardento ídolo, pai de três filhos.

A adoração por Van chegou a tal ponto, que diversos psicanalistas resolveram tomar nota do fenômeno. Até então os galãs da tela idolatrados pelas mulheres tinham sido sempre astros do tipo romântico e arrebatador, como Rodolfo Valentino, Clark Gable, e Robert Taylor. Na enorme popularidade de Van, com seu sorriso simples, suas sardas, e seus cabelos vermelhos, viam êles uma saudável tendência do público feminino "a aceitar os homens como êles realmente são".

QUEM MAIS PODERIA querer um ator de cinema? Não só era aceito por milhões de fans, como era, ainda, aprovado por psicanalistas!

Bem, havia uma coisa mais que Van gostaria de alcançar: formar por exemplo, ao lado de um Spencer Tracy, de um Humphrey Bogart, de um Gary Cooper, de um Jimmy Cagney, formar ao lado dos atores dramáticos. Foi disposto a lutar por essa ambição que Van deixou a Metro, onde já era quase uma instituição, e se lançou no ambiente de competição e do vence-quem-tem-mais-talento dos "free-lancers". Não demorou para que Stanley Kramer — que nunca esquecera o admirável desempenho de Johnson em "Trinta Segundos Sôbre Tóquio" — lhe oferecesse o papel de Maryk em "The Caine Mutiny".

O papel era extremamente difícil e violento. Além disso, Van teria de contracenar quase sempre com um ator do calibre de Humphrey Bogart, acostumadíssimo a fazer filmes do tipo de "The Caine Mutiny". — O mêdo era grande — confessa êle — mas eu tinha de provar a mim mesmo, que era capaz de representar um papel sério. Se falhasse, voltaria para sempre aos musicais e aos filmezinhos românticos.

Van Johnson, entretanto, esteve longe de falhar. Vivendo Maryk, convenceu aos outros — e a si mesmo — de que era capaz de medir-se com os grandes atores dramáticos de Hollywood.

Mas o segundo teste foi horrível para Van: Os "nightclubs" de Las Vegas estavam contratando os maiores talentos do país, e cada clube procurava ultrapassar os outros e apresentar os melhores "shows". Qualquer astro capaz de fazer sucesso e resistir à intensa competição de Las Vegas, poderia estar certo de ser bem sucedido em todos os demais lugares do mundo. E era justamente êsse teste que Van queria experimentar. Ajudado por compositores seus amigos, Van preparou um "show" composto de um pouco de canto, um pouco de sapateado, algumas piadas — e muito de Van Johnson. O triunfo foi enorme. Van repetiu a proeza em Chicago e os aplausos também se repetiram. Mas nem assim êle se achou plenamente compensado.

— Os críticos foram ótimos, o público era maravilhoso, mas tôdas as noites eram para mim como a noite de estréia. Queria acostumar-me, mas não conseguia. Suava frio tôdas as noites, principalmente nos últimos minutos que precediam ao "show". Quando terminei a temporada em Chicago, jurei para mim mesmo nunca mais enfrentar uma platéia.

Firme nessa determinação, Van chegou até a recusar muitas ofertas para fazer esplêndidos papéis em peças teatrais.

Como ator de cinema, êle estava completamente outro Van Johnson. Voltou mais uma vez à Metro, para estrelar "A última vez que vi Paris", e depois foi para Londres, a fim de fazer "The End Of The Affair", com Deborah Kerr. Ambos requeriam uma grande interpretação, principalmente o último, que é baseado num romance de Graham Greene e trata de um tema religioso. Mas tentar o teatro era algo impossível para êle.

Dessa maneira, Van sentia que não vencera ainda o seu segundo teste. Ainda não se tinha transformado completamente no novo Van Johnson que deveria substituir o antigo. Ainda tinha mêdo de enfrentar o público.

Foi então que Charlie Morrison caiu doente, e o destino deu a Van uma segunda chance de passar no teste.

Van diz que nem se lembra do que aconteceu na noite de estréia: — Lembro-me apenas de chegar ao "Mocambo" e subir as escadas para o meu camarim.

O PÚBLICO PRESENTE, entretanto, lembra-se de um "show" inesquecível. Um "show" de quarenta minutos, que terminou com "bravos", aplausos frenéticos e pedidos de bis.

Quando Van acabou de bisar, sabia que deixara finalmente de ser um ídolo a mais, para ser um ator em tôda a extensão da palavra. Agora sim, era um novo Van Johnson, sem mêdo de enfrentar qualquer platéia e pronto a aceitar qualquer papel que fôsse bom!

O primeiro papel que êle aceitou foi num filme a ser rodado em Nova York: "Miracle In The Rain", para a Warner. Depois disso, irá a Austria, representar no palco em "Rosalinda", peça que faz parte do Festival de Salzburg.

Mas não é só. Diàriamente chegam "scripts" e ofertas de papéis para o novo Van Johnson — para o Johnson que cantou "The Old Actor's Dream" (O sonho do velho ator), em sua estréia no "Mocambo".

— FIM —

AIMÉE-
a notável estrêla do Teatro e da TV - afirma:

"Para minha filhinha, que tem a pele fina e delicada, escolhí com cuidado o sabonete mais suave - escolhí Eucalol, que é também o meu sabonete".

se você comparar, também concluirá que:

tanto para a "mamãe" como para o "bebê"...
é muito superior o balsâmico Sabonete

Se o Saboneto Eucalol é bom para o seu "bebê", ainda é melhor para você. Eucalol é muito mais embelezador graças às suas balsâmicas essências de eucalipto. Eucalol deixa no corpo uma refrescante sensação de bem estar. É também muito mais econômico porque vai até o fim sem rachar. Compare... e escolha o superior Sabonete Eucalol!

Após o banho do seu bebê com o balsâmico Sabonete Eucalol, lembre-se sempre do Talco Eucalol. Um *pede* o outro. E ambos dão ao corpo um longo e permanente frescôr. Levemente perfumado, o Talco Eucalol protege ainda a pele do bebê das brotoejas, assaduras e irritações. Ao mudar a fralda do seu filhinho, aplique sempre o Talco Eucalol.

Aimée é a festejada rainha do "vaudeville" no Teatro Brasileiro. Ela tem obtido triunfos notáveis com suas peças chistosas, com fundo social e de maliciosa ingenuidade. Mas acima de tudo, é mãe dedicada da linda menina Rosa Aimée. O seu sabonete embelezador — e também protetor da pele delicada da filhinha — é o balsâmico Eucalol.

Sabonete
Talco
Creme Dental

Eucalol

a trinca de saude... bem estar e higiene de tôda a família

PRODUTOS DA PERFUMARIA **MYRTA S. A.** — RIO DE JANEIRO

Record 3.050

Quando gente moça se reune

(no trabalho)

está presente o

GUARANÁ
Champagne
da
ANTARCTICA